

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social**

**PAULO VITOR DE SOUZA**

**PARA CONTEXTUALIZAR E APROFUNDAR?: participação de especialistas em**  
*podcasts jornalísticos*

**Belo Horizonte**

**2024**

**PAULO VITOR DE SOUZA**

**PARA CONTEXTUALIZAR E APROFUNDAR?: participação de especialistas em  
*podcasts* jornalísticos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.  
Linha de Pesquisa: Textualidades Midiáticas

Orientador: Bruno Souza Leal

**BELO HORIZONTE**

**2024**

301.16 Souza, Paulo Vitor de.  
S729p Para contextualizar e aprofundar? [manuscrito] :  
2024 participação de especialistas em podcasts jornalísticos / Paulo  
Vitor de Souza. - 2024.  
109 f.  
Orientador: Bruno Souza Leal.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1.Comunicação – Teses.2. Especialistas – Teses.  
3. Jornalismo – Teses. I. Leal, Bruno Souza Leal.  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III .Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**"PARA CONTEXTUALIZAR E APROFUNDAR?: participação de especialistas em podcasts jornalísticos."**

**PAULO VITOR DE SOUZA**

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia vinte e sete de junho de dois mil e vinte e quatro, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof. Bruno Souza Leal - Orientador  
DCS/FAFICH/UFMG

Prof. Elton Antunes  
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Nicoli Glória de Tassis Guedes  
UFU

Prof. Igor Lage Araújo Alves  
UFMG

Belo Horizonte, 27 de junho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Souza Leal, Professor do Magistério Superior**, em 27/06/2024, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elton Antunes, Professor do Magistério Superior**, em 05/07/2024, às 22:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nicoli Gloria De Tassis Guedes, Usuário Externo**, em 08/07/2024, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Igor Lage Araújo Alves, Usuário Externo**, em 08/07/2024, às 20:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3299260** e o código CRC **DDBE0502**.

*A todos que trabalham pelo bem do mundo.*

*Nos encontraremos pela vida.*

## AGRADECIMENTOS

*Lembro que desde o início da graduação eu tinha o objetivo de um dia entrar para o mestrado. Isso se concretizou em 2022. Chegar até aqui, em vias de me tornar mestre pela UFMG, sem dúvida nenhuma é um respiro depois de um percurso tão solitário e desafiador. Conciliei trabalho, estudos e pré-campanha em boa parte do tempo de produção desta dissertação. Ordenar meus transtornos de atenção e ansiedade e conseguir colocar de pé a pesquisa só foi possível graças a pessoas que tive ao meu lado, na trincheira. São muitos os que preciso agradecer.*

*Aos meus pais — que com amor e outras formas — têm financiado meus sonhos e projetos desde que saí de casa em 2016. Às minhas irmãs Sara e Mariana pelo companheirismo de sempre. Ao Lohan Francisco, meu afilhado, pela alegria que traz à nossa família diariamente. À tia Preta pelo carinho e zelo incondicionais.*

*Ao PPGCOM da UFMG, pela excelência na formação e no incentivo à pesquisa em Comunicação. Ao Bruno Leal, meu orientador, pela paciência e cuidado. Devo a ele grande parte deste trabalho. Nestes dois anos de pesquisa, sempre encontrei nele direcionamentos valiosos. Sua presença constante e sempre muito gentil foi muito importante para que eu vencesse minhas preocupações e imaturidades no decorrer da caminhada.*

*Aos companheiros do grupo de pesquisa Tramas Comunicacionais pelas trocas incríveis. Sempre admirei o comprometimento de todos e o nível das discussões. Aos colegas da turma: Aline, Raabe, Eduardo, Henrique, Hugo e Fred pelas discussões e angústias compartilhadas nos primeiros períodos do curso.*

*Ao amigo Túlio Careli, que em 2022 não me deixou desistir do mestrado, quando essa já era uma decisão quase tomada. À Laura, por me ajudar com a revisão do texto. Aos amigos companheiros de coração e vida: Rafael Malta, Karol, Fernanda, Daniel, Lohanna, Lethícia, Dafne, Samara, Edvânia e vários outros. Vocês foram a força que eu precisava em vários momentos da caminhada. Os amo imensamente!*

*Aos amigos do Instituto de Planejamento e Gestão de Cidades (IPGC) pelo apoio e anos que passamos juntos.*

*A Deus, causa da minha alegria e a quem tudo pertence.*

## RESUMO

A presente dissertação buscou caracterizar o especialista nas narrativas dos *podcasts* jornalísticos *Café da Manhã* (Folha de S. Paulo), *O Assunto* (g1) e *Viva Voz* (CBN). O objetivo foi identificar quais os papéis dos especialistas nesses programas, refletindo sobre as dinâmicas de legitimidade e autoridade que os constituem. Para a observação do fenômeno, a pesquisa utilizou operadores para apreender quem são os/as especialistas convocados para a narrativa, sua relação com a pauta e apresentadores e a diferença de tratamento dado a esse agente entre os programas escolhidos. Nota-se que os/as especialistas operam sob diferentes estatutos no jornalismo. Especialistas acadêmicos proporcionam ancoragem técnico-científica à narrativa. Os jornalistas especializados atuam na complementação da informação, lembrando o papel de repórteres e setoristas. O especialista testemunhal traz aspectos de uma experiência direta-testemunhal, com a mobilização de memórias em torno de um acontecimento. O percurso analítico desta dissertação identificou nos/nas agentes especialistas uma tentativa porosa do jornalismo de se legitimar em seu protagonismo na produção e difusão social da informação.

Palavras-chave: Especialista; Credibilidade; Legitimidade; *Podcasts*.

## **ABSTRACT**

This dissertation sought to characterize the expert in the narratives of the journalistic podcasts *Café da Manhã* (Folha de S. Paulo), *O Assunto* (g1) and *Viva Voz* (CBN). The aim was to identify the roles of experts in these programs, reflecting on the dynamics of legitimacy and authority that constitute them. In order to observe the phenomenon, the research used operators to find out who the experts are who are called into the narrative, their relationship with the agenda and presenters and the difference in treatment given to this agent between the programs chosen. It can be seen that experts operate under different statuses in journalism. Academic experts provide a technical-scientific anchor to the narrative. Specialized journalists complement the information, recalling the role of reporters and sector specialists. The testimonial expert brings aspects of a direct-testimonial experience, with the mobilization of memories around an event. The analytical path of this dissertation has identified specialist agents as a porous attempt by journalism to legitimize its leading role in the production and social dissemination of information.

**Keywords:** Expert; Credibility; Legitimacy; Podcasts.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Como a audiência ouve <i>podcasts</i> (ABPod - 2020) .....	15
<b>Figura 2:</b> Audiência de programas <i>podcasts</i> por hora na plataforma <i>Spotify</i> .....	16
<b>Figura 3:</b> Consumo por categoria de hora em hora na plataforma <i>Spotify</i> . .....	17
<b>Figura 4</b> - Magê Flores, apresentadora do <i>Café da Manhã</i> . .....	25
<b>Figura 5</b> - Gustavo Simon, apresentador do <i>Café da Manhã</i> . .....	26
<b>Figura 6</b> - Gabriela Mayer, apresentadora do <i>Café da Manhã</i> . .....	27
<b>Figura 7</b> - Natuza Nery, apresentadora do O Assunto. ....	29
<b>Figura 8</b> - Vera Magalhães, comentarista do Viva Voz. ....	31
<b>Figura 9</b> - Carolina Morand, apresentadora do Viva Voz. ....	32
<b>Figura 10</b> - Rodrigo Bocardí, apresentador do Viva Voz. ....	32
<b>Figura 11</b> - Imagens de telejornais com especialistas na <i>GloboNews</i> e <i>CNN</i> . ....	38
<b>Figura 12</b> - Duas reportagens no Correio Braziliense em 31 de dezembro de 1989. ....	44
<b>Figura 13</b> - Reportagem Folha de S. Paulo, 26 de setembro de 2023. ....	70
<b>Figura 14</b> - Reportagem de Alexa Salomão em 1º de outubro de 2023. ....	75

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Estrutura do <i>Café da Manhã</i> , Folha de S. Paulo. ....	22
<b>Tabela 2</b> – Estrutura do <i>O Assunto</i> , g1. ....	28
<b>Tabela 3</b> – Estrutura do <i>Viva Voz</i> , rádio CBN. ....	30
<b>Tabela 4</b> - Intervalo de análise dos episódios e divisão por semanas. ....	59
<b>Tabela 5</b> - Relação de programas, episódios, entrevistas e datas de lançamento. ....	60

## SUMÁRIO

<b>PODCASTS JORNALÍSTICOS E ESPECIALISTAS: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 DO RÁDIO À INTERNET: ORIGEM E PREVALÊNCIA DO PODCAST NO BRASIL</b> .....	<b>15</b>
1.1 Caminhos e escolhas.....	20
1.2 O podcast mais importante do seu dia: Café da Manhã (Folha de S. Paulo).....	23
1.3 Da redação do g1, eu sou Natuza Nery e o assunto hoje é.....	29
1.4 Viva Voz, com Vera Magalhães (CBN).....	31
<b>2. O JORNALISMO DE ESPECIALISTAS</b> .....	<b>35</b>
2.1. O especialista no jornalismo.....	37
2.2. Especialista: alguns aspectos gerais .....	48
<b>3. ESPECIALISTAS EM PODCASTS JORNALÍSTICOS: MODOS DE APROXIMAÇÃO</b> .....	<b>59</b>
3.1. A presença do especialista nas narrativas de <i>podcasts</i> jornalísticos .....	65
3.1.1 Café da Manhã.....	65
3.1.2 O Assunto .....	79
3.1.3 Viva Voz.....	95
3.2 Algumas considerações .....	100
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>107</b>

## **PODCASTS JORNALÍSTICOS E ESPECIALISTAS: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO**

Desde que comecei a pesquisa sobre especialistas no jornalismo, uma mídia específica tem me chamado a atenção. Por ser um consumidor diário de *podcasts*, encontrei neles algo, que a meu ver, seria interessante observar: as relações instauradas entre o jornalismo e esses agentes integrantes da narrativa da notícia dando a ela contexto e profundidade. Há anos tenho ocupado meus deslocamentos diários na cidade com a escuta de dois *podcasts* jornalísticos: *O Assunto*, do g1, e o *Café da Manhã*, da Folha de S. Paulo. A partir do início da pesquisa, passei a ouvir mais esse tipo de produto jornalístico, programas que, para mim, escapavam à lógica de produção de grandes conglomerados jornalísticos, com um modo de produção da notícia diferente do encontrado na televisão. No exercício de escuta, reparei que, nesses *podcasts*, apresentadores carregam diferenças muito claras na mediação, possuem organizações temáticas bastante distintas, mas, em todos os episódios, lá estão especialistas, todos os dias.

Assim, esta dissertação tornou-se o produto de uma caminhada intensa. Foram mais de dois anos de leitura, orientações, aulas e discussões muito frutuosas no grupo de pesquisa Tramas. Até chegar ao escopo da discussão feita aqui, levantamos vários questionamentos sobre os agentes especialistas. Testamos várias abordagens e deixamos outras tantas pelo caminho.

No projeto de ingresso, minha temática era completamente diferente. O desejo era investigar os modos de endereçamento do *reality show* culinário *Masterchef*. No decorrer dos seminários e leituras do primeiro semestre, fui perdendo o interesse pelo tema, já que meu trabalho de conclusão da graduação também abraçou essa discussão.

No início do segundo semestre de 2022 estava eu diante do desafio de escolher um novo assunto da dissertação. A certeza naquele momento era de que a pesquisa seria relacionada ao jornalismo e suas diversas relações. Com o auxílio precioso das orientações, descobri, na minha experiência pessoal de escuta assídua de *podcasts* jornalísticos, um novo objeto. A utilização de especialistas todos os dias nesses programas já me chamava a atenção. Lembro de que nos meus deslocamentos sempre ficava curioso para saber quem era o convidado do *Café da Manhã* e do *O Assunto*. Aquele era o momento diário de me informar sobre o que estava em discussão no dia.

O primeiro semestre de 2023 foi marcado por intensas leituras e busca ativa por estudos acadêmicos com objeto de análise que pudéssemos relacionar aos especialistas. Depois de muita busca, concluímos que a relação do jornalismo com seus especialistas ainda não tinha sido parte

de interesse de estudos em comunicação. Essa era a oportunidade de inaugurarmos uma discussão de certa forma até óbvia. A leitura de textos fundadores e as discussões das orientações me ajudaram a encontrar uma forma de inquirir o fenômeno da pesquisa. O primeiro passo seria o de assistir telejornais, acessar notícias da *web*, ler notícias de impressos e ouvir programas radiofônicos jornalísticos. Naquele momento precisaríamos caracterizar minimamente a utilização desses agentes da notícia. Foi necessário ainda tomar certo cuidado científico para não categorizar os especialistas logo de partida, o que poderia representar um empobrecimento da nossa reflexão.

Ao apreender certas regularidades do/da especialista nas narrativas jornalísticas observamos ali certas potencialidades. O projeto apresentado e aprovado no Seminário da Linha de Pesquisa das Textualidades Midiáticas, possuía fortes tendências de uma categorização limitante desse agente. Precisaríamos falar mais do especialista, do que representava para as discussões da notícia, sobre qual chave poderíamos utilizar para acessá-lo na discussão, entre outros aspectos. A solução para isso seria mergulhar mais profundamente. Colhemos então uma série de abordagens para nos ajudar a refletir melhor o especialista: a busca histórica desse agente em jornais impressos antigos, a polifonia, o problema da verdade no jornalismo, a nova epistemologia da notícia, entre outras discussões que compõem ou compuseram o arcabouço teórico dessa dissertação.

No fim de 2023 submetemos os dois primeiros capítulos da dissertação à banca de qualificação. Várias lacunas foram encontradas num texto ainda necessitado de unidade e de um cuidado maior com o fenômeno de pesquisa. Dali saíram apontamentos fundamentais para a reorganização da nossa discussão. Seria necessário diferenciar o especialista do jornalista especializado, relacionar a utilização do especialista a uma sociologia do trabalho jornalístico, tensionar o conhecimento produzido por esses agentes na narrativa radiofônica, entre outras abordagens.

Após esse passo de evolução, e depois de ter colhido várias orientações valiosas, chegamos a uma estrutura possível para esta pesquisa. Nossa reflexão sobre o/a especialista está inserida no jornalismo de referência, no grande jornalismo, de grandes conglomerados tipo Globo e Folha de S. Paulo. No nosso sentir, conseguimos inaugurar algumas discussões sobre as diferentes inserções dos/das especialistas na notícia. Representam interesses e objetivos distintos; influenciam e são influenciados pela mídia informativa; se comportam de maneiras díspares em relação à pauta; comportam-se de modos distintos em relação à mediação dos programas.

No primeiro capítulo, apresentamos e contextualizamos as ambições desta dissertação, apresentando os objetivos e justificativas do trabalho. Além disso, discutimos algumas conceituações acerca dos programas *podcasts*, a tendência de alta no consumo do produto e sua relevância na atual paisagem midiática. Sem a pretensão de esgotar a discussão sobre um *podcast*, entendemos que a análise das relações de *podcasts* jornalísticos com agentes especialistas pôde indicar movimentos do jornalismo até então rarefeitos nas pesquisas em comunicação. No segundo capítulo, embasamos teoricamente nossas perspectivas sobre o especialista a partir de discussões macro do jornalismo. Por fim, no terceiro capítulo, aproximamos os programas escolhidos e seus modos de convocação desses agentes. No nosso esforço de observação, aferimos que especialistas são convocados de modos distintos no interior das narrativas jornalísticas, de acordo com a intenção de cada mídia informativa. Esses agentes obedecem a estatutos também diferentes, como iremos identificar nas participações de especialistas nos três programas escolhidos como objeto por esta dissertação.

## 1 DO RÁDIO À INTERNET: ORIGEM E PREVALÊNCIA DO *PODCAST* NO BRASIL

Falcão e Temer (2019), ao discutirem o *podcast* como gênero jornalístico, afirmam que não existe um consenso na definição do que ele é. Embora o formato tenha sido encarado como um produto estendido do rádio, atualmente tais programas consolidam sua popularidade por meio da internet. Essa divisão entre rádio e internet significou um estranhamento inicial na localização do *podcast* enquanto produto de mídia. Segundo Ferraretto (2007), a inclusão do *podcasting* nas novas possibilidades de radiodifusão é um aspecto polêmico. Sobre isso, a Enciclopédia Intercom de Comunicação (2010), quando se refere ao rádio, observa que:

de início, suportes não-hertzianos como web rádios ou *podcasting* não foram aceitos como radiofônicos por parcela significativa da comunidade científica brasileira. Dentro do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, ocorreram debates intensos, opondo a visão singular à plural. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada.

Ferraretto (2007) considera o *podcast* como uma modalidade do rádio, produzido sob demanda. Segundo ele, o formato anteriormente figurado como sequências de músicas do gosto do ouvinte ou monólogos em formato de *áudio blogs*, está agora mais sofisticado do ponto de vista técnico, integrando “loquções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas” (Kischinhevsky, 2018, grifo nosso).

Em uma análise da história do *podcasting*, Tiziano Bonini (2015) defende que o modelo está em nova fase do processo de evolução, e seu mercado já não é apenas complementar ao rádio, mas alternativo, com produções cada vez mais profissionalizadas, transformando-se em uma prática comercial e de consumo de massa cujos primeiros modelos de negócio datam de 2012 nos Estados Unidos. Embora a nova fase (chamada pelo autor de segunda onda) do modelo de negócios em *podcasts* apontada por Bonini seja caracterizada pelo aumento da tração comercial, no Brasil, tais programas não estão exclusivamente vinculados a interesses mercadológicos. A produção nacional se pulveriza em outros fins, como os educacionais, por exemplo. Embora vários programas presentes em plataformas de *streaming* sejam produtos de grandes conglomerados de mídia, boa parte dos *podcasts* é produzida voluntariamente por amadores, entusiastas e organizações não tradicionais nos meios de comunicação. Isso faz com

que, segundo Bonini, pessoas e grupos independentes tenham acesso às suas próprias estações de rádio (2015, p. 21). A ideia de democracia e fácil acesso que rodeou o rádio também parece ter alcançado o *podcast*, certamente por causa da facilidade de reprodução e distribuição desse tipo de produto. Sobre essa retórica contemporânea de desenho das novas tecnologias da informação como mais democráticas, Bonini (2015) afirma que ela é semelhante ao discurso das fases iniciais de outros meios de comunicação, como a internet no início dos anos 1990.

Caracterizados pelo baixo custo de produção, presença de recursos técnicos sonoros, curta periodicidade, maior liberdade de temas e linguagem mais acessível, os *podcasts* estão em ascensão no Brasil. Segundo estimativa do Ibope, em 2023<sup>1</sup>, mais de 34 milhões de pessoas consumiram esse tipo de conteúdo no país. Em números absolutos, isso quer dizer que quase 8% da população tem ou já teve alguma experiência com eles. Impulsionado pela pandemia da Covid-19, o mercado de *podcasts* nunca esteve tão aquecido: o setor de economia criativa, no qual a indústria de *podcasts* está inserida, é responsável atualmente por 3% do PIB brasileiro, movimentando cerca de 170 milhões de reais ao ano no Brasil.

A pesquisa de perfil de ouvintes da Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), com primeiros resultados em março de 2020, revelou um aumento significativo no consumo de *podcasts* no Brasil. Não encontramos nenhum outro levantamento mais recente e confiável que apontasse as dinâmicas do consumo e produção de *podcasts* em território nacional. A pesquisa da ABPod parece ser o último estudo independente desse público, sem parceria com alguma plataforma de *streaming*.

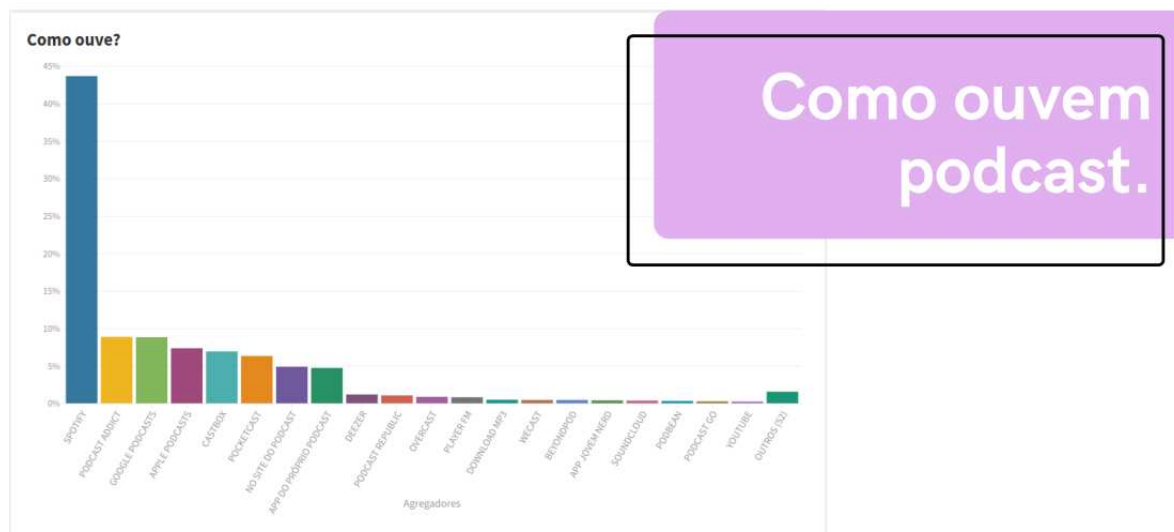
O levantamento mostra que embora o consumo tenha escalado em todo o país, especialmente na Região Sudeste, destaca-se um notável crescimento no Nordeste, com ênfase para o estado do Ceará. A pesquisa oferece alguns recortes do público consumidor desse tipo de programa, incluindo seu perfil socioeconômico e demográfico, hábitos de consumo, interesses e preferências, bem como sua relação com marcas e publicidade. A idade média do ouvinte diminuiu de 29 para 28 anos, sendo em sua maioria solteiros. Quanto à escolaridade, a pesquisa concluiu que 31% das pessoas possuem Ensino Superior completo, 30% possuem Ensino Superior incompleto, 19% concluíram Pós-Graduação, 12% possuem Ensino Médio, 7% afirmaram ter Pós-Graduação incompleta, enquanto 1% possui Ensino Fundamental e outros 1% não informaram sua escolaridade.

---

<sup>1</sup> Disponível em >

O *Spotify* era a plataforma de áudio mais utilizada para se ouvir *podcasts*, alcançando na pesquisa cerca de 45% da preferência dos entrevistados.

**Figura 1** - Como a audiência ouve *podcasts* (ABPod - 2020)



**Fonte:** Associação Brasileira de Podcasters - Pod Pesquisa 2019 -2020 (Análises e Resultados).<sup>2</sup>

O provedor sueco é um dos maiores do mercado de áudio e, em novembro de 2023, possuía mais de 5 milhões de programas disponíveis e mais de 100 milhões de ouvintes em todo o mundo, segundo a própria empresa em estudo publicado no Dia Internacional do Podcast, 30 de novembro (2023).

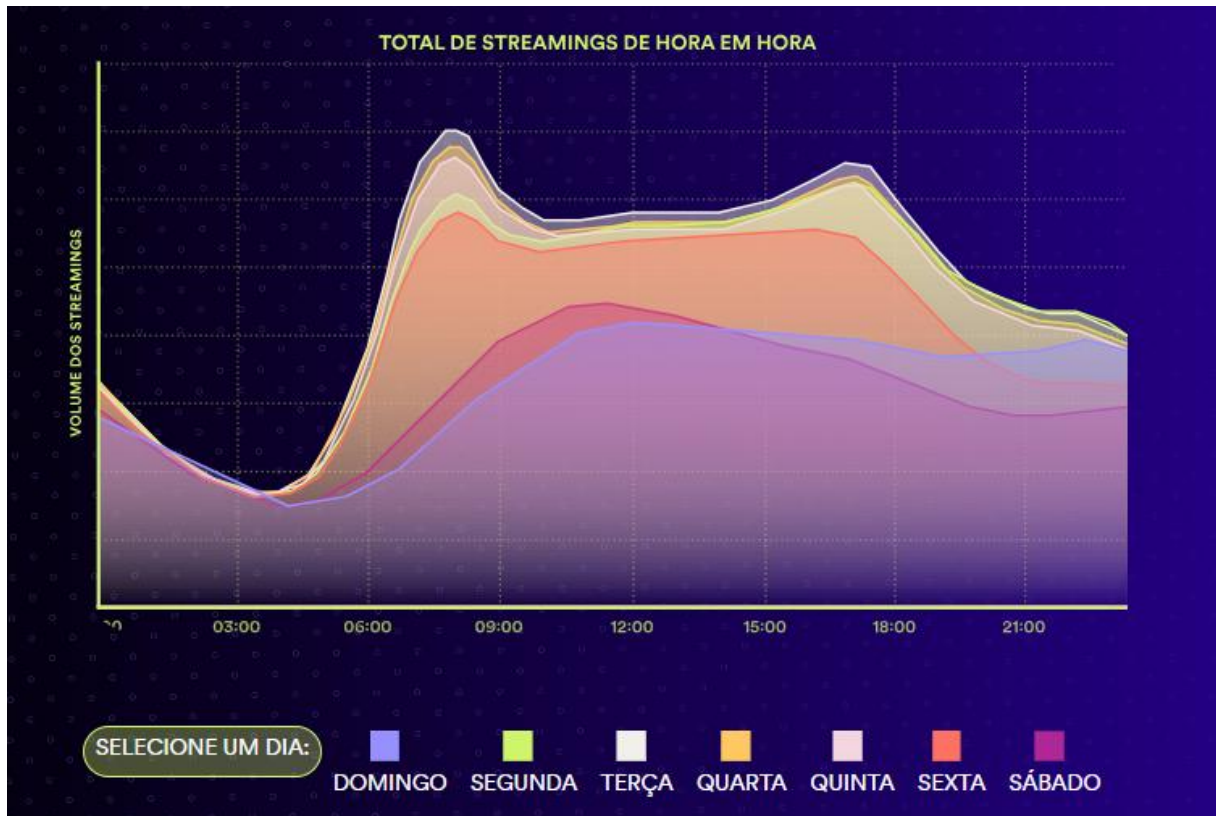
Sobre interesses e preferências a ABPod mostrou que em 2020, programas com temáticas voltadas à Cultura Pop cresceram mais de 13% em relação ao levantamento anterior. Humor, Comédia, Ciência, História e Política também despertam o interesse de grande parte dos ouvintes. Os programas de maior audiência da pesquisa, naquele ano, eram: *Nerdcast*, *Gugacast*, *Mamilos*, *Xadrez Verbal*, *Anticast*, *Projeto Humanos*, *Não ouvo*, *Braincast*, *Matando robôs gigantes*, *Poucas*, *Eu tava lá*, *Naruhodo*, *Scicast*, *Foro de Terezina*, *Rapaduracast*, *Mundo Freak*, *Hoje tem podcast*, *Um milkshake chamado Wanda*, *Decrépitos* e *Café da Manhã*.

Em novembro de 2023, o Fan Study - levantamento sobre consumo de áudio do *Spotify*, traçou algumas características e comportamentos de ouvintes, além de tendências emergentes do setor de *podcasts* da plataforma. O estudo apontou que a maior parte da audiência dos

<sup>2</sup> Disponível em <<https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2024.

programas está concentrada durante a semana, sendo 78% de segunda a sexta-feira e 22% nos fins de semana. Os picos de audiência de segunda a sexta estão situados nos horários de deslocamento, 8h e 17h. Aos fins de semana, o público prefere os horários de 11h e 12h.

**Figura 2:** Audiência de programas *podcasts* por hora na plataforma *Spotify*.

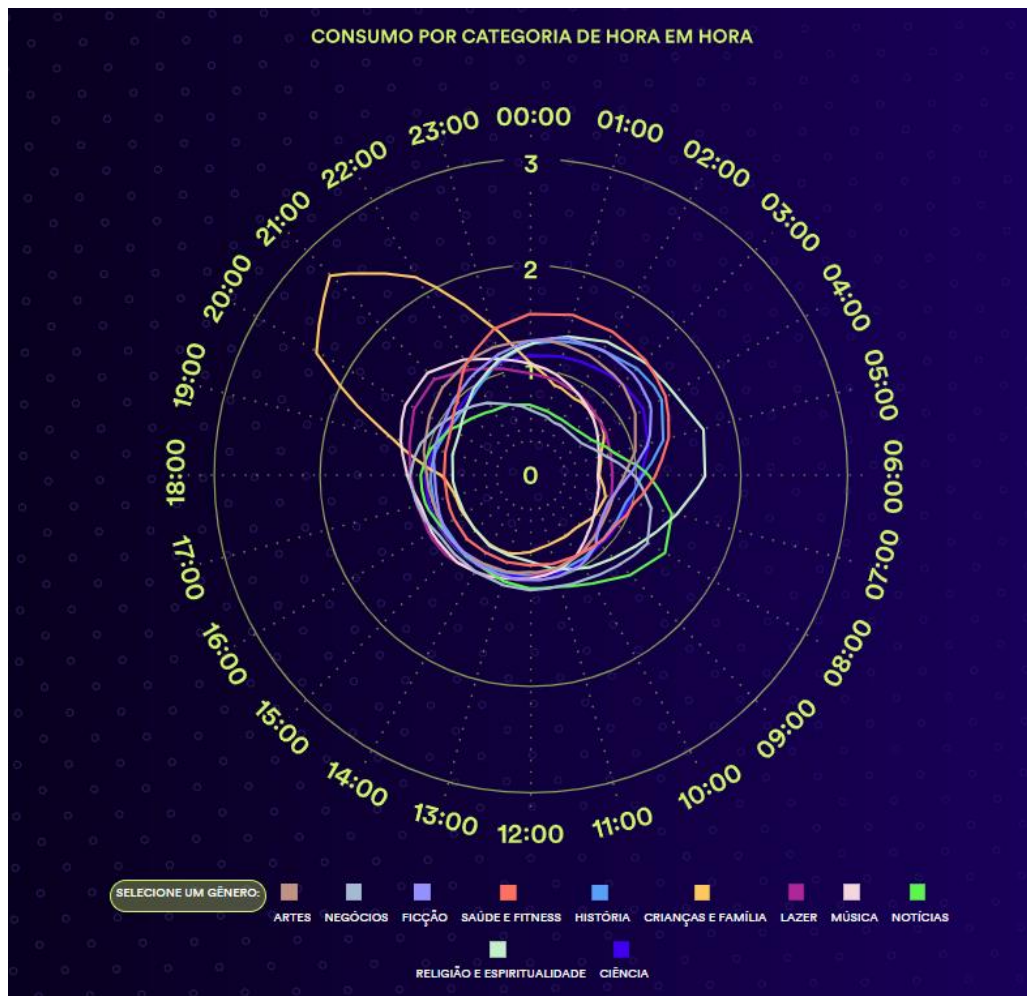


Fonte: *Fun Study, Spotify (2023)*<sup>3</sup>

O relatório indica ainda que os meses de janeiro, março, julho e outubro registram o maior número de descoberta de novos programas pela audiência, o que segundo a plataforma, pode ser explicado pela realização de vários eventos em todo o mundo, o que aumenta o interesse do público. A divisão da preferência do público em gêneros indica que programas com temática de Religião e Espiritualidade, Artes, História, Saúde, Ciência e Ficção são os mais ouvidos pela manhã e madrugada, enquanto Lazer, Crianças e Família alcançam o pico em horários noturnos.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://podcasters.spotify.com/resources/research/fan-study#being-heard>> Acesso em 23 de janeiro de 2024.

**Figura 3:** Consumo por categoria de hora em hora na plataforma *Spotify*.



Fonte: *Fun Study, Spotify* (2023)

A categoria de Comédia encabeça a lista de interesses dos consumidores de *podcasts* na plataforma, com 27,55% de audiência, seguida por Lazer (jogos e hobbies), Sociedade & Cultura, Negócios e Tecnologia. A principal ferramenta para descoberta de novos programas, segundo o estudo de fãs, são as recomendações dentro de outros programas que já acompanham. Além disso, a indicação de amigos e a navegação no próprio *Spotify* também são fatores influenciadores da escolha de ouvir um novo programa.

O programa, cuja sigla “*pod*” denomina *Personal on Demand* e *cast* se traduz em *transmissão*, ou seja, significa algo como “*transmissão pessoal por demanda*”, tem origem em 2004. À época era comum os ouvintes acessarem páginas específicas da internet em busca desse tipo de conteúdo. Adam Curry, ex-apresentador da MTV, é tido como seu inventor. A intenção era de que o usuário pudesse acessar mais facilmente o material, de forma instantânea. Para isso, ele desenvolveu um agregador para melhorar a distribuição de programas de áudio sob demanda. Entretanto, enxergando a necessidade de aperfeiçoamento da tecnologia recém-

criada, Curry disponibilizou o programa com código aberto. Na mesma época, passou a produzir diariamente seu primeiro *podcast*, o *Daily Source Code*, mas foi o jornalista do *The Guardian*, Ben Hammersley quem batizou o formato como modelo de difusão de entrevistas e transmissão de dados.

De acordo com Farias (2021), no Brasil, o primeiro *podcast* a ir ao ar foi o *Digital Minds*, lançado por Daniel Medeiros em 2004, a partir do *blog* homônimo e de um desejo do autor de estabelecer um diferencial em relação a outras páginas comuns na internet da época. No período, *blogs* famosos na internet já publicavam conteúdos em áudio, mas ainda não contavam com o agregador de RSS. *Podcasting* também eram utilizados para a montagem de *playlists* de músicas favoritas dos autores, além de registros em áudio, como monólogos e *audioblogs*. Os programas aos poucos se sofisticam, com a adição de efeitos sonoros, mesclagem de locuções, trilhas sonoras e diversificação de temas para a discussão, além da reprodução de materiais já transmitidos em rádio (Kischinhevsky, 2016, p. 69). Couto e Martino (2018), no estudo sobre dimensões da pesquisa sobre *podcast* no Brasil, mapearam 35 teses e dissertações de programas nacionais de pós-graduação que tinham esse formato midiático como objeto entre 2006 e 2017. Embora o intervalo estabelecido pelos autores já esteja distante, é possível constatar certas características gerais nesses estudos. Os autores constataram que, empatados com a Educação, pouco menos da metade dos estudos partiram de programas de pós-graduação em Comunicação. O restante se dividiu em áreas como Linguística, Enfermagem, Engenharia, Gestão Social e Química. A conclusão do estudo é de que os trabalhos analisados são caracterizados não somente pela variedade de abordagens metodológicas, mas também pelos distintos caminhos teóricos, que segundo os autores são raramente convergentes.

Outros dois apontamentos importantes podem ser retirados da pesquisa: *i.* existe uma dificuldade em estabelecer características para delimitar as diferenças entre *podcasts* e outras mídias informativas; *ii.* a dimensão sonora desses programas parece ser o fator de maior reconhecimento do que é um *podcast*, mas ideias como “produção colaborativa” e “mobilidade” também estão associadas a ele. Temer e Falcão (2019) afirmam que há uma necessidade de discutir conceitualmente o papel do *podcast* enquanto jornalismo.

## 1.1 Caminhos e escolhas

O presente trabalho é resultado, como afirmado antes, de inquietações a partir da escuta diária de programas *podcasts* jornalísticos. Nas centenas de episódios ouvidos por mim, ao longo de alguns anos, a temática do dia não era o único fator a despertar meu interesse. Quem seria o especialista convocado para a narrativa? Ele teria capacidade de comentar o fato e prender a minha atenção? Seria ele um elemento para moldar a narrativa do programa? Quais critérios eu presumia ser os usados para definir a escolha do especialista do dia?

Durante o processo de concepção da pesquisa, alguns programas serviram de inspiração por se tratarem de *podcast* jornalísticos de grande expressão e que se utilizam da figura de um especialista para compor suas edições diárias. Entre esses programas, destaca-se o *Café da Manhã* (Folha de S. Paulo), *O Assunto* (g1) e *Viva Voz* (CBN), os escolhidos para a análise feita no último capítulo desta dissertação. Além desses, outros também me estimularam, como é o caso do Medo e Delírio em Brasília<sup>4</sup>, o Projeto Humanos<sup>5</sup>, o É da Coisa<sup>6</sup> e Alexandre<sup>7</sup> — ainda que alguns não se encaixassem na categoria de *podcasts* jornalísticos. Importante notar que o *Café da Manhã* e o *O Assunto* figuram hoje na lista dos *podcasts* jornalísticos mais ouvidos em todo país, e foram criados em 2019, muitos anos depois do surgimento desses programas no Brasil. Outro fator interessante é que os dois são criados menos de um ano depois de outros *podcasts* jornalísticos de renome, como o Durma com Essa (Nexo Jornal) e o Foro de Teresina (Revista Piauí), ambos de iniciativas independentes.

No processo de emergência desses programas, surgem questões complexas sobre quem são os especialistas que neles se apresentam e atuam, bem como as dinâmicas de poder-saber desdobradas no interior do jornalismo de *podcasts*. Ao explorar a natureza dos especialistas envolvidos na produção de *podcasts* jornalísticos, surge uma série de questionamentos como

---

<sup>4</sup> Produzido pela Central 3, é dirigido por Cristiano Botafogo e Pedro Daltro. Em sua descrição no *Spotify*, o programa se define como “*um podcast alucinado de política com as últimas notícias do que restou do Brasil, publicado duas vezes por semana, sabe-se lá em quais dias*”.

<sup>5</sup> É um *podcast* narrativo, apresentado por Ivan Mizanzuk e disponível em várias plataformas de áudio. O programa narra as histórias de crimes que comoveram todo o país. Por meio de busca documental e depoimentos, o Projeto Humanos diz contar histórias reais sobre pessoas reais. Na primeira temporada, lançada em 2018, o projeto remonta o Caso Evandro, que ficou popularmente conhecido no Brasil como o caso das Bruxas de Guaratuba, no Paraná. Em 2022, Ivan Mizanzuk lança a segunda temporada do projeto, que aborda o drama dos meninos emasculados de Altamira, no interior do Pará. A terceira e última temporada retorna ao Paraná para contar a história de Leandro Bossi, garoto que desapareceu em 1992 em Guaratuba, meses antes do desaparecimento de Evandro Ramos Caetano.

<sup>6</sup> Programa da Rádio BandNews, apresentado por Alexandre Bentivoglio e Larissa Alves com comentário de Reinaldo Azevedo. O programa vai das 18h às 19h20 no rádio e das 18h às 19h30 nas redes sociais da BandNews FM e no BandNews TV.

<sup>7</sup> *Podcast* em formato de reportagem, baseado em entrevistas, documentos públicos e fatos noticiados pelo jornalismo brasileiro. Produto da Trovão Mídia e apresentado pela repórter Thaís Bilenky, a narrativa jornalística narra a ascensão de Alexandre de Moraes no cenário político nacional. Dividida em seis capítulos, o *podcast* traz bastidores e informações inéditas sobre a atuação de um dos personagens mais temidos da justiça brasileira atual.

quais são as credenciais desses especialistas? Eles são jornalistas treinados, acadêmicos especializados ou simplesmente indivíduos com experiência prática em determinados assuntos?

Assim, a problematização das questões relacionadas aos especialistas e às relações dentro do jornalismo de *podcasts* se torna importante para uma compreensão do papel e do impacto desses agentes nas mídias contemporâneas. Ao examinar essas questões de forma crítica, o problema da pesquisa é verificar *quem é a/o especialista nos podcasts jornalísticos*. Entende-se que quando nos perguntamos quem é o especialista em *podcasts* e outras narrativas jornalísticas, estamos apontando para um fenômeno complexo. Em primeiro lugar, é importante destacar que as/os especialistas desempenham um papel crucial na legitimação e na credibilidade das notícias veiculadas pela mídia. Suas opiniões e análises são frequentemente utilizadas para fundamentar as reportagens e conferir-lhes uma aura de autoridade e expertise. No entanto, como iremos analisar posteriormente, nem todos os especialistas são iguais ou representam a mesma coisa para a narrativa jornalística. Diferentes formas de abordagens servem a interesses distintos no interior dos *podcasts*. A figura do agente especializado também apresenta variáveis, tais como a formação acadêmica, a experiência profissional, as afiliações institucionais, entre outros critérios. Investigar essas distinções é essencial para entender como determinados discursos são privilegiados em detrimento de outros, e como isso pode impactar na informação jornalística.

Além disso, a relação entre jornalismo e especialistas também revela uma dinâmica de dependência mútua. Por um lado, o jornalismo depende das/dos especialistas para acessar conhecimentos e informações especializadas, bem como para interpretar e contextualizar eventos complexos. Por outro lado, as/os especialistas também dependem do jornalismo para ampliar o alcance de suas ideias e pesquisas no campo acadêmico ou profissional — uma vez que notoriedade é uma das características identificadas dos sujeitos da informação, como defende Charaudeau (2013). A interdependência levanta questões importantes sobre a credibilidade do jornalismo, bem como sobre o papel dos agentes no processo de produção e disseminação da informação.

A escolha em realizar essa pesquisa tendo o *podcasting* como referência se justifica pelo flagrante interesse das organizações noticiosas pelo formato (Costa Pérez, Gárate, 2019). Em uma rápida expedição pela aba de Notícias e Política do *Spotify* é possível confirmar esse interesse: há dezenas de programas das mais diversas marcas jornalísticas do país. O *podcast* abriu novas formas de acesso à informação e segundo Costa Pérez e Gárate (2019), pode ajudar a consolidar o prestígio noticioso das principais marcas jornalísticas no ambiente digital.

Contudo, não é uma preocupação desta dissertação uma análise exaustiva sobre tecnicidades que podem caracterizar um programa como sendo *podcast* ou não. Nossa discussão está assentada no caráter textual e narrativo desses programas e nas dinâmicas inauguradas e replicadas com a presença de especialistas. A escolha de dois desses *podcasts*, *O Assunto* e o *Café da Manhã*, justifica-se pelo fato de serem atualmente dois dos *podcasts* mais ouvidos do país e por pertencerem aos dois maiores portais noticiosos do Brasil (UOL e Globo.com) e a conglomerados jornalísticos de referência. São programas jornalísticos "mainstream" e, portanto, entende-se que seu estudo permite encontrar elementos sobre o papel de especialistas nas narrativas jornalísticas de um modo mais amplo. Outro critério foi o interesse particular enquanto ouvinte assíduo desse tipo de programação. Em relação ao terceiro programa, o *Viva Voz*, sendo outro produto vinculado ao grupo Globo, nos importou a relação específica de seu formato de colunismo, que contrasta com "O Assunto", da mesma empresa, e que nos revelou uma maneira diferente de lidar com os especialistas.

## 1.2 O podcast mais importante do seu dia: Café da Manhã (Folha de S. Paulo)

*Levante da cama com notícias e análises quentinhas no Café da Manhã, o podcast mais importante do seu dia. Em uma parceria entre Folha de S. Paulo e Spotify, os jornalistas Magê Flores, Gabriela Mayer e Gustavo Simon trazem nas manhãs de segunda a sexta, de forma leve e simples, o fundamental sobre os assuntos do momento no Brasil e no mundo. (Descrição do programa Café da Manhã no Spotify, 2023).*

O *Café da Manhã* é o *podcast* mais ouvido do Brasil no segmento de notícias, de acordo com a retrospectiva do *Spotify* em 2022. O programa tem nota 4.8 na avaliação dos ouvintes. Em seu verbete de apresentação, promete trazer de maneira simples e leve o fundamental sobre os assuntos do momento no Brasil e no mundo. Com a premissa de ser "o *podcast* mais importante do dia", uma alusão à importância do café da manhã como primeira refeição diária, foi lançado em 1º de janeiro de 2019. Vai ao ar de segunda a sexta-feira às 05h00 e é uma parceria entre a Folha de S. Paulo e o *Spotify*, sendo possível acessá-lo somente por essa plataforma. Já passaram pela apresentação do programa os jornalistas Bruno Bogossian, Maurício Meireles, Rodrigo Vizeu e Renan Sukevicius. É apresentado pelos jornalistas Magê Flores, Gustavo Simon e Gabriela Mayer. O programa possui uma estrutura recorrente em todos os episódios.

**Tabela 1** – Estrutura do Café da Manhã, Folha de S. Paulo.

BLOCO	DESCRIÇÃO
<b>Abertura</b>	Oferece um panorama geral do assunto a ser tratado. São utilizados trechos de outros produtos jornalísticos para contextualizar as discussões a serem feitas no decorrer da entrevista.
<b>Apresentação do especialista</b> <i>“O Café de hoje conversa com”, “a gente conversa com”, “o repórter xxxxx explica”.</i>	Após a contextualização e panorama geral do tema, o programa apresenta a/o especialista do dia. Geralmente se utiliza da expressão <i>“O Café de hoje conversa com”, “a gente conversa com”, “o repórter xxxxx explica”.</i>
<b>Entrevista</b>	Momento em que os apresentadores conversam com o entrevistado do dia. O número de perguntas varia por episódio.
<b>Outras notícias</b> <i>“A gente já volta com o que mais você precisa saber hoje”.</i>	O Café da Manhã possui, no fim do programa, um tempo dedicado a outras notícias. Com o fim da entrevista é ativado um recurso sonoro abrindo o penúltimo bloco do programa. O quadro tem início com a expressão <i>“a gente já volta com o que mais você precisa saber hoje”</i> , é apresentado por algum dos jornalistas do programa e sintetiza notícias em discussão nos jornais do dia.
<b>Finalização e créditos</b> <i>“Este foi o Café da Manhã, o podcast mais importante do seu dia. Uma parceria entre a Folha e o Spotify”.</i>	No fechamento da edição, o programa se afirma como o <i>podcast</i> mais importante do dia, uma alusão à importância do café da manhã para a alimentação diária. Neste bloco, os apresentadores se dirigem à audiência, se apresentam e apresentam a equipe técnica envolvida na produção, como o roteiro, edição de som. O bloco também é destinado a creditar os trechos de outros jornais utilizados c no e n, episódio.

**Fonte:** Do autor, 2024.

Em formato de entrevista, o *podcast* se propõe a oferecer uma contextualização do tema do dia logo em sua abertura utilizando trechos de outros veículos noticiosos, cujos créditos são dados ao fim de cada episódio. As pautas giram em torno de temas diversos, como política, economia, política internacional, saúde, meio ambiente, cultura, sociedade, etc. Os episódios

seguem uma estrutura de abertura, muitas vezes semelhante à escalada usada tradicionalmente em telejornais, apresentando um panorama geral sobre a temática, que por vezes está em disputa no debate público. Em alguns episódios, os apresentadores se dirigem ao público logo na abertura do programa, interpelando-o de maneira rápida sobre questões a serem debatidas no dia. Nota-se a presença de recursos sonoros, acionados em determinados momentos do roteiro, como se fosse o ruído de fundo, o *BG*, em reportagens televisivas. A edição é enriquecida com a utilização destes recursos, além dos áudios de outros veículos, o que ajuda a desenhar o contexto e dar ainda mais dinamicidade à narrativa.

Em seu verbete de apresentação no *Spotify*, o *Café da Manhã* registra sua preocupação informativa em trazer de forma *leve e simples*, o fundamental sobre os assuntos do momento no Brasil e no mundo. Esse tipo de promessa pode nos fazer pensar em vários sentidos jornalísticos para as palavras ‘leve’, ‘simples’ e ‘fundamental’. Na nossa percepção, essa é uma atualização retórica do valor de objetividade dentro de um tipo de jornalismo recém-chegado, como é o jornalismo de *podcasts*. O que significa informar o fundamental de alguma temática de maneira leve e simples? “*Leve e simples*” se opõem a um jornalismo do tipo “denso” e “complexo”, ou seja, o *podcast* reivindica, logo de início, uma contextualização rasa, simplificadora, dos assuntos abordados; assume um caráter de consumo rápido e quase presume a/o espectador/a de desinteressada/o ou pouco instruída/o. Encontramos algumas pistas sobre essa percepção em uma entrevista dada por Magê Flores<sup>8</sup> em 2019, ano de lançamento do *Café da Manhã*. Perguntada se acreditava que o jornalismo tenha atualizado o *podcast* de maneira permanente, Magê diz esperar que sim, uma vez que ele é muito eficiente para comunicar e envolver o público:

Sua linguagem, mais informal, próxima ao jornalismo de quem consome notícias, permite apresentar quem está por trás daquele critério de produção. É um formato complementar a outras mídias, já que pode ser consumido em momentos que não permitem a leitura: você baixa o arquivo de áudio e escuta enquanto está a caminho do trabalho, na academia ou arrumando a casa, por exemplo. Além disso, é um formato em plena ascensão. Em um momento que evidencia a importância do jornalismo não vejo motivos para não investir numa nova forma de comunicar e informar. (Flores, 2019).

A forma leve prometida pela mídia informativa parece se dar então em função da diversidade de abordagem oferecida pelo formato, fazendo com que a produção se desloque

---

<sup>8</sup> “O podcast é um formato muito eficiente para comunicar e engajar um público”, afirma Magê Flores, apresentadora do Café da Manhã, podcast da Folha de S. Paulo”. Disponível em <[https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/82466/o+podcast+e+um+formato+muito+eficiente+para+comunicar+e+engajar+um+publico+afirma+mage+flores+apresentadora+do+cafe+da+manha+podcast+da+folha+de+spaulo](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/82466/o+podcast+e+um+formato+muito+eficiente+para+comunicar+e+engajar+um+publico+afirma+mage+flores+apresentadora+do+cafe+da+manha+podcast+da+folha+de+spaulo)> Acesso em 17 de nov. de 2023.

então de padrões rígidos de produção, como os de texto e apresentação, presentes no jornalismo clássico. A simplicidade, para além da facilidade de acesso e até mesmo da lógica de produção, parece invocar uma ideia de objetividade, de direto ao ponto. Em regra, os episódios existem em função de entrevistas feitas com especialistas que acompanham a temática em destaque.

A linguagem utilizada visivelmente tem a preocupação de se aproximar do público, dispensando algumas formalidades do texto jornalístico e se dirigindo diretamente ao ouvinte, como no *trailer* de apresentação do programa na plataforma.

**Magê Flores:** *Oi, eu sou Magê Flores!*

**Gabriela Mayer:** *Eu sou Gabriela Mayer!*

**Gustavo Simon:** *E eu, Gustavo Simon!*

**Magê Flores:** *Depois de tanta coisa acontecendo você achou que o noticiário ia ficar mais morno? Que acompanhar as novidades seria um pouco mais fácil?*

**Gabriela Mayer:** *Bom, talvez não dê para contar com isso. Parece que quando o Brasil dá um respiro vem uma história importante de outro lugar. Isso quando não é uma coisa que mexe com o mundo todo ao mesmo tempo.*

**Gustavo Simon:** *Mas calma que pra tudo tem jeito! A gente vai te dar um caminho para se manter bem informado sem precisar passar o dia todo correndo atrás das manchetes.*

**Magê Flores:** *Todo dia cedinho, o Café da Manhã, parceria da Folha e do Spotify te explica a principal notícia do dia de um jeito bem claro e o que mais você precisa saber.*

**Gabriela Mayer:** *Aqui tem especialistas, os personagens da notícia e tudo para você ficar por dentro do que tá rolando no Brasil e no mundo.*

**Gustavo Simon:** *Dá o Play e vem com a gente no podcast mais importante do seu dia. E de segunda a sexta-feira logo pela manhã só no Spotify.*

**Magê Flores:** *Até mais!*

Os três apresentadores do programa são jornalistas do grupo Folha e se revezam na apresentação, na maioria das vezes em duplas. Não é incomum o episódio ser apresentado somente por um deles.

#### **a. Magê Flores**

Magê Flores é jornalista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e está na Folha de São Paulo desde 2012. Foi estagiária na Rádio BandNews e na *GloboNews*, além de repórter na CBN. Em 2016 foi repórter da Revista *sãopaulo*, do grupo Folha. Em 2018 assumiu o posto de redatora da Primeira Página, também no grupo Folha.

**Figura 4** - Magê Flores, apresentadora do Café da Manhã.



**Fonte:** LinkedIn da apresentadora (2023).

Em 2022, foi editora do *podcast* *A Mulher da Casa Abandonada*, apresentado por Chico Felitti, com ampla repercussão no *Spotify*.

**b. Gustavo Simon**

Gustavo Simon é jornalista e trabalha em redações desde 2005. Em seu perfil no *LinkedIn*, afirma ter experiência em reportagem, produção e edição em diferentes plataformas — *on line*, áudio, vídeo, infografia e impresso. Diz já ter coordenado equipes, implantado projetos e participado de grandes coberturas, de *hard* e *soft news*. Morou na França e já esteve em 15 países do mundo.

**Figura 5** - Gustavo Simon, apresentador do Café da Manhã.



**Fonte:** LinkedIn do apresentador (2023).

Na Folha de S. Paulo desde 2013, Simon já apresentava esporadicamente alguns episódios do *Café da Manhã*, tendo sido efetivado em 31 de janeiro de 2023. Já foi repórter de Comida e Turismo, editor-assistente do Guia Folha e do núcleo de imagem, além de editor-adjunto do núcleo de impresso. Segundo a própria Folha de S. Paulo<sup>9</sup>, ele atuou na equipe que renovou o projeto gráfico do jornal. Antes, trabalhou na editora Abril por seis anos e colaborou com publicações como *Veja*, *Playboy*, *Saúde*, *Superinteressante* e *Claudia*.

### c. Gabriela Mayer

Gabriela Mayer já era *podcaster* antes de entrar para o time de apresentadores do *Café da Manhã*. A jornalista atuava como âncora, repórter especial e colunista de literatura no canal BandNews. Na mesma emissora, foi apresentadora do *podcast* *Elas com Elas*.

**Figura 6 -** Gabriela Mayer, apresentadora do *Café da Manhã*.

---

<sup>9</sup> Trajetória do jornalista Gustavo Simon na Folha S. Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2023/01/podcast-cafe-da-manha-ganha-dois-novos-apresentadores-nesta-terca-feira.shtml>>. Acesso em 17 de nov. de 2023.



**Fonte:** LinkedIn da apresentadora (2023).

Em seu perfil no LinkedIn, afirma ser criadora do Põe na Estante, uma plataforma multimídia de literatura e cofundadora da Rádio Guarda-Chuva, rede de *podcasts* jornalísticos. Também é colunista de literatura e gênero da Revista AzMina. Foi apresentadora do Jornal da Cultura Primeira Edição, na TV Cultura.

### **1.3 Da redação do g1, eu sou Natuza Nery e o assunto hoje é...**

*Um grande assunto do momento discutido com profundidade. Natuza Nery vai conversar com jornalistas e analistas da TV Globo, do G1, da GloboNews e dos demais veículos do Grupo Globo para contextualizar, explicar e trazer um ângulo diferente dos assuntos mais relevantes do Brasil e do mundo, além de contar histórias e entrevistar especialistas e personagens diretamente envolvidos na notícia. (O Assunto, Spotify, 2023).*

Produzido pelo g1, o *O Assunto* foi lançado em agosto de 2019 como o primeiro *podcast* do grupo Globo. Rapidamente ganhou destaque entre os *podcasts* de notícias do país e figurou entre os mais ouvidos ainda no ano da estreia. Presente em diferentes plataformas de áudio, o programa venceu o prêmio iBest, na categoria *podcasts*, em 2020 e 2022. Desde seu lançamento até novembro de 2022, o *O Assunto* foi apresentado por Renata Lo Prete, que deu lugar a Natuza Nery, também jornalista do g1. Com periodicidade diária, o projeto se propõe a reunir

especialistas para discutir temas relevantes dos noticiários brasileiros. Diferentemente da abordagem acerca do fundamental no *Café da Manhã*, *O Assunto* promete um mergulho. Ao privilegiar o contexto, a explicação e um ângulo diferente dos assuntos mais relevantes *O Assunto* se distingue do *podcast* da Folha de S. Paulo, pois demonstra proximidade com o jornalismo interpretativo da TV Globo e da *GloboNews* e não se preocupa em se afirmar enquanto um programa leve e simples. A organização narrativa do programa guarda algumas diferenças em relação ao *Café da Manhã*, como podemos verificar na tabela a seguir.

**Tabela 2** – Estrutura do O Assunto, g1.

BLOCO	DESCRIÇÃO
<b>Abertura</b>	Com a utilização de trechos jornalísticos do grupo Globo, a abertura do programa faz um panorama geral do assunto a ser tratado.
<b>Apresentação do especialista e data</b> “Neste episódio eu conversei com...”	Após a abertura, o/a especialista é apresentado. O programa sempre marca a data do dia. Exemplo: “quinta-feira, 16 de maio”
<b>Entrevista</b>	Momento em que Natuza Nery conversa com o/os entrevistado/os do dia. O número de perguntas também varia de episódio para episódio
<b>Finalização e créditos</b> “Este foi <i>O Assunto</i> , o <i>podcast</i> diário disponível no g1, no <i>GloboPlay</i> , no <i>Youtube</i> ou na sua plataforma de áudio preferida”.	O fechamento da entrevista é marcado pelo agradecimento de Natuza ao convidado/a. Ao fim do programa, a apresentadora informa os modos de acesso ao <i>podcast</i> nas plataformas de áudio: “este foi <i>O Assunto</i> , o <i>podcast</i> diário disponível no g1, no <i>GloboPlay</i> , no <i>Youtube</i> ou na sua plataforma de áudio preferida”. O programa então apresenta a equipe envolvida na produção do episódio: “comigo na equipe do <i>O Assunto</i> estão Mônica Mariotti, Amanda Polato, Carol Locenrentti, Luis Filipe Silva, Tiago Kaczorowski e Gabriel de Campos”.

**Fonte:** Do autor, 2024.

### a. Natuza Neri

Natuza, atual apresentadora do programa, é jornalista da Rede Globo desde 2017, mas coleciona passagens por Reuters e Folha de S. Paulo. Em 2009, quando atuava pela agência britânica, revelou com exclusividade o empréstimo de 10 bilhões de dólares feito ao Fundo

Monetário Internacional (FMI) pelo governo Lula. Já na *GloboNews*, em 2016, venceu o prêmio Folha de Jornalismo por causa de uma entrevista com o então Ministro da Cultura do governo Temer, Marcelo Calero. O Ministro revelou na ocasião ter sofrido pressão política do então Ministro de Governo, Geddel Vieira Lima, para que liberasse, junto ao Iphan, as obras de um prédio em Salvador (BA). A entrevista culminou na demissão de Geddel Vieira Lima.

**Figura 7** - Natuza Nery, apresentadora do O Assunto.



**Fonte:** Divulgação, Globo News.

Natuza Nery assume o *O Assunto*<sup>10</sup> depois de comandar a Central das Eleições na *GloboNews* em 2022. O programa, dedicado exclusivamente às apurações e bastidores da corrida eleitoral, liderou a audiência dos canais fechados do país durante os dias 2 e 30 de outubro, datas do primeiro e segundo turno. O programa registrou audiência maior que todos os canais de notícias somados, ficando atrás apenas da TV Globo no ranking que inclui também os canais abertos.

#### 1.4 Viva Voz, com Vera Magalhães (CBN)

*Análise e o contexto dos principais fatos do dia a dia. (Viva Voz, 2023).*

Embora seja mais um produto do grupo Globo, o *Viva Voz* se distancia de algumas características do *O Assunto*. O programa, por exemplo, não realiza uma rotatividade de

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/oassunto/noticia/2022/11/20/natuza-neri-estrea-na-apresentacao-do-podcast-o-assunto.ghtml>> . Acesso em 18 de nov. de 2023

especialistas. Neste caso quem assume a responsabilidade de comentar e relacionar os temas diários é exclusivamente a jornalista Vera Magalhães. O programa vai ao ar duas vezes ao dia (manhã e fim de tarde) pelo *Spotify* e é produzido a partir do recorte da programação ao vivo da rádio CBN. Entre os apresentadores estão Carolina Morand, Carlos Alberto Sardenberg, Rodrigo Bocardi e Nadedja Calado. O *podcast* parece se afirmar como um espaço próprio da jornalista Vera Magalhães, como se fosse uma coluna diária em formato radiofônico. Sua estrutura não é bem definida, por se tratar de um programa que vai ao ar ao vivo na programação da CBN. Na tabela a seguir, elencamos alguns momentos regulares do programa.

**Tabela 3** – Estrutura do Viva Voz, rádio CBN.

BLOCO	DESCRIÇÃO
<b>Abertura</b>	Os apresentadores dão as boas-vindas para a comentarista Vera Magalhães.
<b>Entrevista</b>	Os assuntos do dia são debatidos a partir das perguntas formuladas pelos apresentadores à comentarista Vera Magalhães.
<b>Finalização</b>	A entrevista se encerra, geralmente, com a reprodução da música escolhida pela comentarista e que tenha a ver com a temática do dia. Após a reprodução de um trecho da música, os apresentadores se despedem de Vera.

**Fonte:** Do autor, 2024.

Há uma diferença na produção do *Viva Voz*: o *podcast* não é feito exclusivamente para a plataforma de *streaming*, é aproveitado do programa Ponto Final da emissora, cortado e disponibilizado para os ouvintes. O programa segue uma lógica de coluna social, já que possui uma comentarista fixa — Vera Magalhães — para analisar e contextualizar os principais fatos do dia a dia. Interessante notar que a ideia de jornalismo social se confirma até mesmo pelo tratamento dado a Vera dentro do programa, sendo afirmada pelos apresentadores como comentarista. Os episódios selecionados para essa pesquisa foram ao ar na segunda edição diária do programa, cujos apresentadores são Carolina Morand e Rodrigo Bocardi.

#### a. Vera Magalhães

Vera Magalhães é graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Passou por veículos como Folha e Revista Veja, onde assumiu o comando da coluna Radar nas versões impressa e *on line*. Em 2016 foi contratada pela Jovem Pan e se tornou um dos maiores expoentes do antipetismo na mídia.

**Figura 8** - Vera Magalhães, comentarista do Viva Voz.



Fonte: Twitter da apresentadora (2023).

Também atuou como colunista no Estadão e em 2020 assumiu a apresentação do Roda Viva, na TV Cultura. Em 2021 se tornou colunista do programa diário Ponto Final CBN, da rádio CBN, além de colunista do jornal O Globo.

#### **b. Carolina Morand**

Jornalista com mais de vinte anos de experiência em redação e gestão em Jornalismo, segundo seu perfil no *LinkedIn*, Carolina é também co-apresentadora do *podcast Ponto Final*, na rádio CBN. Formada em Comunicação pela ECO/UFRJ e no MBA em Marketing Digital da FGV se define ainda como carioca, mãe da Malu e otimista sempre que possível.

**Figura 9** - Carolina Morand, apresentadora do Viva Voz.



**Fonte:** LinkedIn da apresentadora (2023).

### **c. Rodrigo Bocardi**

Rodrigo Bocardi é jornalista e apresentador do Bom Dia, São Paulo, da Rede Globo e do Ponto Final, da rádio CBN. Trabalhou na TV Pública de Angola entre 2003 e 2004 e posteriormente estreou como correspondente da Globo em Nova Iorque.

**Figura 10 -** Rodrigo Bocardi, apresentador do Viva Voz.



**Fonte:** Arquivo pessoal (2023)

Concluimos o capítulo 1 delineando as principais ambições da nossa pesquisa e apresentando um panorama geral dos programas, dos modos *podcast*, suas estruturas e modelo de informação. No capítulo 2 mergulharemos mais profundamente nas teorias que nos ajudam a embasar nossa dissertação.

## 2. O JORNALISMO DE ESPECIALISTAS

*(...) Eu não sou um especialista nos assuntos que vocês estão tratando, eu sou um ator. Me ocorre dizer apenas uma coisa a respeito do que nós estamos vivendo aqui, e se você me der um minuto, dois minutos... o público, quando está diante de um programa como este aqui que nós estamos participando, o público está diante na minha opinião de duas notícias: a notícia que está sendo dita, que é a notícia, uma notícia evidente; e uma outra notícia que não é tão evidente para o público: que é a notícia disso estar sendo noticiado neste veículo, por esta empresa, por estas pessoas. (CNN Arena, 2023).<sup>11</sup>*

A fala do ator Pedro Cardoso no *CNN Arena* do dia 24 de abril de 2023 gerou um enorme mal-estar por causa de seu comportamento ao vivo no programa que, a começar pelo seu nome, pretende ser um espaço de discussões com opiniões diversas sobre um dado tema. Sua presença — inexplicável até para o próprio ator — coloca em dúvida quais as intencionalidades de um determinado produto jornalístico ao escolher os agentes para discursar em seu compósito. Percebe-se que, em uma primeira análise, considerado o histórico de participação no *CNN Arena*, há de se pensar na intenção primária do programa de buscar opiniões diferentes para as discussões diárias, mas isso ainda não explica a presença do ator/comediante. No dia de sua participação, a bancada comandada por Felipe Moura Brasil, era composta pelo filósofo Joel Pinheiro, a jornalista Raquel Landim, a doutora em Direito Constitucional Gabriela Cunha e pelo fundador do Instituto *Mises* Brasil Hélio Beltrão. Nesse sentido, e repetindo o próprio Pedro Cardoso: qual a contribuição ele teria a oferecer ao programa?

A promessa da *CNN* de levar ao ar visões distintas sobre variados assuntos do dia a dia nacional esbarra na realidade de um jornalismo uníssono, ao passo que encontra acomodação na reivindicação histórica da mídia informativa e da notícia serem espaços de múltiplas vozes. Essa ambição de se mostrar como benfeitora de uma experiência informacional pautada na diversidade de opiniões é uma aposta do canal de notícias estadunidense que chegou ao Brasil em 2020. O *CNN Arena*, por exemplo, parece manter o mesmo formato de um dos programas de maior audiência do canal estadunidense — o Grande Debate. Também neste, a ideia é o debate de algum assunto da política nacional a partir de duas visões antagônicas, geralmente esquerda *versus* direita, conservadorismo *versus* progressismo.

---

<sup>11</sup> *CNN Arena*, 23/03/2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AKmy-hJl3EA&t=1572s> Acesso em 09 de abril de 2023.

A informação, como ato de comunicação, segundo Charaudeau (2013), é o exercício da transmissão de um saber entre um sujeito sabedor e um sujeito hipossuficiente de tal conhecimento, com o auxílio de uma determinada linguagem. Ao analisar a composição da mesa de discussão, com exceção de Pedro Cardoso, todos os demais participantes, em função de suas profissões, possuem capacidade para sustentar o debate proposto pelo mediador. Esta é a primeira constatação a ser realizada: a seu modo, a mídia informativa assegura ao público que toda e qualquer opinião emitida por aqueles presentes é qualificada por algum motivo, seja pela experiência deles em relação à política ou seja por um conhecimento científico e racional, como é o caso do filósofo Joel Pinheiro. Causando uma fratura exposta no diálogo que se seguia no programa, Pedro Cardoso parece declinar do convite da *CNN* de figurar como alguém dotado de algum conhecimento específico.

Para Charaudeau (2013, p. 34), em suas reflexões desenvolvidas a partir do estudo de mídias jornalísticas francesas nos anos 1990, a pretensão das mídias de monopolizar a informação as leva a dar conseqüentes explicações e produzir certo discurso de justificação que defenda sua posição e sua razão de existência. É como se as mídias trabalhassem não somente para construir um discurso da informação, mas de também criar monopólios acerca dele além de dizer que “é preciso saber”, as mídias dizem o tempo todo: “eis porque temos a competência para informar” (Charaudeau, 2013, p. 34).

Entende-se que a participação recorrente de agentes como comentaristas e analistas faz parte de um movimento de justificação e reivindicação de valores como autoridade, credibilidade e competência na informação. Ao abordar esses atores como adequados para o debate, o jornalismo estabelece uma relação de poder-saber presumida e espera que o público os encare como tal. A rejeição em atuar como um especialista não o desloca dessa condição durante o ao vivo, pois é da condição do jornalismo se colocar como especialista da informação e eleger seus próprios agentes especializados. Nessa perspectiva, ainda que constrangedora, a participação do comediante cumpre totalmente sua função no interior do texto jornalístico, que é ser um aporte interno na narrativa. Nem sempre essa experiência é positiva para o jornalismo, como a própria edição do *CNN Arena* exemplifica.

Outro questionamento da fala do comediante acaba por oferecer mais um caminho de discussão: a relação do sujeito sabedor e o sujeito ignorante, a saber, do especialista com o público. Qual a natureza do saber presente nos comentários e nas análises? Chegamos ao tensionamento, que segundo Charaudeau (2013), faz as mídias serem alvos de crítica social: a pretensão de se colocar como especialista da informação, quando essa pode ser exercida por todos, sem se tornar atributo de um grupo.

Há, de acordo com Charaudeau (2013) um ponto de vista ingênuo sobre a informação. Não sobre a sua função social, de formar o cidadão, mas em relação ao modelo de comunicação social que lhe é subjacente, tido como evidência, mas ocultado no interior dos discursos midiáticos. O autor relaciona essa visão ingênua sobre a informação ao senso comum e a algumas teorias comunicacionais bastante questionadas, como a Teoria Matemática, em que há uma certa presunção de passividade do receptor. Podemos também revisitar parte da fala de Pedro Cardoso em que o ator parece justamente questionar quais são os interesses no que ele chama de notícia não evidente.

(...) O público, quando está diante de um programa como este aqui que nós estamos participando, o público está diante, na minha opinião, de duas notícias: a notícia que está sendo dita, que é a notícia, uma notícia evidente; e uma outra notícia que não é tão evidente para o público: que é a notícia disso estar sendo noticiada neste veículo, por esta empresa, por estas pessoas. (CNN Arena, 2023).

A ator coloca em discussão o interesse por trás da discussão feita no programa. Acaba por questionar as intencionalidades da emissora em noticiar tal fato e ao escolhê-lo como comentarista do tema. Ele segue com questionamentos.: *“o que é que o narrador deste programa quer narrando os fatos do modo em que está narrando?”*. Além dessa provocação, o humorista ainda questiona: *“o quê que é essa empresa CNN Brasil? quem é o dono dela? qual é a eleição que esse dono fez desse elenco de profissionais que ele coloca aqui? por que razão uma pessoa como eu, que sou um comediante, fui convidado para participar aqui? qual é a contribuição que eu posso dar? o que que eu quero daqui?”*.

O incômodo provocado por Pedro Cardoso<sup>12</sup> faz ver as contradições perpassantes tanto pelo jornalismo contemporâneo quanto pelo a/o especialista. Onipresente em canais como *GloboNews* e *CNN Brasil*, a/o especialista aparece em *podcasts* e diferentes produções jornalísticas, sendo uma presença tão importante na cena noticiosa quanto âncoras e repórteres. O desconforto de Cardoso e o provocado por ele nos faz perguntar: quem exatamente é considerado especialista? Quem determina que alguém pode ou não ser chamado a dar uma opinião ou perspectiva sobre acontecimentos e situações? Quem ou o que lastreiam seus pontos de vista e conhecimentos?

## 2.1. O especialista no jornalismo

---

<sup>12</sup> Após todo o constrangimento causado pela fala do comediante, o que se viu no programa foi uma força tarefa dos apresentadores para defender o jornalismo praticado pela emissora. Sites de notícias noticiaram o clima tenso do programa, como foi o caso do O Tempo, Metrópole e Estadão. Mesmo criticando a emissora, o ator permaneceu no ar como participante do debate até o fim do programa.

A palavra especialista refere-se usualmente a alguém possuidor de conhecimento científico-racional sobre determinado assunto. Segundo o dicionário Michaelis, trata-se do indivíduo que se especializou num determinado âmbito do conhecimento ou em alguma coisa em específico. No jornalismo, esse personagem figura como autoridade, uma vez que sua presença supostamente agrega valores como credibilidade, verdade, confiabilidade e legitimidade. Numa perspectiva etimológica, os sufixos formadores de profissões em português designam dois grupos de traços semânticos: o *x-ista* e *x-eiro*. Os dois traços apresentam sentidos de ocupação ou ofício. Segundo Miranda (1979), as atividades profissionais consideradas de maior prestígio e relevância social seriam designadas pelo agentivo *ista*, como: *dermatologista*, *jornalista*, *especialista*, etc. Já as profissões com menor prestígio seriam designadas pelo agentivo *eiro*, como *jardineiro*, *açougueiro*, *jornaleiro*, etc. A autora sugere ainda uma variação complementar entre os dois grupos de agentivos, o que explicaria, por exemplo, a relação com nome de profissões como *manobrista* e *engenheiro*. Diz ela:

Devemos observar, ainda que tal fato não interfira em nossa análise, que a distribuição aqui proposta entre os agentivos *-ista* e *-eiro* não corresponde sempre a uma verdade por inteiro, em termos de palavras existentes: há os engenheiros e os balconistas, em vez de *\*engenhistas* e *\*balconeiros*. O que nos interessa, no entanto, é que em termos de processo produtivo tal distribuição vem ocorrendo entre tais regras. (MIRANDA, 1979, p. 89)

No caso do engenheiro, a palavra deriva do sufixo *eiro* por causa de uma relação histórica: o engenheiro era quem trabalhava nos serviços de engenho. Além do aspecto que designa ocupação e ofício, palavras terminadas com sufixo *ista* possuem o mesmo traço semântico [+ especialidade], assim como o elevado *status* social. Há várias profissões porém em que o sufixo *ista* designa ofícios de menos privilégio social, como é o caso de *frentista*, *balconista*, *estoquistas*, etc. Nesse sentido, como a exceção parece ser tão grande quanto a regra, a presença do sufixo “ista” mostra-se insuficiente para nos ajudar a caracterizar o que de fato é um especialista.

Do latim, o termo especialista tem origem na palavra *species*. O site Origem das Palavras classifica *species*<sup>13</sup> como termo formador de palavras como aparência, aspecto visível, forma, tipo, etc. No jornalismo, a/o especialista é quem pode informar sobre algo, mas numa

---

13

Disponível

em

<

Acesso em 4 de novembro de 2023.

perspectiva diferente do apresentador ou dos repórteres, que, tradicionalmente, são os sujeitos informadores primários das notícias. A/O especialista, na sua característica de aprofundamento da notícia, também divide a responsabilidade de transmissão de um saber que não se restringe à factualidade, mas que a organiza em um contexto de análise.

Charaudeau, nesse sentido, oferece pistas bastante pertinentes sobre o discurso da informação. No entanto, os apontamentos feitos pelo autor, em certa medida fundadores de várias compreensões sobre a notícia, dizem de uma realidade europeia datada. Sua análise está focada no jornalismo tradicional francês, com estruturas distintas do modelo de jornalismo que se conhece e consome atualmente no Brasil. As categorias oferecidas pelo autor em relação aos agentes informadores, como testemunha, plural e especialista parecem pertinentes em relação ao contexto e tipo de jornal analisado. Diferentemente do contexto em que suas proposições foram escritas, atualmente o aparato informacional está mais diverso em todo o mundo. O novo sistema de comunicação de alcance global integrou os meios de comunicação, fez surgir tantos outros e alargou a interatividade entre os indivíduos (Castells, 2009). Com isso, o jornalismo se distribuiu — se plataformizou — em novas mídias impulsionadas pela internet.

Muito desse jornalismo, que se diz interpretativo, é praticado em diversas mídias atualmente e compartilha de um modelo pouco variado, ainda que suas vozes tenham forma, rostos, reputações, intenções e interesses diversos; possuem notoriedade, como lembra Charaudeau (2013) e receberam do jornal a outorga para falar e comentar sobre determinado assunto. O discurso presente nessas vozes é organizado pelo discurso social da empresa midiática, seus anunciantes, a produção, a editoria, entre outros agentes jornalísticos. Nesse modo de fazer jornalismo é difícil imaginar atualmente um programa ou produto que não se utilize de especialistas. Do telejornalismo da TV aberta, passando pelo impresso e *on line* e chegando no noticiário plataformizado, a utilização dos especialistas parece se tratar de um movimento consolidado.

**Figura 11** - Imagens de telejornais com especialistas na *GloboNews* e *CNN*



Fonte: Youtube, 2023.<sup>14</sup>

O jornalismo televisivo parece ser o lugar por excelência da presença dos especialistas, porque eles são notados em sua plenitude, combinando todos os recursos que a TV oferece: a oralidade, a visualidade, as deixas simbólicas, o ambiente em que estão inseridos, entre outros fatores. Se aproveitam, portanto, da ambiência multissensorial produzida pela TV (Sodré, 2001). A partir do recorte de programas jornalísticos dos dois maiores canais de TV fechada do país, é possível perceber que as/os especializados são importantes para o jornalismo tanto em forma, quanto em número. A quantidade de personagens orbitando em torno dos apresentadores não só auxilia na dinâmica do programa (ocupando todo o tempo disponível na grade para tal), como também reforça a reivindicação de um lugar polifônico, de diferentes vieses e compreensões sobre os fatos narrados.

O programa *Em Ponto* da *GloboNews* representado na imagem acima contava no dia 3 de junho/2020 com a presença de Maju Coutinho, Aline Midlej, Flávia Oliveira, Heraldo Pereira, Zileide Silva, Lílian Ribeiro, além de Marcelo Cosme, que fez uma breve apresentação da edição do dia. O programa foi ao ar em um contexto das manifestações do *Black Lives Matter*<sup>15</sup>, e revela muito sobre a dinâmica da participação de especialistas no jornalismo. Na edição anterior, a do dia 2 de junho/2020, a bancada de especialistas contava apenas com

<sup>14</sup> Da *GloboNews*: Programa *Em Ponto* do dia 03/06/2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Wp4rkk1tUU>>. Acesso em 23 de jun de 2023.

Da *CNN*: Programa *CNN Arena* do dia 20/06/2023. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ICjs8yfYMDw>>. Acesso em 23 de jun de 2023.

<sup>15</sup> O BLM é uma organização presente nos Estados Unidos, Reino Unido e Canadá. Foi fundado em 2013 em resposta à absolvição do assassino Trayvon Martin. Segundo o site oficial da organização, o BLM tem a missão de erradicar a supremacia branca e intervir na violência infligida à comunidade negra. Em 2020, o movimento ganhou repercussão internacional depois que o afro-americano George Floyd foi morto em 25 de maio, depois que o policial de Minneapolis Derek Chauvin ajoelhou em seu pescoço por mais de oito minutos. O vídeo da morte de Floyd correu o mundo, e protestos foram registrados em diversos países. Depois da morte de George Floyd, a hashtag *#BlackLivesMatter* foi usada mais de 47 milhões de vezes entre o dia do assassinato e 7 de junho, numa média de 3,7 menções por dia, de acordo com o Pew Research. Disponível em <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2020/06/10/blacklivesmatter-surges-on-twitter-after-george-floyds-death/>>. Acesso em 23 jun de 2023.

peessoas brancas comentando o mesmo assunto (racismo), o que motivou uma série de críticas ao programa. A solução encontrada pela *GloboNews* encontrou foi de convidar seus principais apresentadores negros para dirigir uma edição inteira do programa que começou com um pedido de desculpas dirigido à audiência.

Quando observamos alguns dos programas jornalísticos, a quantidade de informadores é um ponto que chama a atenção. Tão numerosa é a lista de profissionais com o objetivo de informar, que a ideia da diversidade de visões sociais parece se realizar. Essa diversidade de pontos de vista é uma reivindicação do jornalismo atual para presumir uma diversidade de vozes em seu interior. O jornalismo tem a pretensão de ser polifônico. Ele busca cumprir alguns expedientes que, pelo menos em tese, dão a ele um caráter democrático. O principal desses expedientes é a escuta de mais de uma fonte, numa tentativa de estabelecer um verniz de imparcialidade ao texto, como se uma suposta escuta numerosa garantisse sua polifonia.

A polifonia, como lembra Leal (2022), também conhecida como “plurilinguismo”, é um dos conceitos mais difundidos de Mikhail Bakhtin. A leitura bakhtiniana de linguagem está pautada em uma concepção dialógica e ao mesmo tempo dinâmica, tendo uma dimensão plural bastante presente, desaguando então na polifonia. Em Bakhtin, cada enunciado, cada texto, se constituem a partir de um processo complexo de interação, em que lhe são conferidos avaliação social. Nesse sentido, a linguagem deve ser encarada como um fenômeno que se inscreve na tensão entre sujeito e discurso e as coerções características de uma esfera de interação verbal (Di Fanti, 2003, p. 5).

A polifonia só estará inserida na narrativa jornalística a partir de uma organização enunciativa resultante da combinação de visões de mundos diversas, desacopladas da voz do narrador. Vozes distintas em uma narrativa ampliam seus mundos possíveis, e complexificando-os, faz com que dialogue com a heterogeneidade social, ainda que em partes (Leal, 2022, p. 107).

No domínio jornalístico, é importante que as testemunhas e fontes ouvidas oferecem perspectivas diferentes das que guiam a história. Muito mais que simples escolhas feitas pelo repórter, as falas de uma história polifônica evidenciam locais sociais diferentes que não só confortam a orientação estratégica da narrativa ou da mídia informativa. A decisão de uma mídia de sustentar seu ponto de vista, mesmo baseado na fala de especialistas diversos, pode não só deslocar completamente a noção de polifonia, quanto evidenciar suas preferências, cristalizações, ideologias e partidos. Embora a variedade de pessoas falando em uma narrativa aponte para uma possível representatividade e respeito à diversidade, é possível que essa

variedade apenas esteja dando eco a uma mesma orientação, contrariando o sentido de multiplicidade de entendimentos de mundo, como ressalta Leal (2022).

A presença de mais uma “pessoa que fala” nas narrativas pode servir então ao oposto da polifonia: ao invés de atenção receptividade em relação aos lugares sociais, torna-se um artifício que visa autenticar uma única verdade, o entendimento de mundo personificado pela mídia informativa e materializado na narrativa. (Leal , 2022, p. 108)

Ao acessar as narrativas através da chave da polifonia, dois caminhos são colocados: o primeiro deles é a dimensão realista do jornalismo, em sua busca por abordar a vida como ela é, mesmo que ao fim essa realidade seja construída pelo próprio jornalismo; do outro lado, há de se considerar a constante tentativa das narrativas jornalísticas de estabelecer uma realidade reconhecível. Segundo Leal (2022), a princípio essas duas dimensões conviveriam sem maiores contradições. Entretanto, a necessidade de se legitimar o mundo possível da narrativa acaba por se sobrepor. Essa tensão pode gerar escolhas narrativas arbitrárias, distantes das contradições e realidades sociais. Eticamente, o abandono da polifonia é uma recusa ao mundo como ele é em princípio: diverso, complexo, contraditório, instável.

O que o jornalismo toma por realidade está sempre em construção e em disputa por sentidos. Faz parte das narrativas jornalísticas a tentativa de apresentar a realidade como algo compartilhado, transparente. Segundo Leal (2022), porém, em alguns momentos, as mídias e narrativas informativas assumem que essa possível transparência da realidade é de fato inalcançável. Seja agindo de maneira presunçosa, ao se dizer capaz de oferecer uma realidade comum, ou se abrindo de fato à diversidade de vozes, cada narrativa revela suas intenções no mundo e atitudes diante de seus interlocutores.

A situação envolvendo a *GloboNews* além de revelar de vez a fragilidade da reivindicação da polifonia, evidencia a instabilidade e uma dificuldade interna do jornalismo em lidar com especializados. Embora pareça um simples descuido o monopólio da bancada por pessoas brancas no dia em que a pauta era racismo, este caso expõe que as/os especializados, complementam a informação ao estabelecer novas relações de saber com os sujeitos da audiência a partir do contexto e das lógicas de pertencimento social. Não fosse a onda de críticas nas redes sociais, os produtores do programa se atentariam para a controvérsia gerada na edição anterior? O caso parece expor que as/os especializados também estão sujeitos a um escrutínio da audiência, sobre quem é mais indicado ou não para falar sobre determinado assunto. Mostra que em caso de intensos questionamentos por parte da audiência, o jornalismo poderá as/os acionar como escudo não só de credibilidade, mas de representatividade.

As/Os especialistas também podem ser notadas (os) na *CNN Brasil*. No programa *CNN Arena* do dia 20 de junho/2023, a apresentadora Raquel Landim introduziu sua bancada de convidados da seguinte forma:

**[Raquel Landim]** (...) *time de hoje com nossa repórter de política em Brasília, Tainá Falcão; o analista Leandro Rezende; o repórter Leandro Magalhães, e a convidada da revista Veja, Clarissa Oliveira. Boa noite a todos!*

Percebe-se que, na forma, as/os especialistas são encarados pela *GloboNews* e pela *CNN* de maneiras similares. Geralmente trata-se de repórteres ou apresentadores da emissora, de analistas com formação no assunto, ou de convidados de outras empresas de televisão (ponto que distancia *CNN* da *GloboNews*). Na vinheta do *CNN Arena* lê-se “Análise *CNN*”, o que já localiza a audiência sobre a que ele terá acesso e à forma em que a informação será repassada. A apresentação dos convidados feita por Raquel Landim e a própria vinheta já situam uma proposta de informação baseada na contextualização e análise supostamente pessoal do assunto em questão.

As/Os especialistas também se apresentam no *web* jornalismo. A reportagem “*Pressão alta atinge mais de 30 milhões de brasileiros e mortes aumentam 72% em 10 anos*”<sup>16</sup>, veiculada no g1, o site de notícias da Globo em 25 de junho/2023, escolhida por apresentar intensa presença de especialistas, traz as seguintes afirmações:

1. **[g1] - Especialistas afirmam, porém, que os números podem ser ainda maiores: 600 mil mortes causadas por hipertensão ao longo de uma década.**
2. **[g1] - Para médicos ouvidos pelo g1, apesar de ser bastante perigosa e responsável por grande parte das mortes prematuras no país (entre 30 e 69 anos), a hipertensão não é levada a sério como deveria pela maioria das pessoas.**
3. **[Luiz Bortolotto, cardiologista do Instituto do Coração de São Paulo (Incor-SP)] - Doenças crônicas não transmissíveis, como a hipertensão, costumam ser banalizadas. Banalizadas no sentido de que: 'bom, eu tenho pressão alta e ok, isso faz parte da minha vida'. Não tem uma preocupação como se a gente falasse 'eu tenho câncer' ou outras doenças com um impacto visivelmente maior na saúde.**

<sup>16</sup> Reportagem de 25 de junho de 2023, por Marina Pagno, g1. Disponível em <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/06/25/pressao-alta-atinge-mais-de-30-milhoes-de-brasileiros-e-mortes-aumentam-72percent-em-10-anos.ghtml>>. Acesso em 25 de jun de 2023.

4. [g1] - *Segundo Bortolotto, que é presidente da Sociedade Brasileira de Hipertensão (SBH), o paciente com hipertensão só consegue sentir a doença quando chegam as complicações. "Aí a pessoa fica mais atenta", afirma.*
5. [g1] - *"É um problema de saúde pública importante no mundo inteiro. A prevenção passa por hábitos de vida mais saudáveis e mais adequados, além de uma identificação precoce", diz a cardiologista Andréa Araujo Brandão, da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC).*
6. [g1] - *Para o médico cardiologista Luciano Drager, do Hospital Sírio-Libanês, uma "epidemia de comorbidades" presente atualmente amplia a possibilidade de a pessoa se tornar hipertensa.*
7. [Luciano Drager, cardiologista] - *São hábitos de vida inadequados, sedentarismo, ganho de peso, distúrbio de sono, que podem surgir e contribuir para essa hipertensão. Então isso também explica por que a hipertensão está aumentando e a taxa de mortalidade atribuída a ela também.*
8. [g1] - *"Quanto mais cedo se identifica uma alteração leve da pressão arterial, mais fácil fica fazer um tratamento eficiente e que proteja das complicações da hipertensão", afirma a cardiologista Andréa Araújo Brandão.*
9. [g1] - *Especialistas no tema também apontam que as pessoas estão medindo mais a pressão arterial, não só pelo médico, mas também com aparelhos que fazem o controle fora do consultório.*
10. [g1] - *"Ao ter mais medidas, você acaba tendo mais diagnósticos. As pessoas estão começando a ter um conhecimento maior sobre o seu estado de hipertensão, apesar de ser muito aquém do desejado", explica Drager.*
11. [g1] - *"Se o pai ou a mãe tem hipertensão, você tem uma alta chance de desenvolvê-la a partir dos 40 ou 50 anos. Agora, se tem esse antecedente familiar e não se alimenta direito, come muito sal, para de fazer exercício, você vai ter hipertensão com 20 ou 30 anos", afirma o presidente da SBH e cardiologista Luiz Bortolotto.*
12. [g1] - *"A hipertensão tem uma relação forte com o estilo de vida que a gente tem, principalmente nos grandes centros urbanos, onde você não tem muito tempo para uma alimentação mais adequada, e aí tem uma chance maior de ter excesso de gordura, de carboidrato e de sal nos produtos consumidos", diz a cardiologista Andréa Brandão.*
13. [g1] - *"Se não tivermos proatividade nesse contexto, a hipertensão vai continuar sendo uma das grandes líderes de mortalidade em todos os lugares, incluindo no nosso país", afirma o cardiologista Luciano Drager.*

Ao todo, a reportagem do g1 invoca em 13 oportunidades a figura de um/a especialista. Nesse caso, não é possível saber o rosto dele, qual roupa está vestindo ou qual expressão está demonstrando ao comentar sobre a notícia que está sendo produzida. Percebe-se que mesmo

sem os recursos visuais oferecidos pela TV, o jornalismo não abre mão da fala de uma/um especialista. A ausência do rosto dos médicos não é um obstáculo para a narrativa jornalística. A superfície do texto jornalístico se conforma com a utilização do fator de credibilidade (e autoridade), neste caso o nome da instituição a que o profissional faz parte, o cargo que ocupa ou a especialidade (cardiologia), o capacita para falar sobre pressão alta. Tais recursos de credibilidade não são aspectos apenas do áudio-jornalismo, do *on line* ou impresso, mas o grau de importância desse detalhe significativo (Ponte, 2005) é decisivo para um efeito de realidade e autoridade em narrativas impressas ou orais que se utilizam de fala especializadas. Nas sequências 1, 2, 4, 6 e 9 pode-se perceber a fala direta do jornal se apoderando de um saber especializado como forma de contornar (ou preencher) a necessidade de um verniz de conhecimento científico para a reportagem.

Nos programas jornalísticos presentes nas plataformas de *streaming* apelar para a participação de agentes especializados também parece ser uma constante. Assim como no *web* jornalismo e nas narrativas do jornal impresso, o especialista aqui não tem rosto, muito embora seja possível ouvir sua voz. Sua presença também é marcada por enunciados que investem a eles uma autoridade para a fala. Em *podcast* jornalísticos *mainstream*, como os abordados nesta dissertação, um dos elementos que revela sentidos e auxilia na presunção da capacidade de uma/a especialista é o verbete de apresentação do programa. Geralmente oferecem um panorama geral do que será discutido naquela edição e quem são os convidados para ajudar a interpretar os fatos ali repercutidos.

[Podcast O Café da Manhã - 04/01/23] - (...) No episódio desta quarta-feira (4), o *Café da Manhã* trata da relação do novo governo com o STF. **O repórter da Folha em Brasília Matheus Teixeira fala do equilíbrio entre os Três Poderes, dos julgamentos que devem marcar o ano e do perfil dos cotados para a corte.**

[Podcast O Assunto - 04/01/23] - (...) **Para entender o que esperar da relação entre os poderes Executivo e Judiciário, Natuza Nery conversa com Eloísa Machado, professora de direito constitucional da FGV. Neste episódio, Eloísa avalia que as duas nomeações serão “as mais importantes no STF” e explica o porquê; A pesquisadora do STF traça o perfil de Lewandowski e Weber; avalia o tamanho da influência de Lula no Supremo.**

Nota-se que, enquanto a Folha de S. Paulo prefere ouvir um de seus repórteres, o *O Assunto* da Globo recorre a uma estudiosa do Supremo Tribunal Federal para ajudar a explicar

a relação entre os poderes Executivo e Judiciário. Nos dois exemplos, apesar de ser apontado pelo jornal como possuidor de um saber especializado sobre o assunto, o especialista precisa de elementos para dar suporte ao seu direito à fala. Como acontece no impresso e no *on line*, identificamos novamente os detalhes significantes que auxiliam na compreensão do discurso de autoridade. Tanto o repórter da *Folha* em Brasília, quanto a professora de direito constitucional da FGV e pesquisadora do STF precisam ser comunicados como tal, uma vez que todo o discurso que farão a partir disso é que possibilitará a assimilação de sua mensagem como sendo algo importante, indigno de desconfiança.

Considerando sua onipresença no jornalismo atual, o agente especialista nos impõe a necessidade de um brevíssimo exercício histórico de sua participação nos produtos jornalísticos. Para tal, faremos uma rápida incursão ao jornalismo impresso diário do passado. Estamos falando de uma das mídias que melhor deram conta de contar a história do Brasil (e do jornalismo brasileiro) e que hoje é fundamental para a preservação e compreensão da memória nacional. Com uma lógica de produção jornalística distinta da que se conhece hoje, o jornalismo impresso traz marcas de enunciação que o identifica e o torna distinto de outras produções jornalísticas. Jácome e Leal (2019) chamam a atenção para a conformação verbo-visual, que no entendimento dos autores é primordial para dar unidade e tornar identificável toda uma gama de notícias, editoriais e colunas dentro de um jornal impresso. Segundo eles, as marcas de enunciação que envolvem a diagramação e o próprio estilo do jornal acabam por gerar uma identidade própria, um padrão visual.

Partindo de uma curiosidade acerca da presença dos especialistas nas narrativas de jornais impressos, empreendemos um pequeno esforço para verificar se, décadas atrás, esse personagem já era tido como parte fundamental na comunicação da notícia. Sem o objetivo de encampar uma análise exaustiva, visitamos no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a edição de número 09747 do Jornal Correio Braziliense, do dia 31 de dezembro de 1989.

**Figura 12** - Duas reportagens no Correio Braziliense em 31 de dezembro de 1989



Fonte: Hemeroteca Digital, 2023.<sup>17</sup>

Concentramos a observação em três reportagens de cunho político: *i. Fidelidade a Brizola não estava na conta*; *ii. Abstenções às vezes somaram mais que Lula*; *iii. Transferência também teve suas zebras*. Os três textos tratam de situações envolvendo a disputa das eleições de 1989, vencidas pelo então governador de Alagoas Fernando Collor de Melo. Não foi possível identificar nenhum traço da presença de especialistas nas matérias. Com um texto marcado por um movimento mais descritivo e interpretativo, as três reportagens parecem reproduzir uma linguagem direta, mais próxima do fato, estabelecendo por si só o contexto das informações. Importante notar que o jornal aborda fenômenos bastante complexos relativos ao processo eleitoral, como a transferência de votos, a abstenção e preferências eleitorais, o que nos faz questionar se seria possível a construção atual de uma narrativa desses assuntos sem a presença de uma contextualização feita por algum estudioso das áreas da ciência política.

Em mais um exercício de tensão da presença do agente especialista no jornalismo impresso, observamos uma reportagem da edição do Jornal Valor Econômico do dia 03/10/2022 assinada pelo repórter Marcos de Moura e Souza, intitulada “*Nível de abstenções nas eleições 2022 é o maior desde 1998*”<sup>18</sup>. A leitura da reportagem oferece inúmeras aberturas interpretativas para o leitor, mas uma delas ajuda a cumprir o expediente da reportagem de contextualizar o fenômeno da abstenção eleitoral e seu recorde desde 1998:

<sup>17</sup> Hemeroteca Digital, edição de número 09747 do Jornal Correio Braziliense, do dia 31 de dezembro de 1989. Disponível em <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_03&pagfis=139996](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pagfis=139996)>. Acesso em 8 de jun de 2023.

<sup>18</sup> Nível de abstenções nas eleições 2022 é o maior desde 1998. Jornal Valor Econômico, dia 03/10/2022. Disponível em <<https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/03/nivel-de-abstencao-e-o-maior-desde-1998.ghtml>>. Acesso em 26 de jun de 2023. Embora a reportagem esteja veiculada ao site do Jornal, a mesma está presente na versão impressa diária do mesmo.

[Valor Econômico] - *“A teoria política tem duas análises que relacionam acirramento das disputas eleitorais e nível de abstenção”, lembra Bruno Wilhelm Speck, professor de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP). Uma delas, diz ele, é que quanto mais apertada a disputa mais eleitores comparecem para votar. A outra análise é que em ambientes políticos marcados por muita agressividade, uma fatia maior dos eleitores acaba desistindo de votar para evitar situações de confronto e violência nas ruas. “A abstenção de ontem parece estar mais próxima da segunda explicação”, disse Speck.*

O Jornal Valor Econômico, assim, se utiliza da fala de um professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo para comentar e oferecer uma explicação científica para a alta no número de abstenções na eleição presidencial de 2022. A não utilização de nenhuma fala especializada por parte do Correio Braziliense em 1989 nos oferece possibilidades de inferência sobre o advento dos agentes especializados para o texto jornalístico e o que a instituição jornalística pode ter ganhado com isso. Seriam então os especialistas um fenômeno contemporâneo no aparato jornalístico? Ou só são invocados em produtos jornalísticos cujo objetivo seja uma análise e contextualização dos fatos? Não nos propomos a responder tais questões aqui, dado o escopo da dissertação, mas elas nos parecem dar pista das historicidades das/os especialistas no jornalismo brasileiro.

## **2.2. Especialista: alguns aspectos gerais**

Embora seja relativamente simples a localização do especialista em narrativas jornalísticas, seja por causa de sua participação constante ou pelo destaque que é dado a ele, esse exercício não carrega o mesmo grau de tranquilidade quando procuradas pesquisas do campo da comunicação abordando esse agente da informação. São poucos os estudos acadêmicos dedicados à figura do especialista. Apesar disso, já é possível encontrar questionamentos importantes em relação aos agentes que habitam as narrativas jornalísticas e que são responsáveis por oferecer algum grau a mais de credibilidade e/ou autoridade ao que está sendo dito. Como exemplo, trazemos um texto do site Jornal do Campus, da USP, de 3 de maio de 2016, que traz no título uma das perguntas que norteiam essa pesquisa. Assinado por Luciana Coelho, o artigo *“Afiml, quem é o especialista?”* questiona qual os critérios para se outorgar o título de especialista a alguém ouvido para dar respaldo de informação em alguma

matéria jornalística. O texto retoma uma matéria da edição 454 do Jornal do Campus, intitulada “*Governo Macri modifica Lei de Meios*”. O jornalista na ocasião ouviu Eugênio Bucci e Pablo Giuliano. O primeiro é professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), colunista da Folha de S. Paulo e figura já conhecida de muitos. Mesmo assim, o texto de Luciana Coelho entende que “é simplório identificar apenas como professor da ECA alguém de currículo longo que por anos dirigiu a Radiobras/EBC, empresa pública de comunicação – aliás, a melhor justificativa para ouvi-lo sobre esse tema” (Coelho, 2016).

No caso do segundo entrevistado, a dúvida em relação ao que o possibilita falar como especialista persiste, uma vez que ele foi identificado apenas pelo nome e como sendo um jornalista argentino e correspondente. O texto de 3 de maio de 2016 então questiona: *a qual veículo o dito jornalista integra? Há quanto tempo ele está fora da Argentina? O que o qualifica a falar do assunto?*

As respostas aparecem depois da pesquisa de Luciana Coelho. Sobre Pablo Giuliano, ela escreve:

(...) foi preciso buscar sua página em uma rede profissional para saber que o jornalismo não é mais sua principal atividade; que ele vive no Brasil desde 2004 (não acompanhou as gestões de Néstor Kirchner, iniciada em 2003, Cristina ou Macri); que trabalhou para a Ansa e a Efe, agências estrangeiras, não argentinas. Vale ouvi-lo? Sim se fosse um estudioso do tema, mas isso o texto não informa (Coelho, 2016).

Embora pareçam ser questões fáceis de se resolver no interior do texto jornalístico, o questionamento que Coelho (2016) faz é o que tem atraído nossa atenção quando pensamos no jornalismo interpretativo hoje no Brasil. Esses jornalisismos que se vendem interpretativos, por exemplo, nos parecem reproduzir atualmente um tipo de comunicação intrinsecamente pautado na opinião de alguém que o próprio jornal diz ser especialista. Vejamos o verbete de apresentação do *podcast O Assunto*, da Globo.

Um grande assunto do momento discutido com profundidade. Natuza Nery vai conversar com jornalistas e analistas da TV Globo, do g1, da *GloboNews* e dos demais veículos do Grupo Globo para contextualizar, explicar e trazer um ângulo diferente dos assuntos mais relevantes do Brasil e do mundo, além de contar histórias e entrevistar especialistas e personagens diretamente envolvidos na notícia. (O ASSUNTO, *Spotify*).

O problema levantado pelo texto do site da USP que questionava quem seria o especialista levava em conta uma falta de caracterização adequada dessa figura dentro da estrutura noticiosa. Mas é possível ir além deste questionamento, e um outro aspecto que nos interessa é a responsabilidade colocada pelo jornalismo sobre os ombros do especialista. Seria

tarefa dele então discutir com profundidade, contextualizar, explicar e trazer ângulos diferentes sobre os assuntos mais relevantes do país e do mundo. Aqui entra uma das principais chaves de acesso às dinâmicas do agente especialista: não somente sua especialidade e modo de lidar com a interação jornalística, mas uma capacidade de contextualizar os fatos. Quando pensamos em contexto, como lembra Leal; Sacramento; Gomes (2017) a palavra quase sempre está relacionada a uma ideia de pano-de-fundo, não merecemos maiores problematizações. Entretanto, o contexto abriga relações mais complexas. Segundo os autores, menos que uma simples recuperação do que já está dado ou que já aconteceu, o contexto surge em sua ação direta, ou seja, a contextualização. A contextualização é

um agir sobre os fenômenos processos e produtos, capaz de dar-lhe forma, informá-los, e de fazer emergir demandas poéticas, éticas e estéticas, abrigando necessariamente as distintas temporalidades da obra e dos seus interlocutores (produtores, instituições, consumidores, outras obras, etc.) (LEAL, SACRAMENTO, GOMES, 2017, p. 3).

Nesse sentido, a contextualização não se restringe a algo que está dentro ou fora do texto, não é mais uma moldura ou um fundo que dá suporte aos processos comunicacionais. É, como propõe Goulart; Martins; Antunes (2017) uma figura que oferece vida aos textos. Ao abordarem os conceitos de historicidade e contexto e sua aplicabilidade na historiografia e comunicação, Barbosa, Rego (2017) apontam o contexto como intrínseco ao campo da história e aos objetos analisados. Para elas, o contexto é “o lugar em que existências passadas, acontecimentos, fatos etc., em movimentos específicos, inscrevem e conquistam através da historicidade manifesta da essência, seu lugar na história” (Barbosa; Rego, 2017, p. 12).

Ao se propor contextualizar, o jornalismo então explicita as relações de confiança que marca sua relação com o real. A princípio, consumidores de alguma mídia jornalística são clientes do seu processo de produção, confiam no funcionamento interno pleno do jornalismo, quer seja na apuração da verdade ou comunicação dela. Essa confiança possui pontos cegos, uma vez que a audiência não possui meios objetivos de avaliar os processos de produção da notícia, ou seja, o funcionamento interno do jornalismo. Essa é a noção do *expert system*, o sistema perito. Para Miguel (2022), é uma característica fundamental da sociedade moderna, se apoiando na proposição de Giddens (1990), em que os sistemas de excelência técnica-profissional do mundo estão organizados em grandes áreas materiais e sociais, inclusive saberes, práticas e outros artefatos.

O sistema perito é uma característica cotidiana do mundo. A crença nesse sistema, segundo Miguel (2022), está presente nas situações mais corriqueiras do dia a dia, como quando acionamos o interruptor para acender uma lâmpada ou quando ligamos a TV para assistir a uma programação. O autor afirma que com base no conceito, é razoável a compreensão do jornalismo como um sistema perito, afinal, a partir dele é estabelecida com o público uma relação de confiança semelhante a outros sistemas. Para Miguel (2022), tal relação de confiança é dividida em três etapas: *i.* quanto à veracidade das informações relatadas; *ii.* quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos fundamentais ao relato; *iii.* quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante dos fatos disponíveis. Segundo o autor, a primeira etapa está relacionada à objetividade do fato e na distinção jornalística mais básica entre verdade e mentira. A segunda e a terceira etapas, segundo ele, se referem às questões relacionadas aos enquadramentos dados e ao poder de agendamento do jornalismo.

Segundo Miguel (2022) há, entretanto, uma característica que distingue o jornalismo de outros sistemas de especialização técnica, que é a baixa capacidade de comprovação independente da correção da confiança do público (p. 5). A confiança depositada em um sistema perito é treinada e construída não de maneira gratuita, mas na experiência de seu funcionamento cotidiano. Basta que utilizemos uma máquina de barbear para comprovar sua funcionalidade ou façamos um tratamento médico adequado para verificar uma melhora nos sintomas que antes incomodavam. Mas esse grau de verificação é mais complexo no jornalismo, basta analisar as etapas de construção da confiança propostas por Miguel (2002). A primeira (verdade do relato) é insuficiente, já que permite a verificação apenas em alguns casos, quando não há, por exemplo, impeditivos de ordem espacial ou temporal. A segunda (seleção dos elementos da notícia) oferece ainda menos instrumentos para a verificação, uma vez que a comprovação requer um conhecimento aprofundado acerca da prática jornalística. Por sua vez, segundo Miguel (2022), a verificação da terceira etapa de confiança no jornalismo (seleção justa da seleção da notícia) não está ao alcance dos sujeitos consumidores de informação e pode gerar questionamentos sobre os critérios adotados para noticiar algum fato em detrimento de outro.

Existe um ponto importante a ser analisado no interior dos sistemas peritos. Se colocada em perspectiva, a confiança herdada por esses sistemas não advém apenas da comprovação de seu funcionamento, como destaca Miguel (2022) ao apresentar o conceito dos meta-sistemas peritos.

A confiança não se sustenta apenas na experiência prática do funcionamento do sistema, mas também em “forças reguladoras”, isto é, “organismos que licenciam

máquinas, mantém vigilância sobre os padrões dos fabricantes de aeronaves, e assim por diante” (Giddens, [1990] 1991, pp. 36-7). Sei que posso usar os produtos ou contratar os profissionais sem receio porque eles estão sob supervisão de tais agências. É possível dizer que elas funcionam como metassistemas peritos (Miguel, 1999), já que o público deve conferir a elas a mesma confiança desprovida de expertise que confere aos sistemas que elas supervisionam ou regulam. (Miguel, 2022, p. 6).

Metassistemas peritos, portanto, são instrumentos diversos que dão suporte à crença presente no funcionamento dos sistemas. As relações de saber construídas entre o jornalismo e sua audiência, por exemplo, nos colocam diante de mecanismos que operam para confirmar ou rejeitar crenças presentes nos agentes ou nas práticas da notícia. Segundo Miguel (2022), cabe perguntar quem cumpre o papel de metassistema no próprio jornalismo. Ele cita a existência de alguns mecanismos ligados à liberdade de expressão minimamente capazes de impedir calúnia e difamação, mas que, ao cabo, se mostram insuficientes como metassistemas peritos, pois não são capazes de ganhar da audiência a crença relacionada à seleção dos elementos da narrativa e na escolha sobre o que noticiar ou não.

Quando questionamos a existência de algum artifício que exerça uma certa supervisão perita no jornalismo, a conclusão é de que somente o jornalismo pode controlar a si mesmo (Miguel, 2022, p. 6). Nesse aspecto, a concorrência, que em último caso poderia operar certo controle, também se mostra incapaz, como explica Miguel (2022):

(...) ela é um mecanismo de controle muito insuficiente. A própria prática jornalística estrutura certas disposições que fazem com que o profissional tenda a selecionar determinado tipo de fato como relevante, dada a uniformização dos critérios de noticiabilidade. Além disso, os grandes órgãos de imprensa compartilham uma mesma visão de fundo – afinal, são grandes empresas capitalistas e, ademais, dependentes de anunciantes que também são, por sua vez, grandes empresas capitalistas. Há um interesse de classe compartilhado pelos controladores dos meios de comunicação. (Miguel, 2022, p. 6, grifo nosso).

É importante reconhecer, portanto, que o jornalismo enfrenta desafios significativos como um sistema perito. A concentração de propriedade da mídia e os interesses comerciais podem comprometer a confiança do público na cobertura jornalística. Além disso, o surgimento das redes sociais e das plataformas digitais têm desafiado o papel tradicional dos jornalistas como *gatekeepers*, permitindo que uma gama mais ampla de vozes e perspectivas entre na esfera pública. Ao reavaliar a noção de jornalismo como sistema perito, proposta inicialmente em 1999, Luis Felipe Miguel (2022) destaca que as novas tecnologias da comunicação fizeram com que um grande número de pessoas tivesse acesso a meios de disseminação de informações, reorganizando a lógica de comunicação e ampliando a concorrência ao jornalismo profissional. Para ele, a dificuldade do jornalismo de se manter como um sistema perito é provocada pela

crise de legitimidade que a instituição atravessa. A “erosão dos critérios de verdade” apresenta obstáculos para que o jornalismo seja encarado como portador de um saber especializado sobre o mundo e se diferencie de outros meios de comunicação que hoje competem com ele.

No momento que as novas tecnologias de informação se aproximaram do jornalismo, cultivando narrativas também impossíveis de se comprovar objetivamente, tanto jornalistas, quanto outros produtores de “notícias” puderam reivindicar a verdade sobre seus relatos. Miguel (2022) aponta que o mesmo vale para as vozes de autoridades no jornalismo, que com novos espaços de emissão, também perderam o posto de únicos portadores de saberes especializados.

Para Miguel (2022) a crescente descrença nos relatos jornalísticos fez o jornalismo perceber que a impossibilidade de comprovação direta do fato - que antes firmava seu privilégio de dizer a verdade sobre o mundo - hoje mais atrapalha que ajuda. Isso porque, em momentos de intensos questionamentos, a capacidade de apresentar respostas credíveis sobre sua atuação no mundo se faz quase que indispensável. A crença no funcionamento de um sistema, lembremos, não é gratuita; está assentada em experiências concretas, o que diferencia um sistema de outros. A descrença também atinge outros sistemas, como lembra Miguel (2022), mas a médio e longo prazo, o que segundo ele é uma característica da pós-verdade. Detentores de saberes especializados são confrontados, por exemplo, com os efeitos do cigarro para o câncer de pulmão ou do dano da atividade humana para o aquecimento global: relações que se comprovam em prazo maior de tempo. Mas quando a experiência de algum usuário o leva a comprovar a efetividade do sistema, não há questionamento sobre a expertise de quem o opera.

Para o jornalismo essa relação é mais complexa por depender exclusivamente da crença do público. Na ausência dessa confiança, a operação do sistema é incapaz de cumprir minimamente suas demandas. Com a crença do público em xeque, o jornalismo perde sua capacidade de agendamento e de enquadramento, segundo Miguel (2022). O autor defende que, contra a deficiência presente de crença no jornalismo, as empresas jornalísticas têm tomado caminhos infrutíferos. O primeiro deles seria o apelo de uma consciência cívica acerca da necessidade de produção de notícias verdadeiras. É possível verificar tal reivindicação em campanhas dos próprios veículos jornalísticos. Um exemplo é a campanha publicitária institucional do Valor Econômico, o “O Valor do Valor”. Com o lema “*O Valor Econômico não tem interesses, tem valores*”, a ação publicitária parece ter o objetivo de fortalecer o caráter ético de um dos veículos de maior prestígio no país, sobretudo nas áreas de política e economia.

Quando se diz de um meio de comunicação que não têm interesses ou vieses, mas, sim, valores, a ideia reafirma em certa medida os mesmos valores históricos do jornalismo. Apesar da fragilidade da promessa de não interesse em suas notícias, o Valor Econômico quer fazer existir uma mediação transparente, imparcial, confiável. O segundo caminho tomado pelas empresas jornalísticas é a checagem de fatos, independente ou não. Utilizadas como resposta à onda de *fakenews*, o *fact checking* vende a ideia de objetividade, e segundo Miguel (2022), fragiliza a ideia inicial do jornalismo por terceirizar a veracidade dos relatos contidos nas notícias.

Como vimos, o novo ambiente da informação fragiliza o jornalismo enquanto um sistema perito. O apelo à necessidade de produção de notícias fidedignas e a grande exploração da checagem de fatos, embora apontadas por Miguel (2022) como respostas fracassadas frente à descrença da audiência, não nos parece ser os únicos modos de defesa do jornalismo contemporâneo. As narrativas jornalísticas, tão recheadas de vozes de especialistas, deixam ver outro modo de defesa do jornalismo para se manter como um sistema de *expertise*. A intenção de sustentar a credibilidade do relato jornalístico a partir da mediação de saberes especializados é uma tentativa de recomposição dos critérios de verdade e deseja retomar a confiança no jornalismo.

A frágil promessa de um jornalismo de “*confiabilidade, precisão e discernimento*” (Barnhurst, 2014) também não salva por completo a verdade dos questionamentos, pelo menos em sua utilização conceitual no jornalismo. Isso já ilustra o fato de a verdade não ser pacificada nem mesmo em uma instituição que diz tê-la como base. Segundo Tambosi (2007), há no jornalismo a tendência de reduzir a verdade a apenas um imperativo ético, sem muito esforço de pensá-la a partir de sua questão epistemológica ou relacionando-a com teorias da filosofia e ciência. Embora seja essa a escolha desta pesquisa, de não analisar conceitualmente a verdade, podemos observar de acordo com Tambosi (2007) que até mesmo a Filosofia tem tido dificuldades para defrontar a verdade, fazendo com que ela seja “ora considerada absoluta, ora relativa, ora apenas um ideal a ser alcançado, ora um conceito simplesmente dispensável – quando não decretada a sua inexistência (“não há verdade”)” (Tambosi, 2007, p. 2, destaque meu).

O jornalismo, ao reivindicar que sua interpretação do fato é única, está propondo então uma verdade única, e também, segundo Braga (2007), um caminho único para acessá-la, um caminho verdadeiro. Aqui se desenha um caráter autoritário do jornalismo, uma vontade de invalidar qualquer forma de acesso à verdade que não a sua. Essa pretensão de — tudo saber, tudo interpretar corretamente, tudo alcançar — aproxima o jornalismo de correntes filosóficas

bastante deterministas, como o platonismo, como explica Braga (2007). O jornalismo, em sua proposição mais primária, também se dedica a descobrir a verdade e comunicá-la ao público. Nessa proposta de um jornalismo garantidor da verdade ou de uma interpretação adequada dela, jornalistas têm a responsabilidade de investigar eventos, analisar informações e apresentar notícias de forma precisa.

Aqui enxerga-se mais uma contradição do jornalismo, que historicamente tem construído suas bases sob a afirmação de uma lógica de espelhamento do mundo. No entanto, o jornalismo tem de lidar com a complexidade da realidade e a subjetividade de suas interpretações, ou seja, com a quebra do espelho. O relato jornalístico, segundo Tuchman (2002) é entrecortado e constituído pelo olhar de quem observa o mundo, seu conjunto de valores e princípios. A autora, uma das principais estudiosas do *Newsmaking*, afirma que, ao passo que a sociedade tem participação na formação da consciência, os indivíduos constroem e constituem de forma coletiva os acontecimentos sociais. A partir dessa perspectiva, percebe-se que a narrativa jornalística não parte de uma base neutra, puramente objetiva, garantidora da verdade. O relato jornalístico está carregado de intencionalidade, o que conforma diretamente a interpretação e enquadramento. A interpretação adequada é, no seu fim, um recorte ou uma versão da realidade alcançável.

Segundo Nerone (2013), em 1922, Walter Lippmann acusou as organizações jornalísticas, as mídias de notícias, de ajudarem a construir um pseudo-ambiente, ao invés de destilar o ambiente real. Para Nerone (2013), essa desmistificação proposta por Lippmann (1922), assim como as de Becker (1932) para os historiadores, fez com que os profissionais do jornalismo e da história incorporassem essas críticas a um novo sentido de prática (Nerone, 2013). Ao jornalismo, a objetividade passou a ser o termo da arte, exigindo um policiamento do repórter em abrir mão de qualquer subjetividade. Isso significou também a neutralização de fatores extranotícia, que poderiam distorcer a informação, como interesses comerciais e estereótipos. À história, coube o relativismo.

A objetividade e o relativismo soam como opostos polares. Na prática, eram bastante semelhantes. Ambos reintroduziram a subjetividade do praticante. Ambos enfatizaram o envolvimento do praticante, em vez de se separarem do mundo maior que está a ser ativamente construído. E tanto ampliou como intensificou a missão do praticante nesse mundo. As profissões mudaram a sua base do comando dos factos para a sofisticação que provém de uma dúvida sistemática. A incerteza substituiu a certeza como fonte da autoridade dos jornalistas e historiadores. A sua capacidade superior para chegar às verdades provém da sua capacidade treinada para questionar sistematicamente as versões concorrentes da Verdade. A qualidade da Verdade tornou-se provisória, sempre sujeita a alterações e refinamento, dependente de

contingências. E isto reforçou ironicamente as profissões. (NERONE, 2013, p. 8, tradução nossa).<sup>19</sup>

A aderência a valores como o relativismo e objetividade trouxe para o jornalismo e a história a necessidade de jornalistas e historiadores se enxergarem como agentes de suas produções, como foi o caso da Primeira Guerra Mundial, da Grande Depressão, quando se posicionaram na vanguarda da mudança social e reivindicaram uma autoridade ampliada por causa de seus compromissos progressistas (Nerone, 2013). Diz ele:

Há muito tempo que os jornalistas e historiadores inteligentes acreditavam na simples facticidade do seu ofício. Mas eles não modificaram significativamente os seus conjuntos de ferramentas em resposta. Os historiadores já não acreditam no ethos do fabricante de tijolos, mas todos eles ainda sabem como fazer tijolos. E isto é tudo o que os seus comités de fixação sabem avaliar. Jornalistas são cínicos sobre entrevistar fontes com poder - sabem tudo o que Lance Bennett (2007) lhes quer dizer. Mas eles não têm realmente outra maneira de fazer o seu negócio. (Nerone, 2013, p.16, tradução nossa).<sup>20</sup>

Para Nerone, o que conta para a verdade entre profissionais da história e do jornalismo é aquilo que é produzido com responsabilidade. Segundo ele, para os historiadores, isso significa apreender tudo o que for relevante para o seu objeto de cabeça aberta, de maneira a não categorizar anteriormente. Os jornalistas possuem regras semelhantes dotadas de um ceticismo questionador. Ele cita a relação do jornalismo com o Governo de George W. Bush em 2002 e 2003, quando o governo americano fazia campanha maciça na tentativa de influenciar a opinião pública de que o Iraque representava um risco real à soberania estadunidense. Os jornalistas, segundo Nerone, permaneceram céticos em relação a tudo que estavam relatando e o fizeram de forma responsável, na medida que seguiam as *bests practices* do jornalismo mesmo com as limitações de recursos. Embora falsa, a denúncia era “verdadeira o suficiente, verdadeira em mangas de camisa. E o "jornalismo por asserção" dos opositores da

---

<sup>19</sup> No original: Objectivity and Relativism sound like polar opposites. In practice, they were rather similar. Both reinscribed the subjectivity of the practitioner. Both emphasized the practitioner’s engagement with, rather than separation from, the larger world being actively constructed. And both enlarged and intensified the practitioner’s mission in that world. The professions switched their basis from command of facts to the sophistication that comes from systematic doubt. Uncertainty replaced certainty as the source of the authority of journalists and historians. Their superior capacity for arriving at truths came from their trained ability to systematically question competing versions of Truth. The quality of truth became provisional, always subject to change and refinement, dependent on contingencies. And this ironically strengthened the professions.

<sup>20</sup> No original: It has been a long time since intelligent journalists and historians believed in the simple facticity of their craft. But they have not significantly modified their toolkits in response. Historians no longer believe in the brick maker ethos, but they all still know how to make bricks. And that is all their tenure committees know how to rate. Journalists are cynical about interviewing empowered sources – they know everything that Lance Bennett (2007) wants to tell them. But they do not really have another way to do their business.

administração Bush, embora se tenha revelado correto, não cumpriu esse padrão.” (Nerone, 2013, p. 17).

Para o autor, a crise dos anos 70 nos Estados Unidos representou também uma crise nos discursos dos profissionais da história e do jornalismo. Para ele, se historiadores e jornalistas têm dificuldade para decidir entre si como afirmar e representar a verdade, então a grande sociedade também deve estar tendo problemas (Nerone, 2013, p. 1). Deve-se a isso, segundo o autor, o fato da história e do jornalismo serem disciplinas relativamente indisciplinadas, em que jornalistas devem disciplinar a notícia, e aos historiadores recai a responsabilidade de disciplinar o passado compartilhado. Isso quer dizer que ambas “são construídas como mecanismos para o policiamento de um campo de representação de formas que façam uma reivindicação sobre a crença de todos” (Nerone, 2013, p. 2). Nesse sentido, segundo o autor, são indisciplinadas na medida em que percebem que cada pessoa se envolve com algo relativo à história ou do jornalismo, não ficando a prática condicionada apenas aos profissionais destas áreas.

Os historiadores e jornalistas reconhecem a continuidade entre a sua prática e a prática popular. Eles não negam o direito das pessoas comuns de visitar o Arquivo Nacional ou assistir ao discurso do Estado da União e, de fato, esperam que o maior número possível de pessoas faça essas coisas com gosto. Eles não garantem seus privilégios da maneira como os médicos asseguram autoridade para escrever prescrições. Ainda assim, eles insistem que há uma diferença entre a boa prática profissional e o mundo vernacular. Eles simplesmente não estão certos de qual é essa diferença. Eles sabem que às vezes a produção dos melhores dos melhores em sua área tem se mostrado pior do que qualquer pessoa comum com senso comum poderia produzir. É por isso que ambos insistem que a sua prática se envolva continuamente com o público. Nem os jornalistas nem os historiadores desejaram ou desejam ser vistos a falar apenas com seus colegas profissionais. (Nerone, 2013, p. 2, tradução nossa).<sup>21</sup>

Tanto historiadores quanto jornalistas reconhecem, segundo Nerone, que suas verdades são precíveis. Se não fosse assim, não seriam necessários jornalistas nem historiadores. Em sua conclusão, o autor defende que se há algum fator que chame a atenção na crise de credibilidade, este fator não é a “crença na provisoriedade da verdade ou na parcialidade da verdade ou a importância do ponto de vista para a representação da verdade”. Trata-se, segundo

---

<sup>21</sup> Historians and journalists recognize the continuity between their practice and popular practice. They do not deny the right of ordinary people to visit the National Archives or watch the State of the Union address, and in fact hope that as many people as possible will do these things with gusto. They do not secure their privileges the way medical doctors secure the authority to write prescriptions. Still, they insist that there is a difference between sound professional practice and the vernacular world. They just are not sure what this difference is. They know that sometimes the output of the best of the best in their field has turned out to be worse than what any ordinary person with common sense could produce. This is why both insist that their practice engage continually with the public. Neither journalists nor historians wish to or wish to be seen to speak only to their fellow professionals.

ele, da “impossibilidade prática de manter limites razoáveis nas representações da verdade que respeitam a inteligência do público” (Nerone, 2013, p. 18).

### 3. ESPECIALISTAS EM *PODCASTS* JORNALÍSTICOS: MODOS DE APROXIMAÇÃO

Nos últimos anos, o jornalismo ganhou um espaço importante nas plataformas digitais. O *podcast*, um formato repaginado de produtos radiofônicos e de blogs, como vimos, parece não ter apresentado grandes desafios para as mídias de notícias. Seu baixo custo de produção e fácil adaptação aos modos jornalísticos já existentes se tornaram uma potencialidade para a prática da notícia. O *podcast* também oferece novas possibilidades para o jornalista, pois trata-se de um produto que pode abrigar múltiplos temas e múltiplas formas de comunicar a notícia. Herschmann e Kischinhevsky (2008) apontam que a ausência de regras rígidas nos *podcasts* é um dos principais fatores do formato para seduzir os produtores, visto que inexistem padrões de locução, restrições de linguagem e temas abordados (2008, p. 101). Em qual medida esse diagnóstico se aplica aos *podcasts* jornalísticos? De fato, os padrões de locução estão deslocados nesse gênero jornalístico se comparados a outras mídias informativas? Os temas abordados não se restringem a uma dicção jornalística tradicional?

Pesquisas com produtos sonoros, assim como os próprios estudos em comunicação, têm ao seu dispor uma variedade de abordagens. Diante de tanta possibilidade, a integração de diferentes metodologias também é um caminho, uma vez que as metodologias tradicionalmente aplicadas a eles — Análise do Discurso, História Oral, Estudos de Recepção e Análise de Conteúdo — quando adotadas de maneira isolada podem não dar conta da complexidade das relações radiofônicas (Kischinhevsky et al. 2015). Há inclusive, segundo Marcelo Kischinhevsky (2015) uma certa ausência de metodologias aplicadas às mídias sonoras nas principais referências bibliográficas, ao contrário dos estudos voltados aos audiovisuais.

Meditich e Betti (2019) argumentam que a análise da informação sonora enquanto um sistema complexo depende do tipo de observação, que segundo eles, é raro nas metodologias tradicionais. O funcionamento desse sistema complexo depende de subsistemas integrados, como a palavra, música e outros efeitos sonoros, e cada um deles funciona de acordo com convenções que acabam por tornar o sistema compartilhável socialmente (Meditich; Betti, 2019, p. 2). O desafio da pesquisa em produtos radiofônicos requer do pesquisador a combinação de abordagens metodológicas distintas, com métodos integrados, de modo a observar e analisar de forma mais assertiva do *corpus*. Kischinhesky et al. (2015, p. 12) afirma a necessidade de combinar modelos diferentes de análise, como a análise do discurso, análise de conteúdo, sociosemiótica e estudos de recepção, mas sem abrir mão da coerência.

No vasto cenário dos *podcasts* jornalísticos, a presença e participação de especialistas são elementos cruciais que moldam não apenas a qualidade das discussões, mas também a percepção do público sobre a veracidade e profundidade das informações apresentadas. Ao investigarmos mais de perto essa interação entre jornalismo e especialistas nos *podcasts* selecionados, algumas questões essenciais emergem, delineando a complexa teia de relações que se estabelecem nesse contexto. Com o avanço da pesquisa, identificamos quatro operadores de análise que tornam possível a resposta ao questionamento central desta investigação: quem é especialista?

Os operadores escolhidos não são exaustivos, serão utilizados de maneira articulada a partir do exercício de escuta dos episódios. Os quatro operadores partem da necessidade de compreender como se constroem as relações da/o especialista dentro da narrativa e, assim, como essa figura é constituída. Tais operadores tem a forma de quatro perguntas:

***a) Quem são os especialistas convocados nos podcasts?***

Nesse universo multifacetado, os especialistas podem variar amplamente, incluindo acadêmicos, profissionais da indústria, pesquisadores renomados e especialistas práticos em diferentes campos do conhecimento. A diversidade desses especialistas é definidora da ampliação das perspectivas e na introdução de análises especializadas nos tópicos abordados. Para responder ao operador, analisamos a forma com que os *podcasts* apresentam seus especialistas e quais estratégias utilizam para gerar uma imagem de credibilidade para eles.

***b) Qual a sua função em relação à pauta?***

Os especialistas não são meros convidados; são agentes fundamentais na construção do conteúdo. Eles participam da orientação das discussões, oferecendo *insights* supostamente especializados que transcendem o conhecimento convencional. Sua interpretação dos temas em questão e sua busca pela verdade colaboram para a construção de um discurso mais robusto e fundamentado. Mas existem diferenças na utilização e participação desses especialistas e precisamos observar quais papéis as/os especialistas desempenham no interior da narrativa: eles ampliam, confirmam, complementam, se contrapõem à perspectiva materializada na pauta de cada edição?

***c) Como os apresentadores e âncoras se comportam em relação aos especialistas?***

A relação entre estes personagens é uma dança delicada entre condução e colaboração. O âncora atua como mediador, orientando as conversas, mas também facilitando a expressão plena dos especialistas. Essa dinâmica criaria, a princípio, um equilíbrio que visa maximizar o valor informativo e a acessibilidade para o público. No entanto, alguns *podcasts* têm um formato de entrevista mais estruturado, onde o anfitrião conduz a conversa de forma mais direta, fazendo perguntas específicas ao especialista. Nesses casos, o especialista pode ter menos espaço para expressar suas próprias ideias ou abordagens, pois a conversa é direcionada pelo anfitrião. Em outros programas, a conversa pode ser mais informal e livre, permitindo que o especialista tenha mais liberdade para compartilhar suas opiniões e conhecimentos de forma menos restrita. Esses podcasts tendem a oferecer aos especialistas mais espaço para explorar tópicos de interesse. Dependendo do propósito do *podcast*, o tratamento dado ao especialista pode variar. Em programas de entretenimento, os especialistas podem ser convidados a contribuir com histórias interessantes que cativem o público. Mas como se dá essa relação nos podcasts jornalísticos? O terceiro operador irá favorecer a resposta a esse questionamento.

***d) Há diferenças no tratamento dado ao especialista entre os podcasts?***

Cada *podcast* possui sua identidade e abordagem editorial única. Alguns podem adotar uma postura mais informal, promovendo uma interação mais descontraída com os especialistas, enquanto outros podem optar por uma abordagem mais formal e estruturada. Essas diferenças se materializam efetivamente em relação aos especialistas. Se, nos itens anteriores, a abordagem buscava reconhecer a especificidade de cada programa, essa última pergunta nos abre a possibilidade de um olhar comparativo, que poderá então identificar regularidades e diferenças entre eles. Diante desse cenário complexo, as perguntas formuladas acima servirão como operadores de análise para identificarmos as relações envolvendo as/os especialistas nos *podcasts* selecionados. As respostas, assim, contribuirão para uma compreensão mais precisa do papel dos especialistas no panorama dos *podcasts* jornalísticos e das relações de saber no interior dessas narrativas.

No caso do *O Assunto* (g1) e do *Café da Manhã* (Folha de S. Paulo), escolhemos cinco episódios de cada dia da semana em um intervalo de cinco semanas. Ou seja, a cada semana, analisamos um episódio obedecendo a ordem dos dias, de segunda a sexta-feira. O período escolhido para a análise foi de 11 de setembro de 2023 a 13 de outubro de 2023.

**Tabela 4** - Intervalo de análise dos episódios e divisão por semanas.

SEMANAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
<b>1</b> <i>11/09 - 15/09</i>					
<b>2</b> <i>18/09 - 22/09</i>					
<b>3</b> <i>25/09 - 29/09</i>					
<b>4</b> <i>02/10 - 06/10</i>					
<b>5</b> <i>09/10 - 13/10</i>					

**Fonte:** Do autor, 2023.

A distribuição dos episódios por dias de semanas distintas teve o intuito de fugir da pressão dos contextos editoriais, de modo que pudéssemos colher resultados mais próximos à dinâmica real dos programas. O mesmo critério de escolha dos episódios foi aplicado ao *Viva Voz* (CBN), entretanto, no dia 13 de outubro (sexta-feira) o programa não foi ao ar em virtude do período de férias da comentarista Vera Magalhães. A falta do episódio, cremos, não traz prejuízo à análise.

**Tabela 5** - Relação de programas, episódios, entrevistas e datas de lançamento.

PODCAST	TEMA DO EPISÓDIO	ENTREVISTADO	DATA	DURAÇÃO
<b>Café da Manhã</b> (Folha de S. Paulo)	<i>Qual é a força da Democracia brasileira?</i>	Heloísa Starling-historiadora, cientista política e professora da UFMG.	Segunda-feira <b>11 de setembro de 2023</b>	32 min
<b>Café da Manhã</b> (Folha de S. Paulo)	<i>A onda de calor no inverno e a crise climática</i>	Paulo Artaxo - professor do Instituto de Física	Terça-feira <b>19 de setembro de 2023</b>	26 min

		da USP e membro do Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas.		
<b>Café da Manhã</b> (Folha de S. Paulo)	<i>Como apelos golpistas de Bolsonaro impactam cúpula militar</i>	Cézar Feitoza - repórter da Folha em Brasília.	Quarta-feira <b>27 de setembro de 2023</b>	29 min
<b>Café da Manhã</b> (Folha de S. Paulo)	<i>A morte de abelhas e os agrotóxicos no Brasil</i>	Alexa Salomão - repórter da Folha.	Quinta-feira <b>5 de outubro de 2023</b>	29 min
<b>Café da Manhã</b> (Folha de S. Paulo)	<i>Israel e Hamas: o risco da escalada</i>	Igor Gielow	Sexta-feira <b>13 de outubro de 2023</b>	27 min
<b>O Assunto</b> g1	<i>Mulheres no degrau de baixo do funcionalismo</i>	Irene Vida Gala - subchefe do escritório de representação do Itamaraty em São Paulo e presidente da associação das mulheres diplomatas brasileiras.  Gabriela Lotta - doutora em ciência política, professora da FGV, vice-presidente do conselho da República.org.	Segunda-feira <b>11 de setembro de 2023</b>	31 min
<b>O Assunto</b> g1	<i>Calor extremo como evitar o colapso do corpo</i>	Mayara Floss - médica integrante da Organização Internacional de Médicos da Família e do Instituto de Estudos Avançados da USP, e Rafael Rodrigues da Franca, climatologista e professor e coordenador do Laboratório de Climatologia Geográfica da UnB.	Terça-feira <b>19 de setembro de 2023</b>	27 min
<b>O Assunto</b> g1	<i>Punição de militares por atos contra a democracia</i>	Jorge Folena - advogado e constitucionalista.	Quarta-feira <b>27 de setembro de 2023</b>	30 min

		Francisco Carlos Teixeira da Silva - historiador, professor da UFRJ que foi assessor do Ministério da Defesa por quase 20 anos		
<b>O Assunto</b> g1	<i>O caos no Congresso dos EUA</i>	Carlos Poggio - professor do Departamento de Ciência Política do Berea College, no estado americano do Kentucky.	Quinta-feira <b>5 de outubro de 2023</b>	30 min
<b>O Assunto</b> g1	<i>Israel X Palestina a história do conflito</i>	Guilherme Casarões - professor da FGV-SP, doutor em ciência política, mestre em relações internacionais com especialização em nacionalismo judaico e pesquisador convidado da Universidade de Tel Aviv.	Sexta-feira <b>13 de outubro de 2023</b>	39 min
<b>Viva Voz</b> CBN	<i>Decisão de Toffoli pode provocar efeito Cascata se mantida pela segunda turma do STF</i>	Vera Magalhães - jornalista, apresentadora do Roda Viva e da TV Cultura, colunista do Jornal O Globo e comentarista da Rádio CBN.	Segunda-feira <b>11 de setembro de 2023</b>	18 min
<b>Viva Voz</b> CBN	<i>Interseções de Lula e Biden na ONU são para 'inglês, russo e chinês verem'</i>	Vera Magalhães - jornalista, apresentadora do Roda Viva e da TV Cultura, colunista do Jornal O Globo e comentarista da Rádio CBN.	Terça-feira <b>19 de setembro de 2023</b>	22 min
<b>Viva Voz</b> CBN	<i>Votação urgente do Senado sobre Marco temporal é 'flagrantemente inconstitucional'</i>	Vera Magalhães - jornalista, apresentadora do Roda Viva e da TV Cultura, colunista do Jornal O Globo e comentarista da Rádio CBN.	Quarta-feira <b>27 de setembro de 2023</b>	17 min

Viva Voz CBN	<i>Médicos assassinados no Rio: 'acabou estado não tem menor controle do que acontece'</i>	Vera Magalhães - jornalista, apresentadora do Roda Viva e da TV Cultura, colunista do Jornal O Globo e comentarista da Rádio CBN.	Quinta-feira <b>5 de outubro de 2023</b>	20 min
Viva Voz CBN	<i>Não houve programa.</i>	<i>Não houve programa.</i>	Sexta-feira <b>13 de outubro de 2023</b>	XX

**Fonte:** Do autor, 2023.

A partir da Tabela 5, temos um panorama completo sobre o *corpus* de nossa pesquisa. A localização de cada um deles se deu a partir do campo de buscas da plataforma *Spotify*. A partir daí, realizamos a escuta de todos os episódios, com anotação dos fragmentos que chamavam a atenção considerando as perguntas que elaboramos e cujos resultados apresentamos a seguir.

### 3.1. A presença do especialista nas narrativas de *podcasts* jornalísticos

#### 3.1.1 *Café da Manhã*

**Segunda-feira, 11 de setembro de 2023 - Qual é a força da Democracia brasileira?**<sup>22</sup>

Descrição do episódio: *Evocada pelo presidente Lula (PT) no discurso em rede nacional para celebrar o 7 de setembro e pelo público que acompanhou o desfile cívico-militar da Independência em Brasília na última quinta-feira (7), a palavra democracia esteve muito presente em discursos na política nacional em anos recentes. Opositores de Jair Bolsonaro alertaram para ameaças de ruptura institucional, e as discussões sobre a força da democracia brasileira ficaram mais frequentes depois dos ataques golpistas de 8 de janeiro. Cientistas políticos veem no golpismo bolsonarista uma tentativa de repetir no Brasil uma tendência global: a de avançar sobre a democracia por dentro dela — diferentemente do que aconteceu nos golpes de Estado no passado. Por isso, alguns especialistas defendem que a reação à*

<sup>22</sup>Disponível

em <<https://open.spotify.com/episode/1M3aq8wd5q1Zv8jPE5NxuV?si=ML2NWR3HQ3unSiV83yX0Gw>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2024.

*tentativa de corrosão democrática deveria ser mais ampla do que está sendo. Nesta segunda-feira (11), o Café da Manhã analisa a força da democracia no Brasil numa conversa com Heloísa Starling, historiadora, cientista política e professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Ela fala sobre a construção dessa agenda no país historicamente e depois dos ataques do 8 de janeiro — e como as comemorações do 7 de Setembro fizeram parte desse processo.*

O episódio aborda o conceito de Democracia no Brasil e sua utilização nos últimos anos, tanto pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e sua militância, quanto por Lula e seus seguidores. O *podcast* não trata especificamente de algo factual, pelo contrário, recupera falas e acontecimentos passados para atualizar a discussão que é feita a partir da participação da professora Heloísa Starling, da UFMG. A introdução do especialista no episódio pode ser verificada no minuto 2:00, quando Gustavo Simon invoca o sentido de especialidade em relação ao tema.

**Gustavo Simon (2:00)** - *Gente que estuda política vê no golpismo bolsonarista uma tentativa de repetir no Brasil uma tendência global: a de avançar sobre a democracia por dentro dela, diferente do que aconteceu nos golpes de Estado efetivados pela região no passado. Por isso, alguns historiadores dizem que a reação a essa tentativa de corrosão democrática deveria ser mais ampla do que está sendo, para reforçar a consolidação de uma cultura democrática que seja defendida por diferentes lados do espectro político. O Café de hoje analisa a força da democracia no Brasil e conversa com a Heloísa Starling, historiadora, cientista política e professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Eu e a Gabriela Mayer falamos com ela sobre a construção dessa agenda no país historicamente e depois dos ataques do 8 de janeiro e como as comemorações do 7 de setembro fizeram parte desse processo (...).*

Quando introduzida na narrativa, Heloísa Starling desempenha uma função consultiva dentro do programa. Os apresentadores se dirigem à especialista com perguntas que requerem da professora um nível elevado de contextualização e análise do tema, como promete a descrição do episódio. Percebe-se que o diálogo estabelecido entre os apresentadores e a entrevistada possui um tom leve, a despeito da complexidade do tema.

**Gabriela Mayer (3:07)** - *Heloísa, depois de quatro anos de governo Bolsonaro e dos ataques do 8 de janeiro, qual você diria que é a força da democracia brasileira?*

**Gabriela Mayer (4:03)** - *Você acha que pra muita gente a democracia brasileira é fraca? A gente costuma ouvir isso com alguma frequência, né?*

**Gustavo Simon (6:57)** - *Ainda sobre esse momento da estruturação da democracia brasileira, você falou, por exemplo, do papel da imprensa, que importância tem a sociedade civil como um todo nessa construção? Que outros elementos da sociedade aparecem nela?*

**Gabriela Mayer (14:30)** - *E o que o 8 de janeiro mostrou pra gente sobre a democracia brasileira? O que que aconteceu? Instituições como a Constituição e o judiciário falharam de alguma forma?*

A presença de Heloísa Starling reforça a discussão sobre um dos conceitos mais debatidos pela sociedade de imprensa brasileira nos últimos anos. Os apresentadores do programa aproveitam a expertise da professora para estabelecer conexões com outras tentativas de rupturas democráticas que o Brasil viveu. Recursos sonoros e recortes de telejornais recentes e da época da ditadura militar são utilizados na edição e auxiliam a narrativa que a entrevistada encampa. Percebe-se que sua habilidade em estabelecer conexões históricas é aproveitada pelos apresentadores para aprofundar ainda mais a análise feita por ela. O episódio segue uma linha do tempo, recapitulando, com a ajuda da historiadora, os momentos em que o país teve sua democracia ameaçada, como podemos verificar quando Gustavo Simon questiona a especialista a partir de uma contextualização histórica.

**Gustavo Simon (12:57)** - *Falando um pouco sobre os momentos em que a democracia brasileira ficou ameaçada ou ficou de fato suspensa, você vê elementos comuns nesses momentos? Que lições que a gente poderia tirar de como se deu a superação desses cenários?*

No decorrer do programa, as questões se voltam mais para os elementos atuais que na visão da entrevistada ajudam a caracterizar os riscos que a democracia brasileira vive atualmente. A partir desse momento, a entrevista passa a reforçar o sentido de especialidade em torno da professora. Para embasar as discussões, o apresentador recorre às pesquisas que Heloísa Starling tem desenvolvido a respeito do tema, e em dado momento ainda questiona a autora após uma de suas falas em que sustentava que os brasileiros sabiam como a democracia morre.

**Gustavo Simon (21:52)** - *Em meio às pesquisas que você tem feito, você conseguiu chegar a uma resposta de afinal como as democracias renascem? E também, a democracia brasileira precisa renascer agora?*

**Heloísa Starling (23:11)** - (...) *eu fiquei imaginando o seguinte, os brasileiros hoje sabem como é que a democracia morre. Nós vivemos isso, ela não morreu, mas ela foi duramente atacada, e as sequelas, as marcas, foram todas impressas nesses quatro anos de governo Bolsonaro e no período anterior também em que começou esse processo de desgaste democrático (...).*

**Gustavo Simon (24:09)** - *Voltando a um ponto que você deu na resposta, queria só fazer uma provocação... no contexto em que a gente tem em que boa parte da população relativiza as ameaças à democracia e até negam, por exemplo, a ditadura, quer a volta dos militares, dá para dizer mesmo que os brasileiros todos sabemos como que a democracia morre?*

Aqui podemos perceber um ponto de tensão em relação ao especialista. A pergunta de Gustavo Simon relembra o intenso apoio dado por parte da população à ruptura democrática para questionar uma fala da especialista. A resposta da historiadora reafirma sua hipótese inicial, de que os brasileiros sabem como morre a democracia.<sup>23</sup>

**Heloísa Starling (24:21)** - *Eu acho que sim. Quem está falsificando a história, defendendo a ditadura sabe perfeitamente como a democracia morre e quer inclusive matá-la, mas para isso tem que saber que ela não me serve. Então, eu não acho que dá para a gente ver essa fatia, digamos, ativista e reacionária (...) que quer a destruição da democracia (...) quem estava no 8 de janeiro sabe perfeitamente como morre (...).*

Em vários momentos da entrevista, Heloísa aciona sentidos de especialidade a partir de sua profissão como historiadora, cientista política e professora da UFMG. Isso nos leva a entender que sua participação no programa não é gratuita. Ela é autora de livros que contam a história da crise democrática brasileira e possui notoriedade como uma das maiores historiadoras do país. O programa a apresenta como uma especialista quando o assunto é democracia, e utiliza da capacidade de análise para dar profundidade à narrativa que juntava

---

<sup>23</sup> Em uma entrevista para a Rádio França Internacional em outubro de 2022, a historiadora sustenta a mesma tese. Para ela, qualquer que fosse o resultado das eleições daquele ano, a sociedade teria de olhar para a democracia, porque sabia como ela morre. Ainda segundo Heloísa, se a sociedade decidir que a democracia deveria renascer, a sociedade poderia então corrigir os erros e avançar.

em um só panorama as manifestações golpistas de Jair Bolsonaro no 7 de setembro, os ataques de 8 de janeiro de 2023 e as ações do governo Lula. É possível perceber que a professora realiza um passeio histórico pela democracia brasileira, mas também relaciona esses momentos a fatores econômicos, sociais e culturais do país. Ao mesmo tempo que serve à narrativa como comentarista especializada, Heloísa desempenha um papel de fonte histórica, com a apresentação de datas e períodos específicos da história brasileira. Os apresentadores se referem a ela como sendo alguém capaz de condensar em alguns comentários toda uma crise vivida no país, passando pelas tentativas de golpe de Estado até o governo Bolsonaro, a invasão de Brasília e a relação de Lula com os militares.

### **Terça-feira, 19 de setembro de 2023 - A onda de calor no inverno e a crise climática<sup>24</sup>**

*Descrição do episódio: Na última semana do inverno, uma onda de calor deve levar diferentes regiões do Brasil a terem recordes de temperatura para o período. Um bloqueio atmosférico vai impedir o avanço de frentes frias em quase todo o território —a exceção é o Rio Grande do Sul, que deve ter uma semana chuvosa, em meio ao rescaldo dos últimos temporais que deixaram 48 mortos. A expectativa é de dias de sol forte e temperaturas muito acima do normal para esta época do ano —mesmo no Centro-Oeste, onde o período é mais quente que o verão. O calor intenso deve chegar ao fim de semana, quando atinge o pico em lugares como São Paulo, e aumentar o risco à saúde em especial para crianças, grávidas e idosos. O calor fora do normal e as chuvas fortes registradas agora no país são reflexo da crise climática causada pela ação humana que aquece o planeta. A emergência deve fazer de 2023 o ano mais quente já registrado na história e provocar eventos cada vez mais extremos e cada vez mais frequentes. As consequências são sociais e econômicas, com impacto sobretudo entre as populações vulneráveis. Perdas na agricultura, problemas de infraestrutura e sobrecarga do sistema de saúde estão entre os efeitos destacados pelos especialistas. O Café da Manhã desta terça-feira (19) explica a onda de calor no Brasil, discute como ela se conecta à crise climática e analisa as consequências para o país. O podcast entrevista Paulo Artaxo, professor do Instituto de Física da USP e membro do IPCC —o Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas.*

---

<sup>24</sup>Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/40mOdUxbB7df5AgzdXEqrR?si=toUWEuReRCCEuq62a3-Nnw>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2024.

O episódio entrevista outro professor universitário. Dessa vez, Paulo Artaxo, da USP, foi o responsável por explicar o impacto das mudanças climáticas para o aumento das temperaturas na terra. O programa aborda o calor intenso registrado no país naquelas semanas. Nota-se que a narrativa entrelaça saúde, meio ambiente e economia, três assuntos que atualmente fazem parte do processo de especialização do jornalismo. A escolha de Paulo Artaxo parece estar ligada ao seu posto de membro do Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas - IPCC. A narrativa tem um cunho científico, trazendo elementos das ciências da natureza para explicar os eventos climáticos frequentes.

Novamente foi possível perceber que o episódio se apoia quase que integralmente sobre as falas de um especialista. Verifica-se um distanciamento entre apresentadores e especialistas em função da complexidade do assunto. Na discussão sobre a sazonalidade do calor, por exemplo, é possível perceber que o saber científico do especialista se sobrepõe a uma ideia de senso comum do apresentador Gustavo Simon.

**Gustavo Simon (04:40)** - *E nessa semana especificamente, o que pode tá acontecendo?*

**Paulo Artaxo (04:45)** - *O clima... para a questão climática não existe “esta semana” ou “esse dia”. O clima é uma média da situação do tempo que varia de dia pra dia. Então é importante a gente perceber que o que nós estamos observando que é previsto pelos modelos climáticos, é um aumento da frequência e da intensidade dos eventos. Isso não quer dizer que a chuva que aconteceu ontem a tarde pode vir a ser diretamente atribuída às mudanças climáticas, porque é um fenômeno estatístico. Chuvas fortes e secas fortes sempre existiram. O que nós estamos fazendo é aumentar a frequência e a intensidade desses eventos climáticos extremos. Então não é possível você atribuir um evento específico a “essa semana” de calor no Brasil, por exemplo, às mudanças climáticas, embora o que estamos observando é o aumento generalizado de ondas de calor no mundo todo atribuído às mudanças climáticas globais.*

Percebe-se um esforço do programa em considerar o especialista como de fato uma autoridade climática. Isso dá aos apresentadores a possibilidade de interrogá-lo de maneira mais séria, recorrendo a pronomes como “*senhor*”, ajudando também a criar uma imagem de respeito ao especialista

**Gabriela Mayer (07:45)** - *Outro fator conhecido da crise climática é a ocorrência de eventos extremos. O **senhor** até mencionou alguns, né? A gente sabe que isso deve ficar cada vez mais frequente. Pensando em situações de calor, o que o senhor diria*

*que o Brasil tá preparado para essas ondas? A situação aqui pode ser grave como é na Europa, como a gente viu nos Estados Unidos também recentemente?*

Por causa da interdisciplinaridade da pauta, o especialista relaciona os eventos climáticos a outros impactos como os econômicos e de saúde pública. Este é inclusive um esforço dos entrevistadores de aprofundamento e contextualização da pauta, perceptível na pergunta de Gustavo Simon.

**Gustavo Simon (11:27)** - *E para calores próximos ou acima dos 40° o que que é necessário fazer para enfrentar? A gente precisa, por exemplo, pensar em alguma mudança de infraestrutura?*

**Paulo Artaxo (04:45)** - *É difícil... cada região vai ter dificuldades diferentes. Agora, é claro que, por exemplo, o fortalecimento da emergência hospitalar com o tratamento cada vez mais necessário para hidratação, particularmente de crianças e de pessoas idosas, é muito importante. Porque o Brasil, sendo um país tropical e com muita umidade, pensa por exemplo na região leste da Amazônia, já vivem com uma umidade relativa do ar de 80 a 90%. Quando você soma essa umidade relativa do ar alta com uma temperatura muito alta... 38...39°, todos os sistemas de regulação de temperatura do nosso corpo começam a não funcionar direito. Então se uma pessoa idosa tem insuficiência cardíaca ou insuficiência respiratória, ela corre um risco muito grande de vir a falecer porque basicamente o funcionamento do seu organismo estava adaptado a uma outra condição climática que não existe mais. Então, isso requer questões de saúde, questões de infraestrutura. Obviamente não é possível instalar um ar condicionado em todas as residências do Brasil e particularmente na população de baixa renda, então, temos que planejar, por exemplo, em centro de contenção de pessoas que vivem em situação precária com ar refrigerado, por exemplo (...).*

O papel desenvolvido por Paulo Artaxo em relação à pauta do episódio é claramente dar profundidade à reflexão. Com base na escuta do episódio, é possível perceber que o entrevistado estabelece várias interconexões de assuntos que permeiam o dia a dia da população com um pano de fundo das altas temperaturas. Sua contribuição dá ao programa um caráter científico, ao mesmo tempo que pode ser encarado como utilidade pública por envolver questões que afetam tão diretamente a vida das pessoas.

**Quarta-feira, 27 de setembro de 2023** - Como apelos golpistas de Bolsonaro impactam cúpula militar<sup>25</sup>

Descrição do episódio: *Oito oficiais-generais próximos do general Freire Gomes, ex-comandante do Exército, confirmaram à Folha que o chefe militar relatou ter recebido apelos de Jair Bolsonaro (PL) por um golpe contra a eleição de Lula (PT). Freire Gomes e os então comandantes da Marinha e da Aeronáutica, Almir Garnier e Baptista Junior, foram chamados para cerca de dez reuniões com Bolsonaro após a vitória de Lula. Encontros com teor golpista entre o ex-presidente e a cúpula das Forças também foram relatados pelo tenente-coronel Mauro Cid em delação firmada com a Polícia Federal. O conteúdo da delação do ajudante de ordens de Bolsonaro ainda não é totalmente conhecido e não se sabe se ele entregou provas do que falou —o que poderia embasar denúncias. Mas as primeiras revelações aumentaram tensões internas entre os militares e ampliaram a pressão e o desgaste externo das Forças Armadas. O Café da Manhã desta quarta-feira (27) analisa como os relatos de reuniões golpistas com a alta cúpula militar no governo Bolsonaro se refletem na posição, na imagem e na atual relação das Forças com o governo. O podcast entrevista César Feitoza, repórter da Folha em Brasília.*

Como podemos perceber, já pela descrição do episódio, há uma distinção na utilização do agente especialista. No episódio em questão, a Folha de S. Paulo traz a presença do repórter César Feitosa, jornalista que cobre o dia-a-dia da política em Brasília. Diferentemente de outros episódios, o entrevistado aqui não se trata de um professor universitário, nem de alguma personalidade com reconhecimento público por causa de sua especialidade. Trata-se de uma solução caseira da mídia informativa para trazer luz sobre o assunto do episódio. Mais que isso, o repórter parece ter sido convidado a participar da narrativa em função de uma informação que publicou com exclusividade no dia anterior. A descrição do episódio relata que a Folha de S. Paulo teve acesso a oficiais generais próximos a Freire Gomes, um dos pivôs dos planos golpistas de Jair Bolsonaro. A reportagem de 26 de setembro de 2023 e assinada por César Feitosa confirma o critério para sua escolha como entrevistado do dia.

**Figura 13** - Reportagem Folha de S. Paulo, 26 de setembro de 2023.

---

25

Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/2qSSOQGG6jC0fiA6aIE959?si=DcjJyVYS0KMX0jtt638ZQ>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2024.

FORÇAS ARMADAS · ATAQUE À DEMOCRACIA

## Comandante do Exército sob Bolsonaro relatou apelos golpistas de ex-presidente

General Freire Gomes, descrito como discreto, disse a interlocutores que repudiou intenções de ruptura democrática



**César Feitoza**

**BRASÍLIA** Ex-comandante do Exército, o general [Freire Gomes](#) relatou a pessoas próximas que o ex-presidente [Jair Bolsonaro](#) (PL) e seu entorno, além de militares da reserva, fizeram apelos às [Forças Armadas](#) por um golpe contra a eleição de [Lula](#) (PT).

Fonte: Site Folha de S. Paulo.<sup>26</sup>

A participação do repórter não tem o mesmo caráter científico, como os de Paulo Artaxo ou de Heloísa Starling. Feitosa desempenha um papel de repórter, com descrição do fato e sem levantar maiores juízos de valor sobre o que está comentando. Ele opera como relator de uma notícia a qual ajudou a construir a partir da apuração e contato com fontes. As perguntas dos apresentadores e as respostas de César deixam transparecer essa familiaridade entre âncoras e repórter.

**Gustavo Simon (4:12)** - *César, parte da delação de Mauro Cid que veio a público trouxe novos elementos sobre conversas com teor golpista que teriam sido feitas por Jair Bolsonaro depois da vitória de Lula. Você pode lembrar o que que o ex-ajudante de obras falou sobre isso e o que mais veio à tona desde então?*

**César Feitosa (4:28)** *A delação do Cid tem se tornado pública meio que a conta gotas, por meio de vazamentos e relatos de pessoas a par das investigações. Então, o que se sabe da delação em si ainda é muito pouco, eu diria que são pílulas do que o tenente-coronel tem falado. O fato mais relevante até agora foi esse relato feito por Cid sobre a consulta do ex-presidente Bolsonaro aos comandantes das Forças Armadas sobre a possibilidade de ver um apoio a um golpe contra a eleição de Lula. Nós publicamos na Folha umas reportagens em que as apurações vão nessa linha. O ex-comandante do Exército Freire Gomes realmente disse a alguns generais da ativa e da reserva que houve conversas sobre a possibilidade de reverter o resultado*

<sup>26</sup> Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/09/comandante-do-exercito-sob-bolsonaro-relatou-apelos-golpistas-de-ex-presidente.shtml>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

*eleitoral com Bolsonaro e militares da reserva, mas que sempre se posicionaram contra qualquer tipo de aventura golpista. Então, até o momento, as principais falas na delação de Cid, as mais reveladoras, digamos, tem sido sobre esse caso das consultas sobre o golpe.*

O que percebemos é um certo distanciamento do repórter em relação ao assunto. Ele não fala como um estudioso do tema. Sua autoridade advém da apreensão jornalística do mundo, do seu cotidiano cobrindo política. Mas César Feitosa também apresenta uma capacidade de contextualização dos fatos. O resgate histórico que ele realiza para dar o panorama do assunto lembra muito o suíte, uma rememoração dos fatos anteriormente divulgados por um jornal. Essa recuperação histórica inclusive é reivindicada por Gabriela Mayer:

**Gabriela Mayer (5:22)** - *Segundo Cid, o então comandante da Marinha, Almir Garnier, foi favorável às intenções golpistas nessas conversas. **Que que a gente sabe sobre ele e sobre os outros comandantes da Forças na época?***

**César Feitosa (5:37)** - *Para entender porque Almir Garnier Santos esteve no comando da Marinha, é importante contar como **Bolsonaro causou uma das maiores crise nas Forças Armadas em 2021**. O presidente, na época, fez uma demissão conjunta dos comandantes das Forças e do ministro da Defesa na época, o general Fernando Azevedo, porque Bolsonaro queria exatamente ampliar a sua influência, queria comandantes ainda mais alinhados a ele nas questões relacionadas ao tratamento à covid... ele queria apoio militar nas suas investidas (...) foi nesse contexto que Bolsonaro colocou esses comandantes nesses cargos. Garnier, portanto, entrou nesse contexto (...). Batista Júnior, que era o brigadeiro que foi do comando da Aeronáutica, ele foi também, era muito Bolsonarista, **mas eu lembro que numa entrevista à Folha, logo no início de 2022, ele já tinha dito que Lula se vencesse, assumiria sem problemas, tomaria posse (...)***

César Feitosa faz um apanhado sobre fatos que foram notícia na Folha e que se relacionam com o assunto no qual ele comenta. Interessante notar a menção que ele faz ao trabalho como repórter, o que ajuda a construir uma imagem de especialista a partir da sua especialização em política, de sua experiência com o tema. O entrevistado revela conversas com fontes e menciona que suas apurações corroboram a delação de Mauro Cid, um dos temas centrais do episódio.

**Cézar Feitosa (13:53)** - *Foi bem curioso que inclusive na época da publicação desse texto, eu fui consultar um general do alto comando do exército sobre o que havia por trás daquele texto, e a resposta dele foi bem curiosa. Foi um bastidor interessante, ele me respondeu.*

**Cézar Feitosa (17:08)** - *Eu acho que essa apuração corrobora com o que tem sido noticiado de que realmente houve intenção golpista no Palácio da Alvorada (...).*

*(17:32) E ela também vai nessa linha de que o exército não queria dar um golpe, como foi muito questionado e, enfim, eu acho que depois da eleição de Lula se questionou muito porque não deu certo um golpe.*

Fica evidente que o especialista desse episódio desempenha um papel distinto de outros. Durante o episódio é possível perceber que os entrevistadores já possuíam certo entendimento sobre o assunto, provavelmente por causa da reportagem publicada no dia anterior e assinada por Cézar Feitosa. Percebe-se ainda que a pergunta funciona como uma "combinação de versões" em que o entrevistado reafirma o enunciado dos apresentadores sem apresentar qualquer antítese, como vimos com Heloísa Starling e Paulo Artaxo, o que reforça o grau de aderência à orientação estratégica do jornal.

### **Quinta-feira, 5 de outubro - A morte de abelhas e os agrotóxicos no Brasil<sup>27</sup>**

Descrição do episódio: *Foram 100 milhões de abelhas mortas em Mato Grosso em junho, 80 milhões na Bahia em julho e outras perdas de volume parecido em Minas Gerais em janeiro. Desde 2017, ao menos mais cinco estados tiveram registros assim. Comum a todos os casos é a presença do agrotóxico fipronil. A substância já foi banida na União Europeia e em países da América Latina, mas continua a ser usada em várias culturas no Brasil. Voltada para o combate de pragas como bicudos-do-algodoeiro, formigas e cupins, nas abelhas ela atinge o sistema nervoso central e leva à morte aguda. O cenário reflete os entraves na fiscalização do uso de agrotóxicos no país. Apicultores se mobilizam para o controle mais rígido do fipronil — após a flexibilização na liberação de defensivos vista na gestão Jair Bolsonaro. O episódio desta quinta-feira (5) do Café da Manhã fala da importância das abelhas para o ambiente e para a agricultura, explica o que a morte de milhões de insetos indica sobre o uso de*

<sup>27</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/1t1xS7XtTHnUtH8Pxuos99?si=rGYA727oQ-u47R9yIZVwTw>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2024.

*agrotóxicos no Brasil e analisa a regulação do setor. O podcast entrevista Alexa Salomão, repórter da Folha.*

O episódio promete uma abordagem sobre a importância das abelhas para o meio ambiente e agricultura, além de uma análise sobre o andamento da regulação do setor de agrotóxico. Novamente temos a participação de um jornalista como especialista. Alexa Salomão é repórter especial da Folha e na aba de “autores” do site da Folha de S. Paulo, ela consta como repórter de economia, finanças, negócios e meio ambiente. Em sua primeira resposta, é possível perceber um conhecimento muito específico da ação do fipronil, um inseticida, no organismo das abelhas.

**Alexa Salomão (17:08)** - *Ele é um tipo de inseticida muito eficiente na proposta dele de matar insetos. Porque ele age no sistema nervoso central do inseto e provoca uma espécie de hiperatividade motora e neural. E ele morre assim na estafa por excesso de movimento mesmo de estímulos, ele é muito usado aqui, essa que é a questão e pra algumas culturas, alguns tipos de larvas. Não existe nada que seja tão eficiente como ele aqui pra nossa cultura.*

A repórter demonstra ter um conhecimento biológico sobre o impacto do inseticida na população de abelhas e a todo momento faz menções ao seu trabalho de observação e apuração jornalística. Nos fragmentos a seguir podemos perceber como os apresentadores também se dirigem a ela como uma repórter, responsável por apurar e cruzar dados.

**Gabriela Mayer (02:57)** - *Alexa, você cruzou dados de investigações sobre mortandades recentes de milhões de abelhas no Brasil e encontrou, nesses casos, o elemento comum de um mesmo agrotóxico. Quais são as características dele?*

**Gustavo Simon (05:40)** - *Para dar alguns exemplos em números, o levantamento que você fez mostrou que o fipronil está ligado a morte de 100 milhões de abelhas em Mato Grosso, em junho, 80 milhões na Bahia, em julho, também levou a perdas em Minas Gerais em janeiro. Quão generalizado é o uso desse agrotóxico no Brasil?*

**Alexa Salomão (06:00)** - *Eu comecei a ver que pipocavam matérias de pequenos produtores perdendo suas colmeias sem haver uma causa, quando teve a grande mortandade lá do Mato Grosso, que eram 100 milhões. Falei, gente, não é possível, vamos fazer uma matéria porque está morrendo abelha em vários pontos do país.*

A imersão de Alexa Salomão na rotina produtiva da notícia confere a ela um *status* de especialista no assunto, ao passo que ela deixa escapar detalhes sobre a lógica de produção e agendamento no interior do jornal. A matéria que ela sugeriu ser feita foi ao ar quatro dias antes de sua participação no programa, mesmo caso de Cézár Feitosa, o que pode indicar um critério para escolha da pauta e especialistas no *podcast*.

**Figura 14** - Reportagem de Alexa Salomão em 1º de outubro de 2023

## Agrotóxico banido na União Europeia dizima milhões de abelhas no Brasil

Fipronil está associado a todas as mortes em massa nos últimos anos, explicam especialistas



Alexa Salomão

BRASÍLIA Não importa a região, os recentes surtos que vitimaram [abelhas em diferentes pontos do Brasil](#) têm em comum, além da mortandade em massa, um mesmo produto, o fipronil.

**Fonte:** Site Folha de S. Paulo<sup>28</sup>

Salomão recheia seus comentários com dados estatísticos presentes em sua reportagem, citando o processo de regulamentação de agrotóxicos em outros países, a situação das abelhas em diversos estados do Brasil, a relação do governo Bolsonaro com a liberação de mais inseticidas, além da pressão política sobre Lula para vetar o uso extensivo desse tipo de produto. É um estilo muito próprio de construir uma imagem de especialidade em um assunto, diferente inclusive do usado por Cézár Feitosa.

**Sexta-feira, 13 de outubro de 2023** - Israel e Hamas: o risco da escalada<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/10/agrotoxico-banido-na-uniao-europeia-dizima-abelhas-no-brasil.shtml>> . Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

<sup>29</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/6X4GtgTDDDBKtDXx9pe4QYC?si=6yF18IXTTISwIqYzK8HURQ>> . Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

Descrição do episódio: *A guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas entra no 10º dia nesta segunda-feira (16) com atenções divididas em duas frentes. Na Faixa de Gaza, centro do conflito até aqui, a expectativa é para uma possível incursão por terra de Israel, que vem se desenhando nos últimos dias com seguidos ultimatos para que civis se dirijam ao sul do território. Um segundo temor é o de que a guerra expanda seus limites para além de Gaza. Neste domingo (15), ataques na fronteira de Israel com o Líbano aumentaram o risco de o grupo extremista Hezbollah entrar na guerra e levaram a trocas de ameaças entre o Irã —que financia tanto a facção libanesa quanto o Hamas— e os EUA, aliados de Israel. Enquanto a proposta de um cessar-fogo não ganha corpo, o Brasil segue tentando fazer a retirada de cidadãos da zona de conflito. As negociações com o Egito para a abertura de um corredor humanitário em Rafah, ao sul de Gaza —onde um grupo de brasileiros aguarda o desenlace— se estendem há cinco dias. No episódio desta segunda-feira (16), o Café da Manhã faz um balanço dos primeiros dez dias de guerra entre Israel e Hamas. O repórter da Folha Igor Gielow discute também o risco de escalada, com a entrada de novos países no conflito.*

O episódio narra o conflito entre Israel e o grupo extremista Hamas. O especialista convocado para a narrativa é o repórter especial Igor Gielow. Na aba de “autores” do site da Folha de S. Paulo, Igor é apresentado como repórter de eleições, geopolítica e assuntos militares. O programa segue a mesma ideia dos episódios em que se convida repórteres da emissora, o que nos leva a crer que o critério utilizado seja o de especialização em alguma área, no caso de Igor, geopolítica e assuntos militares.

No episódio, a participação do especialista inicialmente se dá em um caráter mais descritivo da guerra, uma tentativa de oferecer um panorama recheado de personagens e relações internacionais complexas. No decorrer da narrativa, é possível perceber que Igor se utiliza de jargões e um jeito irreverente para comentar os fatos, o que ajuda a dar um tom de conversa para a entrevista, como podemos ver em sua resposta à pergunta de Gustavo Simon.

**Gustavo Simon (10:45)** - *Esses ultimatos de Israel que causaram a saída apressada de milhares de pessoas como você descreveram, foram definidos pela ONU como uma medida terrível. Israel, por outro lado, disse que eles deveriam ser elogiados porque, afinal, estão avisando os civis com alguma antecedência em um contexto como o atual. Qual que é a função real de um aviso como esse?*

**Igor Gielow (10:56)** - *A ideia deles do ponto de vista militar, eram se reduzir ou o máximo do número de mortos e feridos e dizer, “olha, eu avise”, só que evidentemente, você está falando pessoas que moram há 40 anos no lugar e do dia*

*para a noite pegaram suas coisas, colocaram numa carroça, carros caindo aos pedaços, tudo mais e foram embora para algum lugar que eles não sabem qual é, porque eles não podem, por exemplo, ir para um outro país porque eles não podem sair de lá, estão fechados lá dentro. Então é humanamente inviável isso assim. É uma desculpa que tá sendo dada e talvez seja o que eles possam fazer, digamos assim, o que é possível, porque do outro lado, o Hamas, ele usa aquela população como escudo humano. Uma coisa que todo defensor da causa Palestina está reclamando e com razão é que assim, na prática, Israel tá limpando, digamos, como eles falam. Limpeza étnica tirando, removendo uma população à força que é a história dos palestinos, desde 48 foram jogados num canto pro outro. Sempre teve essa questão não só por conta de Israel, mas também por descaso dos outros países árabes. **Enfim, a história é longa, não tem saída bonita nessa questão aí.***

Gielow desloca um pouco a imagem que se tem do especialista enquanto um profissional formal, com um estilo de fala mais arrojado. Ao imprimir um estilo irreverente à narrativa, ele ajuda na compreensão de um tema muito complexo. Sua especialidade em conflitos militares fica evidente sobretudo quando comenta as estratégias de combate dos dois grupos envolvidos no conflito. Sua contribuição na pauta está alicerçada em um conhecimento técnico, mas também de um saber de experiências feito, já que como repórter, cobriu diversos conflitos armados em todo o mundo.

### **3.1.2 O Assunto**

**Segunda-feira, 11 de setembro de 2023 - Mulheres no degrau de baixo do funcionalismo.**<sup>30</sup>

*Descrição do episódio: As mulheres são 51% da população brasileira e também são maioria entre os servidores públicos civis (61%), segundo dados da República.org, mas a proporção se inverte nos cargos de poder – neles, os homens ocupam 61% das posições. O cenário de desigualdade está disseminado pelo serviço público. Das 213 unidades diplomáticas do Brasil pelo mundo, as mulheres ocupam cargos de chefia em apenas 34, de acordo com o Itamaraty. Para entender por que a disparidade ainda persiste e discutir possíveis soluções, Natuza Nery recebe Irene Vida Gala, subchefe do escritório de representação do Itamaraty em São Paulo e presidente da associação das mulheres diplomatas brasileiras, e Gabriela Lotta, doutora em*

---

30

Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/1Z43qbBG17Dpv8usM5H4ZG?si=HISiFOXLR8iciHajuOgIsQ>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

*ciência política, professora da FGV, vice-presidente do conselho da República.org, uma organização que trabalha com a valorização do serviço público. Neste episódio: - Irene diz que a carreira diplomática tem histórico de ser mais masculina e que, aqui no Brasil, isso tem mudado a passos lentos. Por isso, ela e outras diplomatas decidiram criar uma associação para aumentar a representatividade; - Para Irene, o Brasil precisa incluir no serviço diplomático mais mulheres, negros, indígenas e todos os grupos não privilegiados, para que a política externa brasileira atenda aos anseios desta população, e não apenas aos anseios de uma elite branca e masculina; - Gabriela fala sobre os fatores que explicam a desigualdade vertical nas carreiras de estado. Segundo ela, a discriminação de gênero faz com que as nomeações para cargos comissionados continuem privilegiando homens: "A rede do poder é muito masculina. Homens indicam homens, e isso vai descendo escada abaixo dentro setor público". A mulheres que são mães também são mais penalizadas e preteridas nas indicações; - A cientista política também explica por que a desigualdade salarial entre homens e mulheres no serviço público é ainda maior do que no setor privado. "As mulheres estão majoritariamente nas profissões do cuidado, que são as profissões que pagam menos durante toda a carreira."*

*O Assunto guarda diferenças na utilização dos especialistas se comparado ao Café da Manhã. A primeira delas é a presença de apenas um entrevistador. Nesse episódio, em por exemplo, há a presença de duas especialistas para a análise e contextualização do tema, o que não verificamos no programa da Folha de S. Paulo. As duas são apresentadas já na abertura do programa, tendo parte de seus currículos já levada a conhecimento do público, como podemos perceber na parte final da vinheta de abertura do programa.*

**Natuza Nery (03:15)** - *Neste episódio eu conversei com Irene Vida Gala, que tem 39 anos de experiência na carreira diplomática e hoje é subchefe do escritório do Itamaraty em São Paulo. Irene também preside a Associação das Mulheres Diplomatas Brasileiras. E eu também falo com Gabriela Lotta, doutora em ciência política e professora da FGV. Ela é vice-presidente do conselho da República.org, uma organização que atua na valorização do serviço público. Segunda-feira, 11 de setembro.*

Há um esforço de qualificar os convidados como sendo profissionais com expertise no assunto a ser tratado. Quando Natuza Nery apresenta mais de uma qualificação das convidadas, é possível perceber que a formação acadêmica e profissional é importante para *O Assunto*. Em sua primeira indagação a Irene Vida Gala, Natuza recorre a dados levantados pela associação

na qual Irene faz parte, também apela para a situação das mulheres no Ministério das Relações Exteriores. A resposta da entrevistada remete a uma experiência de vida, já que ela é uma diplomata brasileira.

**Natuza Nery (03:48)** - *Irene, a associação que você representa diz que das 213 embaixadas e representações diplomáticas, as mulheres ocupam cargos de chefia em apenas 34, e isso se reflete no Itamaraty como um todo. A associação que você lidera busca justamente combater essa desigualdade de gênero na política externa brasileira. Por isso eu te pergunto: qual é a situação das mulheres no Itamaraty hoje em dia?*

**Irene Vida Gala (03:14)** - *Olha, Natuza, é preciso dizer que no conjunto das diplomacias do mundo há poucas mulheres, esse é um fato. E na história do Itamaraty nós sempre fomos na casa de 23%. A diplomacia é uma carreira masculina.*

A especialista fala de um contexto do qual está inserida não só como uma estudiosa, mas como uma mulher que vivencia a desigualdade de gênero em sua própria profissão e que criou uma entidade representativa para combater essa condição.

**Natuza Nery (06:30)** - *Porque você criou a associação em janeiro deste ano? Porque eu imagino que esse diagnóstico seja um diagnóstico que já vem lá de trás, né?*

**Irene Vida Gala (06:40)** - *Nós há dez anos criamos um grupo, e esse grupo surge um pouco em função de denúncias de assédio, e esse grupo se mantém de forma bastante conectada via internet, né? Porque as mulheres diplomatas estão espalhadas no mundo inteiro. Esse grupo foi aprimorando a sua agenda e incluindo mais questões como de maternidade, mas depois a agenda inclui a representatividade propriamente na política (...).*

O sentido acionado a partir da participação de Irene é o de proximidade com o assunto, não por causa de dedicação no estudo do tema, mas por um contato pessoal. Há um aspecto de experiência direta (testemunhal) com o fato tratado, não pressupondo necessariamente formação técnica nas ciências sociais que abordem a desigualdade de gênero. A presença da especialista importa ao *podcast* para que ela comunique sua experiência, trazendo à narrativa uma noção de pertencimento, seja por uma participação no evento noticiado, seja pela proximidade de alguma condição social. A dinâmica de autoridade nesse caso nos parece acontecer em dois sentidos: de um lado temos uma diplomata, ou seja, com formação sólida em sua respectiva área; por outro, há a presença de uma mulher que lida diariamente com situações

de inferiorização do seu gênero e vê mulheres como ela lutando contra os mesmos desafios. É possível perceber um discurso mais próximo de um testemunho, com a presença de afetos que ilustram a revolta em relação ao que está acontecendo.

Um ponto que aproxima a narrativa de Irene Vida Gala a de outros especialistas é a recuperação histórica para contextualizar o comentário, como foi possível identificar em uma de suas falas.

**Irene Vida Gala (10:29)** - *A Dona Odete é uma figura também bastante emblemática, porque ela teve esse papel tão relevante, ela apresentou credenciais para a Indira Gandhi na Índia, e nunca havia havido até então uma mulher na carreira diplomática apresentando credenciais para tomar posição de embaixadora. Houve duas alemãs, mas que eram políticas, mas nunca embaixadoras de carreira (...)*

A especialista produz uma recapitulação histórica sobre a condição feminina na diplomacia brasileira, conferindo à sua narrativa uma perspectiva temporal. Sua abordagem é marcada por tomadas de posição bastante claras, sem o objetivo de se vender como imparcial.

A sequência do episódio traz a participação da doutora em ciência política Gabriela Lotta. Puxado pela análise da especialista, o programa toma outra dimensão, expandindo a discussão para a desigualdade de gênero como um todo no funcionalismo público. Já no início da participação de Lotta, percebe-se que ela servirá à narrativa de maneira diferente se comparada a Irene Vida Gala. Isso fica explícito nas boas-vindas de Natuza à pesquisadora.

**Natuza Nery (16:56)** - *Gabriela, eu falava ainda há pouco com a embaixadora Irene Vida Gala sobre a falta de mulheres nos postos-chave do Itamaraty. Mas com você, Gabriela, eu queria ampliar esse diagnóstico, porque a gente tá falando de uma situação ruim também no funcionalismo público como um todo. Então, olha, no Brasil as mulheres são maioria da população e também são 62% dos servidores públicos civis. Só que quando a gente olha para os cargos de gerência, de comando, de direção, Gabriela, a proporção aí inverte, despenca... os homens são maioria e 61% do total. Então eu queria a sua ajuda para entender porque essa virada de chave tão abrupta. O que acontece no serviço público?*

O enunciado da apresentadora deixa claro que a análise testemunhal de Irene Vida Gala já não seria suficiente para a discussão que aconteceria a partir dali. Gabriela Lotta já reafirma sua posição de especialista em sua primeira resposta com a utilização de conceitos das ciências sociais que caracterizam os vários tipos de desigualdades.

**Gabriela Lotta (18:55)** - *Tem dois processos que vão ajudar a explicar a desigualdade vertical dentro do setor público. O primeiro deles tem a ver com discriminação de gênero, né? Então pensem que os cargos eles são ocupados por indicação política, por nomeação a partir das relações de confiança que quem indica tem com outros atores. E essa rede do poder é uma rede muito masculina, que tem discriminação contra mulheres e acaba tendo como efeito a indicação de homens (...). E tem um segundo problema que ajuda a explicar esse da desigualdade vertical que é a penalidade pela maternidade (...).*

Lotta oferece uma ancoragem científica para a narrativa do episódio, pois demonstra ter um domínio técnico-racional da temática. Trata-se de uma mulher, falando sobre problemas que atingem as mulheres, mas com conhecimento científico, comprovado através de formação na área e destaque público quando o assunto é administração pública. Natuza Nery ainda testa a capacidade da especialista ao pedir que relacionasse a desigualdade vertical à horizontal e comparasse o estágio da desigualdade no serviço público ao da iniciativa privada.

**Natuza Nery (21:17)** - *Gabriela, eu quero falar agora com você sobre essa desigualdade horizontal. Tem diferença de salários entre mulheres e homens no serviço público? Queria que você fizesse uma comparação se possível com o serviço privado, né, com a iniciativa privada.*

Esse tipo de abordagem do especialista é muito próprio do *O Assunto* e de sua apresentadora. Natuza cria uma atmosfera mais ligada a um bate-papo do que propriamente uma entrevista estruturada. É uma tentativa do programa de se aprofundar nas temáticas com um modo de comunicação menos formal. Outra característica que pudemos identificar de Natuza em relação à especialista é sua necessidade de interpretar as informações trazidas pela convidada. Analisemos a pergunta de Natuza feita logo após a resposta de Gabriela Lotta sobre a desigualdade de gênero na iniciativa privada.

**Natuza Nery (21:17)** - *Ou seja, quando se presta para um cargo, por exemplo auditor fiscal, o salário é o mesmo para homens e mulheres ou a questão aqui que você explica é que as mulheres prestam mais concursos para cargos, ou para carreiras, melhor dizendo, de menor remuneração do que para as carreiras de maior remuneração, tem alguma explicação pra isso?*

Ao analisarmos a pergunta feita por Natuza, fica claro uma tentativa de interpretação daquilo que a especialista sustentou em sua resposta. A hipótese de Natuza de que as mulheres

prestam mais concursos para carreiras de menor remuneração não é aceita de um todo por Gabriela Lotta.

**Gabriela Lotta (24:45)** - *Tem várias explicações, mas acho que a primeira muito óbvia tem a ver com o que a gente chama de distribuição social das profissões, né? A sociedade atribui o trabalho das mulheres às profissões do cuidado, como se fosse uma extensão da casa... ser professora é quase uma extensão da casa, assim como ser profissional da saúde. Então é muito naturalizado na sociedade que as mulheres vão trabalhar nessas carreiras, e elas são carreiras que de várias maneiras vão levando muito mais mulheres do que homens. Essa é a primeira explicação, mas tem uma segunda explicação que eu acho que é mais importante aqui que é; passar num concurso de elite, que são esses concursos que pagam muito bem é muito difícil e concorrido. E para passar nesses concursos, muitas vezes a pessoa tem que parar dois ou três anos da sua vida profissional e se dedicar a estudar. E quem é que consegue se dedicar a estudar dois ou três anos de sua vida profissional? As pessoas que não tem família, mas que em geral tem renda e que normalmente não estão cuidando da vida doméstica, ou seja, muito mais os homens do que as mulheres.*

A pesquisadora apresenta outro fator, segundo ela mais importante, para que exista hoje um menor número de mulheres em carreiras de salários mais altos se comparado aos homens. Aqui temos o único momento do episódio em que o conhecimento especializado se choca com a capacidade de apreensão do mundo do jornalismo.

**Terça-feira, 19 de setembro de 2023** - Calor extremo: como evitar o colapso do corpo.<sup>31</sup>

Descrição do episódio: *Os termômetros registraram seguidos recordes nos meses de julho e agosto, especialmente nos países do Hemisfério Norte, onde ondas de calor causaram tragédias climáticas com centenas de mortes. E agora que o inverno no hemisfério sul chega a sua reta final, as previsões são alarmantes também para o Brasil: essa semana, diversas cidades devem registrar temperaturas superiores a 40°C. Para orientar os brasileiros a se proteger dos riscos do calorão, Natuza Nery entrevista Mayara Floss, médica integrante da Organização Internacional de Médicos da Família e do Instituto de Estudos Avançados da USP, e Rafael Rodrigues da Franca, climatologista e professor e coordenador do Laboratório de Climatologia Geográfica da UnB. Neste episódio: - Mayara descreve como as altas*

---

<sup>31</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/28PWFxigPLKIsH5vEMQyJs?si=l80pyLP8Rf-3Bn9t2Psbhw>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

*temperaturas podem levar a condições como insolação, convulsões, insuficiência renal e até “ao coma e à morte”. “O nosso corpo vai até o limite e não consegue mais regular a temperatura, colapsa completamente”, resume; - A médica aponta os perfis de pessoas que estão mais suscetíveis às ondas de calor extremo. A lista tem moradores de casas precárias e de regiões com baixa arborização, crianças e idosos, pessoas com problemas de saúde mental e profissionais que atuam em ambientes externos, como agricultores, policiais, operários da construção civil e atletas; - Rafael explica o que são as ondas de calor e por que elas se apresentam de formas distintas nas diferentes regiões do país: “Depende de outras condições atmosféricas, como a umidade relativa do ar e os ventos”. Interferem também as condições urbanas, completa o climatologista; - Ele fala sobre o prognóstico de que os eventos climáticos extremos se tornarão mais frequentes: além de calor, haverá ondas de frio e de seca e períodos de chuvas intensas. “Os sistemas climáticos estão mais explosivos”, conclui.*

O tema de *O Assunto* em 19 de setembro coincidiu com a mesma discussão feita no *Café da Manhã*. Natuza Nery novamente convidou dois especialistas para falar sobre a onda de calor e os impactos que ela poderia trazer ao corpo humano, sobretudo em idosos e crianças. A partir da leitura da descrição do episódio, disponível no *Spotify*, é possível observar logo de início que o programa escolheu tratar o assunto sobre duas óticas: a de saúde pública e a meteorológica. A apresentação dos especialistas segue o padrão que vimos no episódio do dia 18, a apresentadora opta por apresentar duas qualificações dos seus convidados.

**Natuza Nery (1:50)** - *Da redação do g1, eu sou Natuza Nery e o assunto hoje é a onda de calor extremo no Brasil. Com a previsão de novos recordes na última semana do inverno, um episódio para saber como agir em dias de altas temperaturas e como evitar o colapso do corpo. Para isso, eu conversei com Mayara Floss, médica da família e da comunidade e integrante da Organização Internacional de Médicos da Família e do Instituto de Estudos Avançados da USP, e com o climatologista Rafael Rodrigues da Franca, professor do Departamento de Geografia e coordenador do Laboratório de Climatologia Geográfica, ambos da Universidade de Brasília.*

Como vimos no primeiro episódio analisado de *O Assunto*, os dois especialistas convidados geralmente servem a interesses distintos da narrativa. Na temática da desigualdade de gênero no funcionalismo público, a primeira especialista ancorou a narrativa a partir de sua experiência como mulher e diplomata, enquanto Gabriela Lotta trouxe dados e explicações científicas para o estado de desigualdade no Brasil. Neste episódio sobre ondas de calor,

observa-se um cenário diferente: os dois especialistas partem de bases científicas para responder às indagações de Natuza Nery. Em sua primeira pergunta, a apresentadora inclusive faz referência a uma expressão do senso comum brasileiro, “morrer de calor”.

**Natuza Nery (1:50)** - *Mayara, eu começo te fazendo uma pergunta muito simples, mas que é muito séria: dá para morrer de calor?*

A médica então responde com embasamento científico que é possível que um ser humano morra por causa do calor. Essa tensão entre um senso comum e o saber especializado é muito interessante na narrativa. O episódio se esforça em transformar a participação da médica em uma entrevista de utilidade pública, como o que acontece em programas matinais da TV aberta, em que profissionais da saúde tiram dúvidas ao vivo da audiência. Vejamos um segundo exemplo.

**Natuza Nery (4:45)** - *Eu queria tirar uma dúvida com você. Insolação, quando eu era pequena, era quando eu tomava sol demais. É exatamente isso? E mais, como é que uma pessoa consegue diferenciar a insolação de uma febre? Dá para identificar?*

A abordagem à especialista é sutil, girando em torno de questões sobre funcionamento do corpo humano durante o período ao sol, como se comportar durante as ondas de calor, o que comer, a importância da hidratação entre outros aspectos. Também é possível identificar um esforço da médica em responder a indagações de maneira clara, em linguagem acessível, como também vemos nos programas de TV.

**Mayara Floss (05:10)** - *Então, a insolação não necessariamente tem a ver com o sol, né? A insolação tem a ver com estar em temperaturas extremas. Então eu posso ter uma insolação estando na sombra. Mas geralmente o profissional de saúde vai ver... ah tem infecção, tem tosse, está com outros sinais que possam fazer pensar numa febre. Não tinha nada, a pessoa estava saudável, hígida, aí ela começa a ficar ruim, começa a ter uma temperatura que sobre muito do corpo... então vivendo uma onda de calor a gente tem que pensar em estresse por calor ou até uma insolação.*

A primeira ótica do programa reafirma uma tradição jornalística de sempre dedicar espaços para temas como saúde, sendo ela uma das editorias mais clássicas do jornalismo, apoiando-se quase que inteiramente na participação de especialistas. A participação da médica pode ser observada sob o ponto de vista da utilidade que sua mensagem pode ter na vida dos

ouvintes. Mesmo falando a partir de uma base científica, sua participação baseia-se em dar recomendações e responder questionamentos sobre saúde durante épocas de calor.

O mesmo não acontece quando o climatologista Rafael Rodrigues entra na narrativa. Sua participação cumpre o papel de dar ancoragem técnica na discussão. Ele começa por caracterizar o que é de fato uma onda de calor, e estabelece um panorama de causas e consequências dos eventos.

**Rafael Rodrigues (17:10)** - *A onda de calor fenômeno climático que é compreendido a partir da ocorrência de um desvio climático, por uma sequência de dias, ao menos cinco dias seguidos nos quais a temperatura média está pelo menos a cinco graus acima da normal climatológica. Então, por exemplo, a gente está no mês de setembro aqui em Brasília, onde a normal climatológica de temperatura máxima é de 29°... se nós tivermos uma sequência de cinco dias pelo menos em que a temperatura máxima atinja ou supere os 35 ° nós consideramos que estamos vivendo uma onda de calor (...)*

A apresentação de conceituação técnica é um dos fatores que ajudam a construir os sentidos de especialidade em torno do climatologista. Porém, a participação de Rafael Rodrigues não tem a mesma importância dentro do episódio. Se compararmos o tempo de fala dos dois convidados, veremos que a médica fala por mais de 15 minutos, enquanto que o climatologista por menos de 10 minutos.

#### **Quarta-feira, 27 de setembro de 2023 - Punição de militares por atos contra a democracia.<sup>32</sup>**

Descrição do episódio: *O envolvimento de militares nos atos golpistas de 8 de janeiro foi pauta de reunião entre o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, e os comandantes do Exército e da Aeronáutica. Desde janeiro o chefe do Exército prometeu punir militares por participação no atentado à democracia. Mas até agora nenhum oficial de alta patente foi responsabilizado. Para entender os caminhos e a importância de punir militares – tanto na Justiça comum quanto na militar, Natuza Nery conversa com o advogado constitucionalista Jorge Folena, e com o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, professor da UFRJ que foi assessor do Ministério da Defesa por quase 20 anos. Neste episódio: - Jorge explica os crimes envolvidos nos ataques e os mecanismos para punir os oficiais de alta patente: “não é um delito militar,*

<sup>32</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/43P3dOERv81n3YC0BZIZtd?si=jJ4enuN8QYy-kjGofmenqg>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2024.

*é um delito de natureza comum”, diz, portanto, cabe à Justiça comum julgá-los criminalmente. Ele explica, no entanto, que a Justiça Militar pode analisar os casos e caçar as funções dos envolvidos; - Francisco Carlos analisa o atual ambiente político para uma eventual punição: “nunca foi tão favorável e oportuno prender pessoas que tenham atentado ao estado democrático de direito”, afirma; - O historiador conclui sobre a importância de punir militares que atentam contra a democracia, algo que não aconteceu no pós-ditadura. “[Punir] tem um papel pedagógico. Estão dizendo que daqui em diante atentados contra o estado de direito não serão mais tolerados”, conclui.*

Em mais um episódio com a participação de dois especialistas, Natuza Nery aborda um tema que esteve em alta na semana em que o programa foi ao ar. A punição aos militares retornou à pauta jornalística depois que a delação de Mauro Cid afirmou que militares de alta patente estariam envolvidos em uma trama golpista para cassar o resultado das eleições de 2022. Foram convidados para comentar o assunto o advogado constitucionalista Jorge Folena e o historiador Francisco Carlos Teixeira.

Jorge Folena é apresentado como advogado constitucionalista e doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), ao passo que Francisco Carlos é apresentado como constitucionalista, professor titular da UERJ, especialista em assuntos militares. Interessante notar que o programa destaca o cargo ocupado por Teixeira, como assessor do Ministério da Defesa por quase vinte anos.

A partir da escuta do episódio, nota-se que a participação de Folena ajuda o programa a caracterizar os possíveis crimes cometidos pelos militares. Como advogado, ele explica as punições cabíveis a cada um deles, como perda de função e prisão. Em certo momento do programa, Natuza rejeita as informações de uma delação premiada que vieram à tona, e que supostamente implicava militares, para enaltecer seu trabalho de apuração da notícia.

**Natuza Nery (06:43)** - *É boa a gente até colocar as coisas aqui no lugar, no ponto, a gente tem o conhecimento dessa reunião a partir do que supostamente Cid disse na delação, porque nós não vimos o documento da delação. Porém tem um ponto importante, Jorge, fonte com quem eu conversei, que não tem nada a ver com a delação do Cid, e que acompanharam, estavam no governo Bolsonaro, desde fontes militares até fontes civis, confirmam a existência de pelo menos uma reunião. Então a gente nem precisa beber na fonte da delação do Cid para saber que houve uma reunião. Então a gente pode sair da delação de Cid, que nós não tivemos acesso, mas*

*podemos ficar com os relatos que saíram justamente de ex-integrantes do Governo Bolsonaro pra tentar entender o que cabe de punição aí.*

Em uma das respostas a seguir, Folena demonstra um cuidado da análise ao dizer que delação não se trata de prova, o que na nossa percepção caracteriza uma tensão entre a tentativa apressada do jornalismo de colocar os militares como de fato participantes de uma reunião com caráter golpista e o saber especializado do Direito que prega a presunção de inocência. Na intervenção seguinte, Natuza ainda diz que caberia a Mauro Cid provar o que disse em delação, o que é afastado por Jorge Folena, já que segundo o advogado caberia à investigação do Ministério Público.

**Jorge Folena (10:33)** - *Nós estamos no campo da delação, né? A delação não é prova. Tanto a lei, quanto a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal são firmes em dizer que a delação por si só não é suficiente para a condenação.*

**Natuza Nery (10:45)** - *Ou seja, ele precisa provar tudo aquilo que ele está dizendo na delação.*

**Jorge Folena (10:51)** - *Quem tem que provar, né? é a investigação, é a polícia e o Ministério Público (...). Eles é que tem que a partir dos elementos apresentados na suposta delação que está aí, que apresentou elementos, evidências, indícios... agora caberá à polícia e ao Ministério Público aprofundar essa investigação e buscar a confirmação desses fatos.*

A presença de Jorge Folena deixa claro que o episódio necessitava de alguém que explicasse as implicações jurídicas do tema. Podemos perceber essa necessidade quando Natuza Nery se despede do especialista.

**Natuza Nery (15:15)** - *Jorge, muito obrigada pelas suas explicações, tirou uma série de dúvidas da minha cabeça, foi um prazer ter você aqui.*

**Jorge Folena (15:24)** - *Da mesma forma, Natuza, um abraço para vocês todos que estão aí trabalhando, tá? Um bom trabalho para vocês.*

Já a participação do historiador Francisco Carlos se inscreve de outra maneira na narrativa do episódio. O aparato histórico que ele mobiliza em sua análise contextualiza a tensão que há atualmente entre militares e governos democraticamente eleitos no Brasil. Diferente de Folena, que ofereceu uma base jurídica para as discussões, Francisco oferece à narrativa um gesto de memória para ajudar em sua análise do presente. Vejamos

**Francisco Carlos (25:28)** - *Natuza, isso que é importante, esse passado, essa memória que não passa. Quer dizer, não é só na ditadura militar... em 1945, quando foi derrubado o Estado Novo, não houve punição, não houve culpabilização daqueles anos e anos com torturas, prisões, desterros, campos de concentração que houve no Estado Novo. Inclusive, a polícia especial de Filinto Muller foi toda incorporada à polícia do distrito federal. Figuras como o próprio Filinto Muller foram eleitos senador, inclusive para conspirar para 64 ter o golpe militar, né? E no final da ditadura militar nós tivemos o decreto da anistia de 1979, que não puniu torturadores, sequestradores, homicidas, ocultadores de cadáver, gente nesse sentido. O que nós vemos agora, principalmente nos julgamentos do Supremo Tribunal Federal, que alguns estão considerando muito severos, penas muito pesadas, mas elas têm acima de tudo um papel pedagógico. Elas estão dizendo que daqui em diante, atentados contra o Estado de Direito não serão mais tolerados como nesse pesado passado brasileiro.*

Além de sua capacidade de criar um panorama histórico para o programa, Francisco deixa transparecer um conhecimento técnico sobre a organização do Ministério da Defesa, o que na nossa percepção deve advir de seus quase vinte anos como assessor da pasta. Mas essa relação pessoal com o tema não é mobilizada pelo especialista para construir um sentido de especialidade também baseado na experiência. Sua contribuição para o programa parece se pautar em conhecimentos técnicos de sua formação enquanto historiador.

### **Quinta-feira, 5 de outubro de 2023 - O caos no Congresso dos EUA.<sup>33</sup>**

Descrição do episódio: *Em medida inédita, a Câmara dos Deputados dos Estados Unidos destituiu seu presidente. O republicano Kevin McCarthy enfrentou uma rebelião de colegas de extrema direita do partido, e 8 votos foram decisivos. O cargo deve ficar vago até 11 de outubro. Mas, até lá, os trabalhos na Casa ficam congelados, pressionando ainda mais o já instável governo do presidente Joe Biden. Para entender as causas da deposição inédita do presidente da Câmara e o que isso representa para a eminente disputa presidencial no país, Julia Duailibi recebe Carlos Poggio, professor do Departamento de Ciência Política do Berea College, no estado americano do Kentucky. Neste episódio: - Carlos expõe como a situação de McCarthy à frente da Câmara sempre foi complicada. O republicano demorou 15 rodadas para*

33

Disponível

em

<<https://open.spotify.com/episode/2VIOzi7DtUv7azydi0a01E?si=zsLoGZhwOIGCEkWvotkDFA>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2024.

*ser eleito presidente da Casa, com seu partido tendo “maioria magra” no parlamento. “De alguma forma estava destinado a ser uma presidência bastante fragilizada”, afirma, com o Partido Republicano em estado de “completa desordem”; - O professor fala do papel do deputado trumpista Matt Gaetz e de outros 7 republicanos na queda do colega de partido. Para ele, os deputados de extrema direita que votaram pela destituição de McCarthy buscam “se posicionar dentro do partido para se consolidar” em seus distritos eleitorais, copiando a estratégia do ex-presidente Donald Trump. “O importante é conseguir a atenção e que se fale deles”, diz; - Carlos comenta o “vácuo de poder” no Congresso e como fica a governabilidade: sem um presidente, a Câmara fica paralisada, no momento em que há “pressão do relógio” por decisões importantes, como ajuste no orçamento para manter o governo funcionando. “Fica claro como o processo de polarização política extrema é prejudicial”; - Ele conclui falando das consequências na disputa presidencial de 2024, quando Joe Biden e Donald Trump podem voltar a se enfrentar. Para ele, as consequências de um Congresso parado podem ser uma má notícia para Biden, presidente que vive um momento de turbulência também na área econômica. Mas pondera que eleitores independentes podem ver no Partido Republicano “uma completa desordem provocada pelo trumpismo”, afastando votos decisivos na disputa eleitoral.*

O episódio aborda a crise no Congresso americano depois da destituição do presidente da Câmara dos Deputados, Kevin Mc Carthy. Dessa vez, o programa é apresentado por Júlia Duailibi<sup>34</sup>, jornalista da *GloboNews*. O episódio traz a participação de apenas um especialista, diferentemente dos outros três episódios que analisamos anteriormente.

Neste episódio, percebemos que a convocação de Carlos Poggio apresenta duas instâncias de especialidades. A primeira é por causa de sua formação e profissão, doutor em Ciência Política e professor da mesma área; a segunda é por proximidade, já que é professor do Berea College, no estado americano do Kentucky. Nesse sentido, o critério de escolha de Poggio para participar do programa fica muito evidente. Suas colocações trazem detalhes muito específicos de quem está em solo americano e por causa do interesse ou profissão acompanha o dia a dia da política estadunidense.

---

<sup>34</sup> Júlia é apresentadora e comentarista da *GloboNews*. É formada em jornalismo pela Cásper Líbero e em Administração Pública pela FGV. Trabalhou em grandes jornais do país, como Jornal da Band, Folha de S. Paulo, Veja, O Estado de São Paulo e Revista Piauí. Atualmente também escreve para o seu blog de política no gl.

**Carlos Poggio (03:08)** - (...) ele [Kevin McCarthy] já tinha uma situação bem frágil que eu acho que deriva não apenas dessa dificuldade que ele teve para ser eleito dentro do próprio partido, **mas vamos lembrar** que nas eleições de meio de mandato de 2022 os republicanos conseguiram uma maioria na Câmara, mas uma maioria muito magra (...)

Ao utilizar a expressão “*vamos lembrar*”, fica evidente que se trata de um assunto da preferência e do qual ele é um especialista e acompanha diariamente enquanto vive nos Estados Unidos. Fica claro que, para além dos saberes da Ciência Política, Poggio compreende os meandros do sistema político dos EUA, oferecendo à discussão apresentada por Julia Duailibi não somente o conhecimento teórico, mas também uma visão prática e atualizada dos acontecimentos políticos em curso. O especialista também realiza uma análise conjuntural, como na questão da relação dos EUA com China e Rússia.

**Carlos Poggio (25:28)** - *Quando digo que isso é prejudicial para a democracia americana, né? Isso é prejudicial para o funcionamento de questões básicas inclusive do governo americano, o que faz com que, por exemplo, países como China e Rússia olhem essa questão com muito interesse, né? Imagino que em Pequim, que em Moscou possamos ouvindo até as risadas que estão vindo de lá com essas questões que tem acontecido no governo norte-americano, que de alguma forma a gente está numa situação geopolítica que há uma disputa ampla, né, principalmente entre EUA e China, que no fundo é também uma disputa sobre modelos que funcionam. Então se a gente começa a ver problemas no funcionamento do modelo político norte-americano, modelo democrático, isso dentro desse contexto de política também com a China (...) acaba fragilizando um pouco a posição dos EUA no ambiente internacional nesse contexto.*

Além de especialista sobre a questão específica que envolve um saber político científico, Poggio oferece também comentários que dão um panorama geral da notícia. Dentro do episódio, é possível observar sua capacidade de analisar as tendências históricas e as mudanças estruturais que afetam o Congresso americano, contextualizando a crise dentro de um panorama mais amplo. Seja discutindo a polarização política, a influência do Partido Democrata, as reformas legislativas ou as relações entre o Congresso e os outros poderes do governo, sua expertise oferece uma compreensão aprofundada das complexidades do sistema político dos EUA. Em nossa percepção, a presença de Carlos Poggio não apenas enriquece o debate com informações precisas e atualizadas, mas também ajuda a evitar simplificações excessivas ou análises superficiais por se tratar de um tema externo ao Brasil e à imprensa brasileira.

**Sexta-feira, 13 de outubro de 2023 - Israel x Palestina: a história do conflito.**<sup>35</sup>

Descrição do episódio: *O ataque terrorista do Hamas sobre o território israelense deu início a mais um capítulo de uma disputa milenar pelo controle da região que é berço das três maiores religiões ocidentais. Para abordar e explicar essa história de expulsões, perseguições, conflitos militares e terrorismo, Julia Duailibi entrevista Guilherme Casarões, professor da FGV-SP, doutor em ciência política, mestre em relações internacionais com especialização em nacionalismo judaico e pesquisador convidado da Universidade de Tel Aviv. Neste episódio: - Casarões recupera a história de milênios de ocupação de Jerusalém e seus arredores. Ele lembra que a tradição judaica reivindica mais de 5 mil anos no local que hoje compreende o Estado de Israel; mas que também os palestinos argumentam que já estavam lá desde os cananeus, há 10 mil anos; - Ele aponta que o início do conflito moderno se deu na virada do século 19 para o século 20, num momento em que despontam o sionismo e o nacionalismo árabe: “É quando começam aparecer os projetos nacionais como projetos políticos”. E completa que a disputa escala de nível com o plano de partilha proposto pela ONU para a criação dos Estados israelense e palestino - o que nunca aconteceu; - O professor descreve os efeitos das guerras dos Seis Dias (1967) e do Yom Kippur (1973) na formulação “da dinâmica que rege até hoje esse conflito” - com a primazia do domínio israelense sobre o território -, e como elas repercutiram para o crescimento da Organização para a Libertação Palestina; - Casarões explica as duas principais tentativas de acordo de paz entre Israel e os Estados árabes. O primeiro no Camp David (EUA) ao fim da década de 1970 entre Israel e Egito. E o segundo assinado em 1993: o Acordo de Oslo, entre as autoridades israelenses e palestina, definiria a divisão definitiva dos territórios entre os dois Estados. Nos dois casos, o processo de entendimento foi interrompido pelo assassinato de lideranças políticas por extremistas; - Por fim, ele comenta o aumento das tensões resultante da eleição do grupo terrorista Hamas como representante do povo palestino da Faixa de Gaza – resultado da única eleição realizada por lá, em 2006: “Vira uma guerra interna entre o Hamas e o Fatah” - organização palestina moderada.*

---

35

Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/6PNHUrAvkdhHbfikRLcCAj?si=rBI0IbCXR86Zjik26C7M3Q>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2024.

Guilherme Casarões é o convidado de Júlia Duailibi para analisar o conflito entre o governo de Israel e o Hamas. O episódio parece ter o objetivo de contextualizar a audiência como em uma aula de história. De maneira didática, Casarões oferece uma análise aprofundada dos personagens, raízes históricas, políticas e sociais do conflito, como podemos observar no fragmento a seguir.

**Júlia Duailibi (00:52)** - *Casarões, é importante a gente começar essa conversa tratando do que é sagrado tanto para os palestinos, quanto para os israelenses. Qual é a conexão que esses povos têm com o território que fica entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo?*

**Guilherme Casarões (00:58)** - *Júlia, a resposta vai depender pra quem você pergunte. O povo judeu, ele tem uma relação histórica com a terra, que compreende hoje o estado de Israel, talvez um pouco mais também, pegando um pedaço da Cisjordânia, chegando até a faixa de Gaza. A civilização judaica surgiu ali, a sociedade que hoje se considera judia tanto etnicamente, quanto em termos religiosos, já está no seu calendário desde no ano 5773, ou seja, faz muitos e muito milênios que os judeus estão ali e reivindicam um vínculo histórico com a região. A questão é que os judeus foram expulsos de suas terras pelos menos duas vezes na história: uma que foi na época de Moisés, quando os judeus foram expulsos pro Egito, depois voltaram pra sua terra. E a outra foi na época do império romano, onde começou aquilo que a gente chama de diáspora da época moderna.*

A análise feita por Guilherme Casarões ancora a narrativa em termos históricos e conceituais. Percebe-se que o episódio é baseado quase que inteiramente na análise do especialista, que aproveita essa liberdade para contar uma história longa e muito embasada sobre o conflito, apontando os efeitos do conflito para a ONU e o resto do mundo. Em certa altura da narrativa é possível até questionar se a produção do programa não deveria optar por outra forma de entrevista, que não dependesse tão exclusivamente de um só especialista.

Em relação à pauta, as/os especialistas convocados pelo *O Assunto*, participam da narrativa reafirmando certas convicções do programa em relação ao assunto abordado. Não há, como vimos, nenhum esforço para se contrapor ideias ou análises dos fatos, mesmo em episódios em que há a presença de dois convidados. O *podcast* comandado por Natuza Nery, como foi possível perceber durante o exercício de escuta, assume mais explicitamente o lugar de um jornalismo interpretativo, por vezes até simplório, para enaltecer o saber especializado de seus entrevistados. Fica evidente que toda a pauta é feita a partir de uma orientação estratégica sobre quem é o/a especialista do dia, o que reafirma ainda mais a necessidade do

programa de se colocar como um jornalismo totalmente dependente desse tipo de agente da informação.

### 3.1.3 Viva Voz

**Segunda-feira, 11 de setembro de 2023** - Decisão de Toffoli pode provocar efeito cascata se mantida pela segunda turma do STF.<sup>36</sup>

Descrição do episódio: *Associações de procuradores e juízes decidiram recorrer à decisão do ministro, que invalidou as provas do acordo de leniência da Odebrecht. Agora, ela será avaliada pela Segunda Turma do STF. Vera Magalhães conta que a tendência é que ela seja chancelada. Mas, mesmo assim, alerta que muitos pontos precisam ser esclarecidos para evitar um efeito dominó.*

O primeiro episódio a ser analisado do *podcast Viva Voz* trata da decisão do Ministro Dias Toffoli que suspendeu a validade de provas em um acordo da Lava-Jato. A dinâmica de acionamento do especialista é muito diferente da que vimos no *O Assunto* e no *Café da Manhã*, a começar pelo tratamento dado à comentarista Vera Magalhães. Os apresentadores Rodrigo Bocardi e Carolina Morand dispensam apresentações à especialista, uma vez que, como apresentamos anteriormente, ela é a comentarista fixa do programa, os episódios giram única e exclusivamente em torno de sua explanação. O programa não possui apenas uma temática, como poderemos verificar nos fragmentos extraídos do episódio.

**Vera Magalhães (08:19)** - (...) *O ministro Gilmar Mendes também comparou as prisões preventivas da Lava Jato a torturas para obrigar as pessoas a delatarem. E agora o que a gente vê é alguém que ficou preso muitos meses e que fecha um acordo de delação e é imediatamente colocado em liberdade. Então todas essas coisas nos mostram que delação no colo do outro é refresco, no olho do outro é refresco, para todos os lados envolvidos, e isso não poder ser assim, né?(...)*

**Rodrigo Bocardi (08:43)** - *E aí como faz para evitar isso?*

---

36

Disponível em <<https://open.spotify.com/show/7Mi7K6uugS4FtH42Ih1f9Y?si=12ef85d092684d42f126df655ss6516>> Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

**Vera Magalhães (08:50)** - *Tem que normatizar o instituto da delação, Bocardi. O que vale pra Chico tem que forçosamente valer para Francisco (...).*

**Carolina Morand (12:41)** - *Ô Vera, ainda nessa linha, no fim de semana, a Advocacia Geral da União anunciou que vai investigar o jornalista Alexandre Garcia por propagar fakenews. Ele de fato divulgou informações totalmente absurdas e descabidas sobre as enchentes no Rio Grande do Sul. Mas esse expediente encontra amparo legal?*

**Vera Magalhães (12:58)** - *Eu acho que ainda não Carol. A gente não tem aprovado o projeto PL das Fakenews, ele não foi aprovado, está parado no congresso (...)*

É possível perceber que Vera opera em uma perspectiva diferente dos outros especialistas que analisamos, pois, em vários momentos, não se constrange com a utilização de juízos de valor e ideias de senso comum largamente difundidas na sociedade. Por vezes no episódio, ela assume o papel de defensora de certas ideias, valores ou posicionamentos políticos, como vimos acima na sua resposta sobre a questão da delação premiada. É possível notar também a utilização de jargões populares que a aproxima de uma ideia de colunismo social.

**Terça-feira, 19 de setembro de 2023** - *Interseções de Lula e Biden na ONU são para ‘inglês, russo e chinês verem’<sup>37</sup>*

Descrição do episódio: *Os discursos de Lula e Joe Biden nesta terça-feira (19), na Assembleia-Geral da ONU apresentaram similaridades quanto a reformas, mas quantas essas interseções, de fato, existem na prática? Para a comentarista Vera Magalhães, são bem menos do que pode parecer.*

O episódio tem início com bate-papo interessante entre os apresentadores. É possível notar que os três fazem uma espécie de reunião de pauta antes do programa, cujos temas parecem ser definidos por Vera Magalhães.

---

<sup>37</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/show/7Mi7K6uugS4FtH42Ih1f9Y?si=f5da6c7129904e94>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

**Rodrigo Bocardi (01:40)** - *Seis horas e seis minutos então, vamos lá com sua pauta, com sua sugestão: Lula na ONU. Quais foram os principais pontos do discurso dele, Vera, conta pra nós.*

Aqui temos um ponto que demarca bem a diferença de utilização do conhecimento especializado na narrativa jornalística. Ao escolher o que vai ser pauta no dia, Vera não só participa do processo de agendamento da notícia, como também se mostra de fato como alguém que escolhe o que irá comentar. Essa liberdade nos lembra mais uma vez os colunistas de jornal que não estão expostos a nenhuma pressão temática por parte da mídia informativa. A eles é reservado um espaço de livre manifestação de suas análises e comentários. A seguir, veremos que ela está de fato deslocada de qualquer apego rígido ao fato noticioso, operando mais numa lógica de análise e opinião

**Vera Magalhães (01:57)** - *Bom, foram alguns, Bocardi. Muita gente falou em três pilares, eu vejo mais de três, vejo pelo menos quatro, com dois deles se desdobrando em subtemas, né? Um deles é a questão do multilateralismo, a ênfase na defesa do modelo de instituições multilaterais de governança, tanto na economia, quanto na geopolítica, mas ao mesmo tempo uma crítica bem enfática ao fato de que elas não estão se mostrando eficazes, não estão se mostrando a contento e precisam ser reformadas para dar contas de um mundo transformado que não é mais o mundo da Guerra Fria, que tem novos atores e que tem nos países emergentes nações que querem ser ouvidas (...)*

Vera elenca os pontos que considerou importantes no discurso de Lula na ONU. Interessante notar que ela oferece chaves de interpretação mais profundas que o próprio discurso, discutindo-os sob a ótica de questões internacionais importantes como multilateralismo e desenvolvimento de países emergentes. Nota-se que Vera não trabalha a partir de um saber técnico-científico. Quando perguntada sobre o interesse de Brasil e EUA na reforma do Conselho de Segurança da ONU, Vera dá a entender que sua análise parte de sua observação sobre o mundo.

**Vera Magalhães (07:12)** - *Os Estados Unidos, a gente bem sabe, só tiram proveito da forma como essa divisão de poder é feita hoje em dia (...). Ele [EUA], a China, a Rússia, essas grandes potências, não têm interesse nem em reformar os organismos de financiamento, como o FMI e o Banco Mundial, nem mesmo o Conselho de Segurança. Então, acho que, no caso do Biden, é mais uma retórica para inglês, russo e chinês verem do que uma coisa efetiva (...). **Me parece** que, sim, retoricamente eles*

*[Lula e Biden] se aproximam, mas estão a milhas e quilômetros de distância em relação a como fazer essa reforma dessas instituições.*

Fica evidente a liberdade de Vera em propor análises que partem de seus próprios pontos de vista. Ela de fato ocupa a posição de comentarista com enunciações que raramente seriam encontradas na análise de um internacionalista, como Guilherme Casarões, do *O Assunto*, por exemplo. A intenção de Vera parece ser de estabelecer um tipo de comunicação mais popular e próxima de sua audiência.

**Quarta-feira, 27 de setembro de 2023** - Votação urgente do Senado sobre Marco temporal é ‘flagrantemente inconstitucional’.<sup>38</sup>

Descrição do episódio: *Aprovação do projeto que restringe demarcação de terras indígenas e a votação contra casamento entre pessoas do mesmo sexo, ambos assuntos já deliberados pelo STF, escancaram que a ‘animosidade’ entre Judiciário e Legislativo chegou ao ‘ápice’ nesta quarta-feira (27). A comentarista Vera Magalhães define quais são as expectativas caso texto seja aprovado no Senado e explica crise entre poderes: ‘Queda de braço não é boa para o país, não é boa para ninguém.’*

O Marco Temporal foi o tema do episódio do Viva Voz em 27 de setembro. Vera apresenta a inconstitucionalidade do projeto, em função da forma com que o projeto tramitou no Senado.

**Rodrigo Bocardí (00:33)** - *Vera, vamos falar sobre essa questão entre STF e Congresso... tem uma certa disputa aí, mas todo mundo institucionalmente dizendo que não, cada um tem sua opinião e tal, o que demonstra isso mais claramente hoje é essa questão do Marco Temporal para a demarcação de terras indígenas, né?*

**Vera Magalhães (02:18)** - (...) *A Constituição não estabeleceu esse Marco temporal da sua própria promulgação, como aquele a definir se os povos indígenas têm direito a suas terras ou não. (...) Está em total desacordo com o texto da Constituição. [Aprovação pelo Senado] torna o marco temporal a regra para demarcação de terras indígenas e promove uns outros tantos retrocessos na questão dos direitos indígenas: permite garimpo em terras indígenas permite contratos entre os indígenas e não indígenas para exploração do solo, exploração de outras culturas, flexibiliza a*

---

<sup>38</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/show/7Mi7K6uugS4FtH42Ih1f9Y?si=9bf44ff054654dcc>> Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

*política de não contato para povos isolados, permitindo que entidades e outras instituições possam acessá-los quando ficar caracterizada alguma necessidade ou alguma utilidade pública. É um projeto bastante complicado, com muitos retrocessos (...)*

O episódio mostra a regularidade de Vera Magalhães em atuar como uma comentarista política. A jornalista chega a recorrer literalmente à Constituição Federal para comprovar a inconstitucionalidade do projeto.

**Vera Magalhães (02:18)** - *São reconhecidos aos índios sua organização social , costumes, línguas, opiniões e tradições, e os direitos originários (...) sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens, inclusive, portanto, os bens minerais, uso do solo, etc.*

Diferente de outras vezes em que comentou acontecimentos sem nenhum tipo de embasamento técnico, Vera se utiliza agora da Constituição para confirmar a sua análise de que o projeto votado é inconstitucional. Sua estratégia é de afirmar um certo sentido de especialidade ao citar trechos da CF. Essa “especialidade” se inscreve de maneira distinta na narrativa jornalística se compararmos a outros especialistas, como os do O Assunto e *Café da Manhã*.

**Quinta-feira, 5 de outubro de 2023** - Médicos assassinados no Rio: ‘acabou, estado não tem menor controle do que acontece’.<sup>39</sup>

Descrição do episódio: *Após três médicos serem assassinados na madrugada desta quinta-feira (5), na Zona Oeste do Rio de Janeiro, a comentarista Vera Magalhães destaca como o caso escancara a ‘ousadia que o crime organizado atingiu no Brasil. O grupo de quatro ortopedistas veio de São Paulo para um congresso e estava em um quiosque na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, quando todos foram baleados e apenas um sobreviveu e foi hospitalizado.*

No último episódio de análise do *Viva Voz* é possível confirmar algumas de nossas observações sobre a presença de Vera Magalhães nas discussões do programa. Em um

---

<sup>39</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/show/7Mi7K6uugS4FtH42Ih1f9Y?si=b189ea22c3304087>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

fragmento específico do programa, durante a discussão sobre o assassinato de três médicos no Rio de Janeiro, a comentarista mobiliza um sentimento de revolta.

**Vera Magalhães (02:18)** - *Olha, Bocardi, a imagem do país é brutal, né? Pra gente que assiste uma coisa como essa é inexplicável, é um dia em que todo mundo ficou estupefato com a ousadia que o crime organizado atingiu no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e o que isso revela das instituições do estado brasileiro no momento em que a gente está passando no Brasil, é uma situação de anomia estatal. Quando falo de anomia estatal é de um estado em que as normas de conduta estabelecidas como regras para a sociedade não são seguidas, simplesmente são rasgadas e você tem ali um poder paralelo agindo à revelia do estado constituído (...) isso mostra que acabou, que o Estado não tem o menor controle sobre o que acontece. (...)*

Se aproximando muito da revolta popular em torno dos temas da segurança pública, Vera estabelece um contexto para explicar a onda de violência no Brasil, que segundo ela, acontece à revelia de um Estado, que em tese, teria as condições para combater o que ela chama de anomalia. Em tom de clara revolta, Vera relaciona o atual momento do Brasil a um cenário marcado pela violência urbana, corrupção policial e falta de políticas eficazes de combate ao crime. Durante a escuta, marcas de enunciação da comentarista e dos entrevistadores deixam explícito que a pauta é que está a serviço de Vera Magalhães, o que desloca muito a compreensão de especialista que vimos no *Café da Manhã* e *O Assunto*.

### **3.2 Algumas considerações**

No início desta pesquisa, a presença dos especialistas nas diferentes mídias jornalísticas parecia um fenômeno resolvido, indigno de grandes questionamentos. Numa percepção inicial, sua função seria de fácil explicação, fosse pela chave da credibilidade ou até por uma tentativa polifônica, bastante própria ao jornalismo. A leitura de Charaudeau (2013) a respeito dos agentes informadores, guardadas as devidas proporções, concorre para a compreensão do especialista como um personagem pacificado, quase que o grande responsável por salvar a narrativa jornalística de maiores desconfianças. Tão naturalizada é sua participação que os estudos voltados especificamente para o tema são rarefeitos. Se no interior da notícia, estes agentes trabalham para conformar a narrativa, dar credibilidade a ela e aprofundar as discussões, não seria então inútil nos debruçarmos sobre esse fenômeno.

Ao formularmos uma série de questionamentos sobre esses agentes, percebemos que a figura deste elemento tão central para o jornalismo atual provoca duas compreensões distintas, mas combinantes, no interior da prática jornalística e no debate público. A presença deles na mídia informativa denota não somente que tenham uma competência para a análise, mas de que também são alvo de uma confiança estratégica da emissora, o que em partes justificaria a escolha para a participação nos programas. Sob esse ponto de análise, a figura do especialista emerge banhada de um verniz de autoridade para a fala, conferida no enunciado por meio de sua capacidade técnica-argumentativa. Em uma editoria de saúde, como vimos no episódio do *O Assunto*, que tratava sobre as ondas de calor, a tarefa poderá ser de reforçar a importância das medidas de hidratação e cuidados com a pele. Na economia, o desafio poderá ser o de relacionar o corte de juros anunciado pelo Banco Central com a queda no valor dos alimentos e a alta nos níveis de investimentos estrangeiros no país, por exemplo.

Além da autoridade para falar, acreditamos que nossa análise nos ofereceu outra compreensão herdada pelo especialista: a da singularidade para falar. No nosso sentir, essa visão está mais ligada à ideia de segmentação do conhecimento, de uma capacidade de determinada pessoa em falar sobre um fato em razão de ter se especializado em um campo de estudo próximo àquilo que vai comentar. A autoridade do especialista seria então em virtude de um aprofundamento de estudo em alguma área específica do conhecimento? Ou o especialista depende de um reconhecimento público anterior de sua capacidade de argumentação? Estes são alguns dos pontos de tensão que percebemos na reflexão que fizemos a partir da escuta de *podcasts* jornalísticos que utilizam a figura do especialista.

Nosso movimento de aproximação do fenômeno revelou algumas tendências na utilização da/do especialista. Em nosso primeiro esforço, chegamos à fonte externa à mídia, que é acionada pela instância da produção jornalística. Na nossa leitura, esse especialista está assentado na figura de um profissional com domínio técnico-racional da temática. Trata-se de um *agente com conhecimento científico*, comprovado através de formação na área ou destaque público no assunto, como um médico, economista, ambientalista etc. A função desse agente, como nos mostra a análise dos episódios, é dar ancoragem técnico-científica à narrativa. Verificamos esse modo de inscrição dos especialistas na participação de Heloísa Starling, Paulo Artaxo, Gabriela Lotta, Mayara Floss, Rafael Rodrigues, Jorge Folena, Francisco Carlos, Carlos Poggio e Guilherme Casarões. Todos eles foram apresentados pela mídia informativa como estudiosos dos respectivos temas que trataram. Os programas se preocupam em dar detalhes que avalizam a competência técnica dos entrevistados. São apresentados seguidos de sua formação técnica, sendo quase todos pesquisadores dos temas que abordam. Nesse modo de

utilização dos/das especialistas, há uma certa preferência por professores de universidades reconhecidas em território nacional ou internacional, como vimos. Sua aderência à narrativa parece respeitar os limites da pauta, circunscrevendo suas análises a limites técnicos de suas pesquisas e formações acadêmicas.

No nosso modo de entender, a partir do que apreendemos, este tipo de especialista está menos propício a sofrer ou reproduzir as pressões ideológicas ou comerciais das mídias informativas, no sentido específico de manipulação. Não têm a responsabilidade de conformar alguma narrativa, pois estão de antemão comprometidos com um saber técnico anterior e que embasa sua posição pessoal. Pudemos verificar inclusive alguns pontos de tensão entre o saber especializado do entrevistado e as provocações jornalísticas dos apresentadores, como ocorreu na entrevista da professora Heloísa Starling. A externalidade faz com que a especialidade desse se manifeste de maneira anterior à sua fala, uma vez que será apresentado como sendo alguém de renome, algum estudioso, como podemos observar na leitura das descrições de cada episódio disponíveis no *Spotify*.

Também ocupando um modo muito particular na narrativa jornalística, percebemos outro modo de inscrição do especialista na narrativa: *os jornalistas especializados*. No nosso entendimento, a autoridade deste personagem é conferida pela própria mídia informativa. Esse agente é bastante comum no jornalismo televisivo, principalmente nos canais com programação essencialmente jornalística. A partir das aproximações que fizemos, percebemos que ele também atua como um especialista, pois desempenha papel de aprofundamento da notícia. Em nossa observação, esse personagem está bem próximo da ideia de editoria, e por causa disso, tem a “permissão” de comentar, relacionar fatos e propor análises sobre a notícia a partir de sua experiência-vivência.

Recuperemos a participação de César Feitosa, Alexa Salomão e Igor Gielow. A especialização desses agentes está pautada na experiência em determinada temática e são apresentados como tal, basta ver a apresentação de cada um deles na aba de autores do site da Folha de S. Paulo, que destaca César como repórter de política; Alexa Salomão como repórter de economia, finanças, negócios e meio ambiente, e Gielow como repórter de eleições, guerra, geopolítica e assuntos militares. Num primeiro momento de reflexão sobre esses especialistas, pode-nos parecer, que não perdem em especialidade para o profissional acadêmico, por exemplo. Mas isso se dá muito em função da mídia informativa. O *podcast*, pode induzir uma percepção de que acadêmicos e jornalistas especializados não se diferenciam dentro da narrativa jornalística. Entretanto, essas duas formas de utilização do/da especialista operam em estatutos distintos, tanto no saber, quanto no objetivo ao qual são inseridos na narrativa.

Identificamos uma maior prevalência desse uso do especialista por parte da Folha de S. Paulo. Dos cinco episódios analisados, três utilizaram jornalistas especializados. Nesse caso, observa-se que o *podcast* funcionou como uma extensão do site do jornal. Feitosa e Alexa Salomão participaram do *podcast* logo depois de publicarem reportagens com a mesma temática que trataram nos episódios. Interessante notar que para a reportagem, eles funcionam como o profissional repórter responsável pela apuração e redação; já para o *podcast*, a participação desses agentes os coloca como especialistas daquele tema. A participação desses especialistas também revela detalhes sobre a rotina de produção da notícia. Em vários momentos da narrativa foi possível perceber menções ao trabalho de repórter que desempenham, além de elementos de autorreferencialidade em relação ao conglomerado de mídia a que pertencem. Acreditamos que a utilização dos jornalistas especializados não diz somente de um modelo de fazer notícia mais prático e barato. É também uma estratégia discursiva para chamar a atenção para o modo Folha de S. Paulo de produzir discurso sobre o mundo e a realidade social.

Mesmo pertencendo ao mesmo conglomerado de mídia e sendo apresentados pelo jornal como repórteres, há uma diferença entre as *expertises* dos jornalistas especializados convocados para a narrativa do *Café da Manhã*. A participação de Alexa Salomão constrói na narrativa os sentidos de um profissional que cobre editoria de meio ambiente, que pesquisa as tendências do setor e que está em contato com as autoridades no assunto. Ela é a repórter clássica, que propõe pauta, conversa com fontes, apura as informações e constrói o texto. De outro modo opera César Feitosa, muito mais numa lógica de setorista, de aproximação geográfica com o tema. Morando em Brasília e cobrindo o Planalto, ele adiciona à narrativa informativa doses de bastidores da política nacional. Essas minúcias oferecem mais credibilidade à notícia, dando ao seu relato sentidos de proximidade com o acontecimento, de acesso ao que não é revelado do jogo político do Congresso e do Planalto; sentidos de presença jornalística, quase que uma ideia de fofoca institucional.

O jornalista especializado também pode servir à narrativa como um *comentarista* da notícia. Ao analisarmos a presença de Vera Magalhães, percebe-se que, embora ela seja uma jornalista que cobre política, sua participação na narrativa é mais profunda, servindo a um propósito de análise crítica do acontecimento noticiado, como o que encontramos em colunas nos jornais impressos. No nosso sentir, esse agente flutua sobre o conteúdo noticioso e o opinativo. Em Borrat (1989, p. 145), nem sempre há uma fronteira rígida entre o conteúdo noticioso e o opinativo. Segundo ele, a notícia pode ser uma forma de sugerir ao leitor (espectador) a opinião do narrador sobre os diversos personagens e enredo da história. Para o autor há muitas maneiras de direcionar a compreensão do leitor, seja pelo ponto de vista adotado

pelo próprio narrador, por sua preferência por alguma parte de algum conflito, na seleção de fontes e dos dados correspondentes e na forma de apresentar as falas dos atores da informação.

Um apontamento importante de Borrat (1989) nos leva a pensar na capacidade do comentarista em trazer novas chaves de leituras da informação. Segundo o autor, as informações assim comunicadas podem ou não se encaixar nas informações fornecidas nas matérias e quando isso acontece, elas serão então entendidas como complementos ou desenvolvimento das informações que já estão na matéria.

A inclusão de informações no comentário chega, em alguns casos, a enxertar passagens narrativas no texto. O fenômeno é perceptível até mesmo em editoriais e artigos de colaboradores: é mais frequente em colunas. Nesses casos, referindo-se aos mesmos assuntos políticos atuais que os textos informativos, os comentários podem até fornecer versões diferentes daquelas fornecidas pelos relatos informativos. O comentarista de opinião, então, faz um revisionismo histórico com relação ao relato informativo publicado pelo mesmo jornal. (Borrat, 1989, p. 145, tradução nossa).<sup>40</sup>

O agente comentarista figura como especialista a partir de sua experiência e contato com o assunto. Essa relação fica nítida nos programas jornalísticos em que a fala de algum comentarista funciona como complemento, extensão daquilo que foi exibido em alguma reportagem. Vera Magalhães opera em um limiar um tanto quanto estranho para o jornalismo. Há, na nossa visão, um certo embaraço, que faz com Vera figurar como uma “*especialista em quase tudo*”. Percebemos isso a partir dos movimentos que a comentarista realiza dentro de cada episódio, se utilizando de sentidos comuns, sentimento de revolta, e juízos de valor que não encontramos até mesmo nos assuntos mais complexos tratados em n’*O Assunto e Café da Manhã*.

Vera, embora jornalista especializada, está distante da ideia de especialidade que envolve Alexa Salomão e César Feitosa. Seus comentários não deixam claro se sua *expertise* advém de um trabalho de cobertura, de bastidores ou de leitura de outras mídias informativas. Faz ver um intenso esforço de alargar a apuração da pauta a partir de suas próprias escolhas no interior das narrativas. A comentarista claramente quer se colocar na posição de especialista, e parece ter um aval da mídia informativa para tal. Observemos, no entanto, que o *Viva Voz* não a apresenta como pesquisadora de alguma determinada área, como acadêmica ou repórter de algum jornal. Ela é encarada como comentarista, até mesmo pela descrição do programa na

---

<sup>40</sup> No original: La inclusión de informaciones en el comentario llega, en ciertos casos, al injerto de pasajes narrativos en su texto. El fenómeno es perceptible hasta en los editoriales y los artículos de los colaboradores: alcanza su mayor frecuencia en las columnas. En esos casos, refiriendo se a la misma actualidad política que los textos de información, los comentarios pueden llegar a proporcionar versiones diferentes que las proporcionadas por los relatos informativos. El comentarista de opinión hace entonces revisionismo histórico con respecto al relato informativo publicado por el mismo diario.

plataforma de áudio. O espaço ocupado por Vera traz a percepção de uma coluna social, como a que ela escreve no Jornal O Globo semanalmente.

Nossa última constatação acerca da presença dos agentes especializados é a do/da especialista testemunhal. Nesse caso, o agente especializado cumpre o papel que funciona quase como uma testemunha qualificada para o jornal. Dessa condição de testemunha é que se constrói a sua autoridade. Há um aspecto de experiência direta-testemunhal, com a mobilização de memórias em torno de um fato. Se analisarmos a participação de Irene Vida Gala, no episódio *d'O Assunto* em 11 de setembro de 2023, percebemos que ela participa da narrativa em função de uma experiência pessoal vivida, no caso, a inferiorização por ser mulher na carreira diplomática. O mesmo aconteceria com o historiador Francisco Carlos, em função dos seus mais de vinte anos de serviços prestados ao Ministério da Defesa. Entretanto, o episódio em que ele se inscreve não acionou a sua dimensão testemunhal.

A partir de nossa reflexão, percebemos que o agente especialista testemunhal não tem compromisso com a mídia informativa, nem mesmo com alguma ordem pré-estabelecida de enxergar o acontecimento. O que importa para o jornal sobre este agente é que ele comunique sua experiência a partir de algum acontecimento. Há aqui uma noção de pertencimento, seja por uma participação no evento noticiado, seja pela proximidade de alguma condição social. Embora tenhamos identificado sua utilização na narrativa jornalística, o especialista testemunhal carece de maior estudo e aprofundamento para verificar em que medida pode representar de fato uma forma de especialidade dentro do jornalismo, o que não nos é possível investigar mais a fundo nesta dissertação.

Foi possível apreender que o especialista é convocado no jornalismo na esperança de um saber especializado que na notícia se transforme em contextualização e aprofundamento da pauta. O/A especialista é uma construção moldada pelo jornalismo, que decide quem deve ser considerado como tal. Isso pode ser verificado na própria necessidade do jornalismo de apresentar seus especialistas e logo em seguida suas formações técnico-profissionais. Embora o público não tenha capacidade de aferir as competências do profissional, ele recebe a autorização implícita da mídia informativa para participar da construção da informação.

O operador d), ao comparar diferentes *podcasts*, revela que o especialista acaba sendo uma instância legitimadora do próprio jornalismo, reforçando seu lugar "meritocrático" na disseminação da informação. É uma tentativa jornalística de se afirmar como sistema perito, capaz de apreender o mundo, de reunir, analisar e disseminar conhecimento. Mas essa tentativa deixa algumas lacunas. Ao aproximarmos Alexa Salomão, César Feitosa e Vera Magalhães, entendemos que eles se autorizam de maneiras distintas dentro da narrativa. Vera ilustra bem o

lugar mal resolvido que é a utilização dos jornalistas especializados no jornalismo. A ambição jornalística em destilar o real fica evidente na reivindicação de autoridade da jornalista para tudo cometar, tudo aprofundar, tudo contextualizar. Seu estatuto a permite falar sobre vários assuntos, mas a partir de uma autorização de sua mídia informativa.

Nos parece que a autoridade das/dos especialistas é, em grande parte, derivada das instituições jornalísticas para as quais trabalham. Estas instituições conferem credibilidade e visibilidade, permitindo que esses jornalistas sejam reconhecidos como especialistas. Isso cria uma relação de troca: os/ as especialistas influenciam a narrativa jornalística que participam, mas também estão sujeitos às construções de sentido do jornalismo. Essa dinâmica reflete a maneira como o jornalismo constrói e sustenta a figura da/do especialista, usando-a para consolidar seu próprio papel como guardião da informação qualificada e meritocrática.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Mônica; BARTHEL, Michael; PERRIN, André; VOGELS, Emily. #BlackLivesMatter surge no Twitter após a morte de George Floyd. **Pew Research**, Washington, 10 de junho de 2020. Disponível em <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2020/06/10/blacklivesmatter-surges-on-twitter-after-george-floyds-death/>>. Acesso em 23 de junho de 2023.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARNHURST, Kevin. **Contradictions in news epistemology**: how modernism failed mainstream US journalism. *Media, culture and society*. v.17, n.08,2015. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0163443715596504?casa\\_token=nqnuxXXfg-oAAAAA%3AkMvwpD1AtDzZGGEtu\\_Wep8t\\_tOoH-WYq\\_8TteCIqjy28Muaz9cNKS2OfiVxg90t5VvaseCZkX8O-Jw](https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0163443715596504?casa_token=nqnuxXXfg-oAAAAA%3AkMvwpD1AtDzZGGEtu_Wep8t_tOoH-WYq_8TteCIqjy28Muaz9cNKS2OfiVxg90t5VvaseCZkX8O-Jw)

\_\_\_\_\_, The interpretative turn in news. In: *Journalism and Technological Change: Historical Perspectives, Contemporary Trends* ed. Clemens Zimmermann and Martin Schreiber, 2014.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: Reestruturando o podcasting como um novo meio digital de massa. *Quaderns Del CAC*, 41(18), 21–30. 2015.

BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A, 1989

BRAGA, Victor Eduardo. **No descompasso do Jornalismo**: O deslocamento da objetividade, 2007.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

COELHO, Luciana. Afinal, quem é o “especialista”? *Jornal do Campus*. São Paulo. 3 de maio de 2016. Disponível em: Acesso em 8 de julho de 2022.

COSTA PEREZ, María Pilar Martínez; GÁRATE Eva Lus, (2019). El éxito de los podcasts de noticias y su impacto en los medios de comunicación digital. In: *Miguel Hernández Communication Journal*, Vol. 10 (2), pp. 323 a 340. Universidad Miguel Hernández, UMH (Elche-Alicante). DOI: <http://dx.doi.org/10.21134/mhcj.v10i0.314>

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Dimensões da pesquisa sobre podcast**: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). *Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG*, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010. 285 p.

\_\_\_\_\_, Patrick. In : PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso : reflexões para o ensino. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005, p. 11-27., 2005**

\_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso** – modos de organização. Coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008b.

CNN. CNN Arena – 24/03/2023. YouTube, 24 de março de 2023. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=AKmy-hJl3EA&t=1572s&ab\\_channel=CNNBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=AKmy-hJl3EA&t=1572s&ab_channel=CNNBrasil)>. Acesso em: em 09 de abril de 2023.

Enciclopédia INTERCOM de comunicação. - São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudo: Interdisciplinares da Comunicação, 2010. v. 1; 18 x 25 cm

ESTADÃO, Conteúdo. Royalties para locais sem petróleo ferem direitos, dizem especialistas. 27 de julho de 2023. - Disponível em:< <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/07/27/royalties-para-locais-sem-petroleo-ferem-direitos-dizem-especialistas.htm?>>. Acesso em: 2 de agosto de 2023.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **O podcast como gênero jornalístico**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação , vol. 42, pp. 1-14. 2019.

FARIAS, Janete Pinto Cahet. **Mapeamento sistemático da literatura sobre podcasts jornalísticos**: um panorama entre 2004 e 2020. In: ANAIS DO 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/mapeamento-sistematico-da-literatura-sobre-podcasts-jornalisticos-um-panorama-en?lang=pt-br>> Acesso em: 15 de novembro de 2023.

FEITOSA, César. Comandante do Exército sob Bolsonaro relatou apelos golpistas de ex-presidente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 de setembro de 2023. Disponível em<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/09/comandante-do-exercito-sob-bolsonaro-relatou-apelos-golpistas-de-ex-presidente.shtml>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

FERRARETTO, Luiz. **Possibilidades de convergência tecnológica**: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21 Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Itercom, Santos, 2007.

Gil, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. Como elaborar projetos de pesquisa, 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_, KISCHINHEVSKY, M. Rádio (verbete). Em J. M. de M (org.), Enciclopédia Intercom de Comunicação - Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional (pp. 1009 - 1010). São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

HERSCHMANN, M; KISCHINHEVSKY, M. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 37, dez. 2008.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MIRANDA, N. S. **Agentivos deverbais e denominais**: um estudo da produtividade lexical no português. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à UFRJ. 2º. Semestre de 1979.

MIGUEL, Luis Felipe. (1999), “O jornalismo como ‘sistema perito’”. *Tempo Social*, 11 (1): 197-208.

\_\_\_\_\_ (2022). **O jornalismo no novo ambiente comunicacional**: uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. *Tempo Social*, 34(2), 195-216. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2022.195368>

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal**: da forma ao sentido / Maurice Mouillaud; Sérgio Dayrell Porto, [organizador]; Sérgio Grossi Porto, tradução - 3. ed. rev. ampl. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

Natuza Nery estreia na apresentação do podcast O Assunto. G1, 20 nov. 2022. Disponível em <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/11/20/natuza-neri-estrea-na-apresentacao-do-podcast-o-assunto.ghtml>>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.

NERONE, John. History, Journalism, and the Problem of Truth. In: BRENNEN, Bonnie (ed.). *Assessing evidence in a postmodern world: Diederich Studies in Communication and Media*, n. 3. Milwaukee: Marquette University Press, 2013.

NOBRE, Cássia. “O podcast é um formato muito eficiente para comunicar e engajar um público”, afirma Magê Flores, apresentadora do Café da Manhã, podcast da Folha de S. Paulo. **Portal Imprensa**, São Paulo, 13 de agosto de 2019. Disponível em <[https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/82466/o+podcast+e+um+formato+muito+eficiente+para+comunicar+e+engajar+um+publico+afirma+mage+flores+apresentadora+do+cafe+da+manha+podcast+da+folha+de+spaulo](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/82466/o+podcast+e+um+formato+muito+eficiente+para+comunicar+e+engajar+um+publico+afirma+mage+flores+apresentadora+do+cafe+da+manha+podcast+da+folha+de+spaulo)>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

PAGNO, Marina. Pressão alta atinge mais de 30 milhões de brasileiros e mortes aumentam 72% em 10 anos. **g1**, São Paulo, 25 de junho de 2023. Disponível em <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/06/25/pressao-alta-atinge-mais-de-30-milhoes-de-brasileiros-e-mortes-aumentam-72percent-em-10-anos.ghtml>>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Podcast Café da Manhã ganha dois novos apresentadores nesta terça-feira. **Folha de S. Paulo**, 30 jan. 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2023/01/podcast-cafe-da-manha-ganha-dois-novos-apresentadores-nesta-terca-feira.shtml>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

Podpesquisa 2019 – 2020. Associação Brasileira de Podcasters, 2020. Disponível em <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

SALOMÃO, Alexa. Agrotóxico banido na União Europeia dizima milhões de abelhas no Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º de outubro de 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/10/agrotoxico-banido-na-uniao-europeia-dizima-abelhas-no-brasil.shtml>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

Setor de produção de Podcast está em expansão no Brasil. Confira dicas do Sebrae!. **Agência Sebrae**, 05 jan. 2023. Disponível em [https://agenciasebrae.com.br/cultura-empresenedora/setor-de-producao-de-podcast-esta-em-expansao-no-brasil-confira-dicas-do-sebrae/#:~:text=O%20mercado%20de%20Podcasts%20no,8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20pa%C3%ADs](https://agenciasebrae.com.br/cultura-empresendedora/setor-de-producao-de-podcast-esta-em-expansao-no-brasil-confira-dicas-do-sebrae/#:~:text=O%20mercado%20de%20Podcasts%20no,8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20pa%C3%ADs). Acesso em: 03 de novembro de 2023.

SOUZA, Marcos de Moura. Nível de abstenção nas eleições 2022 é o maior desde 1998. **Valor Econômico**, São Paulo, 03 de outubro de 2022. Disponível em <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/03/nivel-de-abstencao-e-o-maior-desde-1998.ghtml>. Acesso em: 26 de junho de 2023.

SCHUDSON, M. Descobrindo a notícia. Petrópolis: Vozes, 2010

TAMBOSI, Orlando. Jornalismo e teorias da verdade. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.30, n.1, p. 35-48, jan./jun. 2007.

Tendências de podcasts para você se aproximar dos seus fãs. Fan Study, 2023, **Spotify**. Disponível em <https://podcasters.spotify.com/resources/research/fan-study#being-heard>. Acesso em: 23 de janeiro de 2024.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. [org.]. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.